

**VINDOS DA EUROPA... SENTIDOS E COMPROMISSOS DE UMA
EXPERIÊNCIA DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO EUROPEU**

Carolina Isabel Pereira Valente Jardim

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Sofia Marques da Silva.

Junho de 2014

Resumo

Face às transformações no panorama político e civil da Europa, o voluntariado juvenil é uma forma de participação cívica não convencional que emerge como problemática ainda pouco aprofundada e bastante relevante na atualidade.

O Serviço Voluntário Europeu (SVE) enquanto campo de ação prioritário apresenta-se quer como espaço de socialização que potencia o encontro e interações entre culturas e nacionalidades distintas quer como uma oportunidade para os jovens se envolverem e participarem ativamente na comunidade. Nos dois projetos de SVE em estudo, o serviço voluntário em instituições locais e a responsabilidade social pelo apoio a uma associação do Comércio Justo, podem desenvolver o sentimento de pertença à comunidade e a participação política num movimento social. Para além de desenvolver competências chave ao longo da vida necessárias para se tornar um cidadão ativo, o contexto multicultural do serviço voluntário é visto como uma experiência de educação não-formal que estimula a aprendizagem pessoal, relacional e intercultural, sensibilizando os jovens para uma cidadania e identidade europeia.

Neste sentido, com o intuito de compreender quais os sentidos e compromissos cívicos dados a esta experiência de voluntariado europeu, parto para um estudo de inspiração etnográfica na Casa da Juventude da zona do Baixo Tâmega. Recorre-se primordialmente à observação participante e à escrita de notas de terreno, sendo que a entrevista etnográfica surge como técnica complementar. Ao longo do estudo procurou-se, a partir das perspetivas dos jovens, identificar as motivações que levaram jovens oriundos de diversos países a voluntariarem-se, compreender, igualmente, a experiência de voluntariado enquanto vivência de cidadania e, por fim, perceber os impactos educacionais desta experiência de voluntariado.

Abstract

In view of the mutations in the European political and civil scene, youth volunteering is an unconventional form of civic participation that is emerging as a very relevant issue today although not thoroughly discussed. As a priority field of action, the European Voluntary Service appears both as a space for socialization which encourages the encounter and interaction between different cultures and nationalities and as an opportunity for young people to get involved and actively participate in the community. The projects of the European Voluntary Service, which deal with volunteer service in

local institutions and the social responsibility of supporting Fair Trade, develop a sense of belonging to the community and of politically participating in a social movement. In addition to developing the skills needed to become an active citizen, voluntary service's multicultural context is seen as a non-formal educational experience that encourages personal, relational and intercultural learning, raising young people's awareness for their European citizenship and identity. Thereby, in order to understand the meaning and civic commitment given to this European volunteering experience, I engaged in this ethnographic approach to the Youth Center in the Lower Tâmega zone. It relies primarily on participant observation and on fieldnotes; the ethnographic interviews were later added as a complementary technique. The study sought not only to identify the motivations that led young people from different countries to undertake a voluntary work, but also to explore the experience of volunteering as an experience of citizenship and to understand the educational impact of this volunteering experience.

Résumé

Compte tenu des [ou] Étant donné les changements dans le paysage [ou] panorama politique et civile de l'Europe, le volontariat des jeunes est une forme non conventionnelle de la participation civique qui se dégage encore peu question détaillée et très pertinente aujourd'hui. Le Service Volontaire Européen (SVE) comme un domaine d'action prioritaire se présente soit comme un espace de socialisation qui encourage la rencontre et l'interaction entre les différentes cultures et nationalités, soit comme une opportunité pour les jeunes de s'impliquer et de participer activement à la communauté. Dans les deux projets étude EVS, le service volontaire dans les institutions locales et la responsabilité sociale en soutenant une association de commerce équitable, peut développer un sentiment d'appartenance à la communauté et la participation politique dans un mouvement social. Ainsi que le développement des compétences clés tout au long de la vie des compétences nécessaires pour devenir un citoyen actif, le contexte multiculturel de service volontaire est considérée comme une expérience d'éducation non formelle qui encourage l'apprentissage personnel, relationnel et interculturel, sensibiliser les jeunes à la citoyenneté et l'identité européenne. En ce sens, afin de comprendre ce que les sens et des données sur cette expérience de bénévolat engagements civiques européennes, le travail à l'approche de l'ethnographie à la Chambre de la jeunesse de la région du Bas Tamega. J'ai eu recours à principalement l'observation participante et la rédaction de notes de terrain, et

l'interview apparaît comme une technique complémentaire. Tout au long de l'étude visait à, du point de vue des jeunes, d'identifier les motivations qui ont conduit les jeunes de différents pays à se porter volontaires, ils comprennent également l'expérience du bénévolat comme une expérience de la citoyenneté et finalement se rendre compte des impacts cette expérience éducative par le bénévolat.

Agradecimentos

Agradeço às palavras que me iluminam, desconcertam e vivificam.

Agradeço às pessoas que trabalham na Casa da Juventude e aos voluntários com quem convive e vive três meses inesquecíveis.

Agradeço aos amigos pelo precioso incentivo, ajuda e ensino. Em especial, ao Welberg Rodrigues, à Vilma Martelo, à Chris Pinheiro e à Maria Maranha.

Agradeço aos meus pais e irmãos pelo carinho e entendimento. Obrigado por me aliviarem as tarefas domésticas!

Agradeço a todos os professores que durante a licenciatura e mestrado foram a chama que incendiou o desejo saber e amar o saber. Em especial, agradeço à professora Sofia Marques da Silva, Isabel Menezes, Elisabete Ferreira, Preciosa Fernandes, Manuel Matos, Rui Trindade, Henrique Vaz, Paulo Nogueira, Amélia Lopes, Margarida Felgueiras, Alexandra Sá Costa, Carlinda Leite, Preciosa Fernandes e Rita Coelho. Os ausentes são também importantes.

Com carinho, agradeço à minha orientadora por acreditar no meu trabalho e por me ajudar a pensar.

Agradeço aos bibliotecários e ao pessoal que trabalha na reprografia pela ajuda e carinho.

Agradeço aos colegas que mesmo numa simples ajuda contribuíram para que este trabalho se fosse edificando. Em especial agradeço ao Cosmin, ao Hugo Santos, à Ana Dias, à Damiana Enes, à Filipa Peixoto, à Sofia Norris, ao Hélder Ferraz, à Francisca Costa, à Telma Pacheco, e tantos outros...

No fundo agradeço a todos os que me inspiraram e ajudaram.

Índice

Resumo.....	3
Abstract	3
Résumé.....	4
Agradecimentos.....	7
INTRODUÇÃO	13
I. PROBLEMÁTICA	19
1.1 O problema da definição de voluntariado	19
1.2 O voluntariado como forma de participação cívica não convencional.....	20
1.3 Cidadania enquanto prática e identidade.....	21
1.4 Os novos contornos do voluntariado	24
1.5 Imaginando motivações para integrar o Serviço Voluntário Europeu:	26
II. PERCURSO METODOLÓGICO	29
2.1 Fundamentando um modo de ver o campo científico	29
2.2 A opção pelo Paradigma qualitativo e abordagens fenomenológicas	30
2.3 Fundamentando estratégias e um modo de praticar	31
2.3.1 A escolha do contexto	31
2.3.2 A escolha do método: a opção pelo olhar etnográfico	33
2.3.3 Da entrada de mansinho... ao imergir no terreno	34
2.3.4 A observação participante e a escrita de notas de terreno	34
2.3.5 Os dilemas da interferência da figura do investigador	36
2.3.6 Tempo de decisões: do distanciar do olhar etnográfico ao aproximar da entrevista ..	39
2.3.7 A opção pela Análise de Conteúdo: fundamentando um modo de análise	40
2.3.8 Preocupações éticas.....	41
2.3.9 O objeto-projeto das Ciências da Educação	42
III. ANTECÂMARA: UMA VIAGEM PELOS OBJETIVOS E VALÊNCIAS DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO EUROPEU	43
3.1 Paragem imprescindível: os dois projetos de SVE alvo do estudo	45
3.1.1 Ilustração e reflexão do projeto “Ao encontro da Comunidade”.....	45
3.1.2 Ilustração e Reflexão do projeto “Por um mundo mais justo!”	47
3.1.3 O ponto onde os projetos se cruzam: a Casa da Juventude	48
IV. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR NUMA EXPERIÊNCIA DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO EUROPEU	51
4.1 Possibilidade de fuga ao desemprego e à precariedade.....	51
4.2 Possibilidade de desenvolvimento de competências e enriquecimento curricular	52

4.3 Possibilidade de ir para o estrangeiro, ter uma experiência de aprendizagem intercultural e multilíngue	53
4.4 Influência de experiências antecedentes em intercâmbios juvenis.....	55
4.5 Possibilidade de auto-satisfação, auto- realização e experimentação: “vou dar este ano para mim”	55
4.6 A exceção à regra: motivação social relacionada com identificação com a filosofia do projeto SVE.....	57
V. SENTIDOS DADOS À PARTICIPAÇÃO NO SERVIÇO VOLUNTÁRIO, NA COMUNIDADE E NO GRUPO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO.....	59
5.1 O projeto “Ao encontro da Comunidade”: os novos contornos do voluntariado	59
5.1.1 Tempo para ajudar e tempo para si	59
5.1.2 Tempo para a ser proactivo	60
5.1.3 Tempo de afetos	61
5.1.4 Tempo para fazer companhia, ouvir e escutar.....	62
5.1.5 Tempo desafiante: a proficiência linguística como obstáculo na relação com os utentes e com os técnicos	63
5.1.6 Tempo de constrangimento: os papéis difusos do voluntário	65
5.1.7 Tempo para relaxar, divertir, e animar: “Não precisam de nós”	67
5.2 Projeto “Por um mundo mais justo!”	68
5.2.1 Oportunidade para desfrutar	69
5.2.2 Oportunidade para a proatividade: da iniciativa idealizada à iniciativa consumada ..	69
5.3 O ponto onde os voluntários se cruzam: a relação com a comunidade	73
5.3.1 Da relação de amizade e entreajuda à participação cívica	73
5.3.2 Obstáculos à participação cívica	75
5.3.3 Do desejo de “dar algo de volta à sociedade” à dificuldade em superar barreiras linguísticas.....	76
5.3.4 Da relação de estranho à comunidade ao refúgio na comunidade de voluntários do Serviço Voluntário Europeu	77
5.4 O ponto onde os projetos se cruzam: a Casa da Juventude	78
5.4.1 Relação entre os voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade”: grupo e formas de cooperação.....	79
5.4.2 Relação entre os voluntários do projeto “Por um mundo mais justo!”	85
Aprender a ser grupo apesar das diferenças	85
VI. O SVE ENQUANTO FORMA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E INFORMAL.....	87
6.1 Aprendizagem pessoal, intercultural, e relacional.....	88
6.2 A cidadania enquanto identidade: cidadania europeia	92

6.3 A cidadania enquanto prática: cidadania ativa	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICE:	114
Excerto de uma nota de terreno	114
Grelha de análise de conteúdo	115

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas o número de pessoas que se dedicam a atividades de voluntariado tem aumentado significativamente, avolumando-se as publicações académicas sobre o mesmo (Wilson, 2012). Enquanto problemática para novos estudos a questão do voluntariado tem assumido uma importância crucial (Council of Europe, 2005). Recentemente, o estudo do voluntariado tem sido alvo de um crescente interesse porque espelha uma perspetiva distinta sobre a natureza da ajuda e de ações pró-sociais (Hustinx *et al*, 2010a).

O voluntariado tem sido definido como uma forma específica de comportamento sustentado, planeado e pró-social que beneficia os outros e ocorre dentro de um ambiente organizacional (Omoto & Snyder, 1995; Penner, 2002). A sua origem etimológica provém do latim *voluns* (escolher) ou *velle* (querer), por isso o voluntário é aquele que age e escolhe de livre vontade voluntariar-se. Porém, o voluntariado é um fenómeno complexo que não está claramente delineado pois estende-se por uma ampla variedade de tipos de atividades, organizações e setores. Por esta razão, a procura da definição de voluntariado é uma tarefa difícil, em primeiro lugar devido à sua ambiguidade. Para a Comissão Europeia (2002) o associativismo, o voluntariado e a mobilidade são modos de participação social e cívica não convencionais e ao mesmo tempo são uma experiência de educação e aprendizagem não formal, fator de empregabilidade e de integração social.

Transformação e reinvenção dos padrões de participação cívica

Nas últimas décadas os jovens têm sido representados como um dos grupos em risco de exclusão da participação cívica e política, sendo rotulados de estereótipos como apáticos, antissociais e absorvidos em si mesmo. Reveladora de um sentido de cidadania em erosão ou em crise, esta representação é justificada por fatores como os baixos níveis de confiança nos políticos e nas instituições políticas convencionais, a baixa participação eleitoral e o pouco conhecimento dos processos políticos (Andolina *et al*, 2002; Weller, 2006; Menezes *et al.*, 2012). No entanto, a ideia de que os jovens não se envolvem e não se querem envolver civicamente cinge-se a uma definição de participação limitada à arena da política formal, sendo que “as formas de participação alternativas dos jovens são raramente valorizadas como ações legítimas de participação cívica” (Weller, 2006: 557).

A investigação emergente sobre juventude traz uma nova aragem à despolitização dos jovens, sugerindo que os jovens não são apolíticos, apáticos ou não querem participar; pelo contrário, a sua cultura política mudou (Lopes *et al*, 2009). Para Nuno Miguel Augusto (2008) a imagem do aparente desencantamento e desconfiança relativamente aos mecanismos formais de integração política não se trata de alheamento ou apoliticismo mas de uma desinstitucionalização da ação política juvenil. Os jovens parecem preferir formas de participação cívica e política mais informais totalmente divorciadas de qualquer filiação política, ainda que não deixem de ser políticas. O sopro histórico da Primavera Árabe é exemplo da mobilização e capacidade de intervenção dos jovens para propor alternativas políticas e novas formas de ação. Ao clangor das suas vozes reclamavam por uma democracia mais participativa e por uma maior justiça social. Assim, em substituição à participação na política partidária, “as vias não convencionais de participação surgiram como os espaços de revinculação, como o associativismo, o voluntariado” (*ibidem*: 162).

O voluntariado como forma de participação cívica

Para Robert Putnam “o voluntariado é um sinal positivo de envolvimento com a política, e não um sinal de rejeição da política” (2000: 132). Na verdade, o voluntariado é uma atividade educacional informal, de participação cívica, associativa e política onde os jovens têm um papel ativo de participação numa realidade e contexto específicos, podendo transformá-lo. Ao ligar os jovens à comunidade o voluntariado pode permitir desenvolver competências e valores necessários para os jovens se tornarem cidadãos ativos e responsáveis pelas questões que afetam em particular a sua comunidade e em geral no mundo (Nenga, 2012). Não é por acaso que Sofia Marques da Silva e Cristina Queirós afirmam que o voluntariado é “um processo de compromisso político, pessoal e social” (2012: 38). Na verdade, o crescimento de políticas de voluntariado reconhece e confirma o grande potencial dos jovens em envolverem-se nas suas comunidades, e por isso não é de todo surpreendente que atualmente se assista a uma valorização de novas formas de participação como o voluntariado (Menezes *et al.*, 2012).

Tendo em conta que pouco é conhecido sobre o voluntariado adolescente pois os dados sobre voluntariado estão focados nos adultos (Feiring *et al*, 1998), parto para um estudo de inspiração etnográfica focado num grupo de onze jovens europeus voluntários em dois projetos do Serviço Voluntário Europeu (SVE) promovido na Casa da Juventude (CJ) da zona do baixo Tâmega. Durante um ano seis destes jovens participam

no projeto “Ao encontro da Comunidade” e os outros cinco no projeto “Por um mundo mais justo!”.

Devo dizer que a vontade de desenvolver uma investigação sobre o SVE nasceu principalmente da minha experiência pessoal em atividades de voluntariado e em intercâmbios internacionais de curta duração que tenho integrado desde a adolescência. O SVE é um programa criado pela Comissão Europeia em 1995, e financiado pelo Programa de Juventude da União Europeia, sendo o único maior suporte do serviço voluntário internacional para a compreensão internacional. Para a Comissão Europeia “o objetivo do SVE é desenvolver a solidariedade e promover a cidadania ativa e a compreensão mútua entre os jovens” (2002: 57). Assume-se quer como oportunidade de fazer serviço voluntário em comunidades vulneráveis através de atividades lúdicas, formativas e culturais, quer como espaço de socialização que potencia o encontro e interações entre culturas e nacionalidades distintas. Para além de fomentar o serviço comunitário, pretende melhorar o desenvolvimento dos participantes, reforçar a cooperação internacional através da aprendizagem intercultural e sensibilizar os jovens para uma identidade europeia (Sherraden *et al*, 2006).

Atualmente o SVE é um campo de ação prioritário a nível europeu, por duas razões principais. Por um lado, os jovens confrontam-se com a perspetiva de uma Europa em envelhecimento que exigirá uma maior solidariedade entre as gerações, e a crise económica e financeira mundial mostrou-nos como é frágil o espírito solidário que fundou a União Europeia. Neste sentido, para a Comissão Europeia, “reavivar nos jovens o sentimento de pertença à sociedade em que vivem e o seu empenhamento em favor dela constitui uma tarefa urgente para a qual uma abordagem modernizada do conceito e da prática da cidadania pode proporcionar uma base sólida” (1999: 8). Por outro lado, como fruto de processos de globalização e mobilidade transcultural, a Europa é um continente cada vez mais multicultural e pluralista. Face ao repercutir da crise das relações sociais, os jovens tem a necessidade de aprender a viver juntos e a relacionar-se uns com os outros fazendo da diversidade entre indivíduos e grupos um fator de compreensão mútua. Para a Comissão Europeia (1999) o processo de socialização multicultural permite beber da pluralidade das outras culturas e ser confrontado com a diferença, condições que estimulam a aprendizagem intercultural. Já o Conselho da Europa (2008) defende que nos dias atuais o diálogo intercultural é uma necessidade para ultrapassar as divisões étnicas, religiosas, linguísticas e nacionais, traçando como horizonte a coesão social e a prevenção de discriminações e exclusões.

Nesta lógica de pensamento, o SVE assume um enorme potencial para promover a compreensão e cooperação intercultural entre jovens de diferentes nações e culturas e para promover a cidadania europeia e global.

A literatura sobre jovens voluntários foca-se principalmente em dois aspetos: a) a personalidade e motivação dos voluntários, e (b) os potenciais efeitos de voluntariado, por exemplo no desenvolvimento moral-político, e na consciência e agência individual (Marta *et al*, 2006). Tendo em conta que o estudo sobre a construção de significado do voluntariado não tem merecido a devida atenção até o momento (Schnell & Hoof, 2012), defino como grande questão de investigação: que sentidos e compromissos são dados a uma experiência de SVE?

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- Compreender que sentidos e compromissos são dados a uma experiência de SVE.
 - Identificar quais as motivações que levam os voluntários a voluntariarem-se
 - Compreender a experiência de voluntariado enquanto vivência de cidadania
 - Como é que os voluntários experimentam o voluntariado, e o que significa para eles ser voluntário? Como se desenha a relação estabelecida com os beneficiários do serviço voluntário e com a comunidade? Que formas e carácter assume o compromisso cívico que os jovens escolhem seguir? Como é que os jovens se veem enquanto atores cívicos? Qual a natureza da relação entre os voluntários num contexto multicultural? Qual o papel da aprendizagem intercultural?
 - Perceber quais são os benefícios e impactos da experiência de voluntariado.

De uma forma geral este trabalho é uma espécie de continuidade de uma longa tradição no campo das Ciências da Educação de estudos sobre a cidadania e a participação cívica e sobre a diversidade cultural e multi/interculturalidade. De forma a honrar os

investigadores da “casa” (FPCEUP) destaco os contributos de Stephen Stoer, Luiza Cortesão, Helena Araújo, Natércia Pacheco, Isabel Menezes, e Sofia Marques da Silva.

No que se refere ao voluntariado, ele é objeto de estudo de diferentes disciplinas, como a economia e a sociologia, sendo que cada disciplina atribui diferentes significados e funções ao voluntariado. Como tal, não há um consenso sobre quais são as perspetivas teóricas mais adequadas ao seu estudo (Hustinx *et al*, 2010a). Por isso, neste estudo irei privilegiar a perspetiva da Sociologia, da Psicologia Social, da Ciência Política, da Filosofia e como é óbvio das Ciências da Educação. Quanto à metodologia adotei uma abordagem qualitativa, optando pelo estudo de inspiração etnográfica, pois a etnografia permite observar em profundidade a realidade a investigar. Nesta linha assente numa perspetiva fenomenológica interpretativista, para além da observação participante realizei entrevistas etnográficas. Partindo dos discursos juvenis e das suas socializações pretende-se compreender as suas perceções, experiencias e subjetividades no que se refere ao objeto de estudo em causa. Como interpretam o real, tempos e figuras e como perspetivam suas vidas? Como constroem a sua subjetividade, representação de si e do Outro? Que compromissos os jovens têm? Quais os seus significados? Quais são os problemas e desafios que os jovens enfrentam?

De seguida passo a descrever a organização da estrutura do trabalho. No capítulo I, a Problemática desvela a roupagem teórica privilegiada para abordar o objeto de estudo. O capítulo II trata do Percurso Metodológico, onde se clarificam os fundamentos epistemológicos, mas também as estratégias e modos de praticar a etnografia, sem esquecer as surpresas, dilemas e preocupações vividas durante a estadia no terreno. Para adentrar na análise dos resultados, a Antecâmara descreve e reflete pormenorizadamente em que consiste o Serviço Voluntário Europeu e os dois projetos específicos alvos deste estudo. Por conseguinte, o capítulo IV diz respeito às motivações dos voluntários para integrar uma experiência de SVE. O capítulo V aborda os sentidos dados à participação no serviço voluntário, na comunidade e no grupo de trabalho voluntário. O capítulo VI debruça-se sobre o SVE enquanto forma de educação não formal e informal. Por último, nas considerações finais resume-se as conclusões do estudo, meditando-se sobre as mesmas. Em acrescento, lança-se luz sobre o devir da educação e sobre a importância de desenvolver investigação na área da interculturalidade e da participação juvenil por meios não formais.

I. PROBLEMÁTICA

1.1 O problema da definição de voluntariado

O voluntariado é definido de uma forma tão geral que pode facilmente incorporar uma grande diversidade de atividades. Porque há diferentes formas de voluntariado argumenta-se que o voluntariado é muito complexo para ser devidamente abarcado por uma definição consensual (Smith, 2004). Porém, Haski-Leventhal e McLeigh analisaram diferentes concepções de voluntariado consoante a visão dos seguintes investigadores: Ram Cnaan e Laura Amroffell (1994), Ram Cnaan, Femida Handy e Margaret Wadsworth (1996), e John Wilson (2000). Chegou-se à conclusão que o voluntariado revela quatro elementos comuns: “(1) não é obrigatório, sendo realizado de livre vontade; (2) não é pago, ou caso contrário compensado, (3) é uma atividade para o benefício dos outros (que não a família ou amigos), e (4) é feito tanto dentro de um contexto organizacional ou como um comportamento a longo prazo” (2009: 81). Por causa da sua natureza voluntária, não remunerada, e orientada coletivamente, o voluntariado é considerado uma forma excecional de solidariedade social, bem como uma expressão de valores como o altruísmo, a compaixão, a generosidade, a responsabilidade social e o espírito comunitário.

Numa perspetiva sociológica, o voluntariado “é uma expressão fundamental da pertença comunitária e de identidade de grupo, e contribui para a integração social dos indivíduos” (Hustinx *et al*, 2010a: 417). Porém, enquanto fenómeno social, o voluntariado levanta surpreendentes interrogações, dignas de dissecar. O filósofo Lipovetsky argumenta que como “a cultura quotidiana deixou de ser irrigada pelos imperativos hiperbólicos do dever e passou a sê-lo pelo bem-estar e pela dinâmica dos direitos subjetivos, deixámos de reconhecer a obrigação de nos ligarmos a qualquer coisa para além de nós próprios” (1994: 17). Por efeito, os direitos subjetivos do indivíduo, a qualidade de vida e a realização pessoal são as novas tábuas da lei democrática. Na lógica desta “moral indolor”, as exortações imperativas de viver para o outro ou de dedicar-se a um fim superior a si mesmo deixaram de ter ressonância social (Lipovetsky, 1994). Ancorado a esta ética sem obrigações, nem exigências de compromissos, o voluntariado não deixa de evocar a imagem de um barco a remar contra a maré individualista. Será que indivíduos virados para si mesmo podem expressar a vontade de dar mostras de generosidade, solidariedade e responsabilidade social? Eis o paradoxo que merece reflexão.

1.2 O voluntariado como forma de participação cívica não convencional

Ora o voluntariado, mais precisamente o SVE é uma forma de participação cívica que exige que se alargue o conceito de participação cívica e política, como aquela que não é exclusiva da participação partidária. Carole Pateman argumenta que uma cultura de participação cívica ou democrática precisa ir além da mera existência de instituições representativas e de processos políticos formais a nível nacional. Para a autora “a socialização ou ‘formação social’ para a democracia deve acontecer noutras esferas para que atitudes individuais necessárias e qualidades psicológicas possam ser desenvolvidas” (1970: 42). Esta perspetiva reflete a visão de democracia de John Dewey (2007) que não está limitada a atos puramente políticos, mas abrange a vida associada, a troca de ideias entre indivíduos e atividades que são fontes de aprendizagem da cidadania. Para Isabel Menezes e Pedro Ferreira, investigadores com trabalho desenvolvido na área da cidadania participatória, “a participação é relevante tanto por razões pessoais como societais, pois incrementa a tolerância, a confiança interpessoal, o sentido de comunidade e o empoderamento psicológico, (...) mas também a cultura cívica, o capital social e o pluralismo” (Menezes & Ferreira, 2012: 12). Deste ponto de vista, a participação e a socialização dos indivíduos constituem uma função importante da educação. Para o Conselho Nacional de Educação, a nível nacional, “o associativismo juvenil é um importante espaço de aprendizagem, constituindo-se como um estímulo à participação dos jovens” (2001: 17). Neste caso, através do SVE promovido na Casa da Juventude, contexto desta pesquisa, os jovens podem ter a oportunidade de aprofundar relações, conhecimentos e vivências, contribuindo, numa dimensão sociocultural e socioeducativa para se tornarem cidadãos ativos.

É do consenso geral que o voluntariado pode ter uma grande relevância para o desenvolvimento da comunidade e da sociedade civil. Dentro do campo da Ciência Política Sidney Verba, Kay Schlozman e Henry Brady no livro “Voice and Equality: Civic Voluntarism in American Politics” “constataram que as atividades de voluntariado fornecem a muitos cidadãos oportunidades de aquisição de competências cívicas e promovem a participação política” (*in* Hustinx *et al*, 2010a: 420). Estas competências cívicas estão relacionadas com a capacidade de participar efetivamente com os outros no domínio público e de demonstrar solidariedade e interesse em resolver problemas que afetam a comunidade local (Hoskins & Crick, 2010). Ao reconhecer os

problemas da sua comunidade e propor soluções os voluntários podem aumentar o capital social, uma vez que a participação cívica e o voluntariado estimulam a reciprocidade e a confiança social (Haski-Leventhal & McLeigh, 2009).

À luz deste argumento, voltemos a atenção para a atualidade. Em tempos manchados pela competição e pela falência da sociedade comunitária, onde a segurança está em manter as janelas fechadas, que relação os jovens tem com a comunidade? E que imagem farão dela? Terão a ideia de um lugar solidário e aconchegante ao redor da lareira visto como um paraíso perdido a que se espera ansiosamente retornar? (Bauman, 2003). Ou será uma oportunidade de contrariar os tempos na ânsia de participar e colaborar ativamente com os outros? E de que forma é que o voluntário cria e desenvolve a pertença à comunidade e o sentido de responsabilidade social? De que forma é que se vive o espírito comunitário e se envolve na comunidade? Através da convivência, comunicação, altruísmo, relação de ajuda e interconhecimento? Será que se reconhece os problemas da comunidade e se propõe soluções? Terão os voluntários competências e motivação para participar na vida cívica? E quais as influências da individualização e do individualismo na participação na esfera pública e no relacionamento do voluntário com o *Outro*?

Sobre esta questão, Norbert Elias (2004) alerta que o elevado grau de individualização, de independência pessoal e não raramente de isolamento e solidão, que caracteriza o presente tipo de ordem social muitas vezes não é consentâneo com as teias de dependências a que o indivíduo se encontra encerrado. Como tal, ganha ainda mais peso a necessidade de compreender como se vive esta encruzilhada de independência e dependência na relação com a comunidade e no trabalho de grupo entre os voluntários.

1.3 Cidadania enquanto prática e identidade

A cidadania faz apelo à noção de pertença a uma comunidade e à participação na sua vida. Dos cidadãos é esperado terem um papel ativo na “*polis*” (Constantino & Gouveia, 2009). Tendo em conta que os jovens europeus passam a estar durante um país e numa cidade que não a sua, convivendo num contexto multicultural é fundamental compreender quais as suas vivências cívicas e que significados é que atribuem à cidadania e ao seu papel de cidadão.

A cidadania não é um conceito unitário e estático; pelo contrário, ao abraçar várias definições é tão complexo quanto contraditório. Ora a construção dos jovens

como cidadãos convida a uma compreensão mais crítica do que a cidadania significa para além da condição de quem pertence a um Estado ou a uma cidade, pois a definição de cidadania tem um impacto na forma como os jovens são representados e tratados, o que, por sua vez, tem um impacto sobre as suas próprias identidades e visões do mundo (Hoikkala, 2009). Há por isso necessidade de reconceptualizar a(s) cidadania(s) de forma a contribuir para uma visão mais alargada e dinâmica do que a cidadania implica enquanto prática e identidade (McLeod, 2012).

Perspetivas críticas, pós-modernas e pós-estruturais, sugerem uma forma de conceptualizar e investigar a cidadania juvenil e compreender a participação informal como essencialmente cívica e democrática (Tereshchenko, 2010). Nesta lógica, é de todo pertinente voltar à raiz etimológica da palavra cidadania. Do latim “civitas” e do grego “polis”, depreende-se que o cidadão (do latim) ou político (do grego) refere-se ao habitante da cidade que participa na vida pública da comunidade e que demonstra a capacidade de convivência coletiva. Tal como argumenta o sociólogo norte-americano Jeffrey Alexander “a sociedade civil não é apenas um espaço institucional, mas uma rede de entendimentos, uma esfera de solidariedade que surge da comunicação e interconhecimento” (*in* Terren, 2002: 172). O cidadão é aquele que apesar de viver na sua casa, pertence a uma casa maior: a comunidade. É curioso notar que a palavra casamento procede do latim “casa”. Metaforicamente poder-se-á dizer que o cidadão contrai um determinado compromisso, aliança ou responsabilidade com a comunidade e com os cidadãos com quem se relaciona. Como tal a cidadania assemelha-se mais a uma prática ativa do que a uma condição passiva de mero membro de uma comunidade. Os jovens não são “citizens in the making” ou “not yet citizens”, porque podem realizar ativamente essa pertença através da participação nos assuntos comuns da comunidade (Hall, 2000). Face a este quadro, levanta-se a pergunta: como se caracteriza o compromisso cívico dos voluntários?

O Programa de trabalho da Comissão Europeia de 2010 referente à aprendizagem da cidadania ativa afirma que a cidadania ativa deve incluir o desenvolvimento da compreensão intercultural, a aquisição de competência operacional e ambas são melhor adquiridas através da prática e experiência (Hoskins & Crick, 2010). Na verdade, os decisores políticos associam cidadania ativa com oportunidades para praticar um conjunto específico de conhecimentos, competências e atitudes como a autonomia, a responsabilidade, a cooperação e a criatividade (Ten Dam *et al*, 2011).

Podemos então perguntar de que forma é que esta experiência de voluntariado oferece oportunidades para desenvolver as competências, conhecimentos e atitudes necessárias para praticar a cidadania ativa. Que competências são desenvolvidas? Será que a falta de competências impede a participação na comunidade?

Neste novo contexto de globalização e crescente interdependência, onde o global se torna local e o local global, a participação e a cidadania ultrapassam a fronteira do Estado Nação. Para Stephen Stoer (2008), as novas formas de cidadania estão dirigidas para a identidade e não para o território. Hoje os jovens podem identificar-se e participar em várias comunidades, combinando identidades locais, nacionais e supranacionais, e por isso tendem a ser caracterizados como internacionais, globais e móveis: são aqueles que galgam as fronteiras nacionais e prolongam o seu cordão umbilical a outras comunidades sem qualquer tipo de amarra estatal (Kennelly & Dillabough, 2008). Esta cidadania global reflete um sentimento comum de lugar, valores e identidade que clama por pertenças e compromissos que se estendem para lá da nação. Deste modo, mesmo que a conceção tradicional de cidadania de Marshall¹ seja um ponto de referência nos estudos ocidentais sobre cidadania não se adequa à contemporaneidade, pois está presa ao Estado Nação.

Gerard Delanty (2000) afirma que a globalização e como consequência a multiculturalidade clama por novas noções de cidadania que não estejam limitadas às fronteiras geográficas dos Estados Nação. A sua proposta de uma nova prática de cidadania é a ideia de “cidadania cosmopolita”. Ao destacar a esfera pública como “a forma mais básica de comunidade em relação aos domínios políticos e legais da sociedade cívica”, defende a importância da comunicação e do reconhecimento cultural da “diferença” para se construir uma comunidade cívica que saiba lidar com a diversidade cultural (2000: 145). Resgata-se por isso o conceito de cidadania cultural que se define como um processo de aprendizagem que enfatiza as experiências comuns, e as formas de tradução cultural, tendo como principal preocupação. “Trata-se da aprendizagem de uma capacidade de ação e de responsabilidade, mas, essencialmente é sobre a aprendizagem do Eu e da relação entre o Eu e o Outro” (Delanty, 2003: 602).

A Europa enquanto casa comum a uma crescente diversidade de culturas, etnias, costumes, credos e línguas, e face à ameaça de um mundo desumano, mecanicista, e

¹ T.H. Marchall no seu livro “Cidadania, Classe Social e Status” define cidadania como um “status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade” (1967: 76). Este estatuto está imbuído de três direitos: o social, o político e o cívico.

submetido às forças excludentes do mercado, necessita que os seus cidadãos aprendam um conjunto de valores e competências fundamento para serem capazes de conviver neste oceano multicultural. Valores como o respeito das diferenças, ao invés da indiferença, da integração ao invés da segregação, da cooperação ao invés da competição e da solidariedade ao invés do isolamento social. Para se adaptar a este contexto social multicultural, o Conselho da Europa formou um “kit” de formação sobre cidadania que aponta para quatro dimensões da cidadania: política, social, cultural e económica (Hoikkala, 2009). Saliento a dimensão cultural da cidadania, que diz respeito às questões da identidade, da herança cultural comum e da aquisição de competências linguísticas. Em suma, privilegia-se uma abordagem cultural da cidadania, que tem no seu cerne uma preocupação com a necessidade de desenvolver uma cidadania inclusiva que respeite e dialogue com as diferenças (Hart, 2009). Tal como Helena Araújo (2007) defende, falar de cidadania está intrinsecamente ligado à educação do sujeito na relação que estabelece com o *Outro*, pois quando não se consegue dialogar com as diferenças culturais a exclusão e a discriminação social sobressaem. Neste sentido, impõe-se a pergunta: como é vivida a relação entre os voluntários num contexto multicultural? O que os une e o que os separa? Qual é a maior aprendizagem desta coexistência? Por outro lado, tendo em conta que os jovens voluntários têm a oportunidade de aprender a língua portuguesa qual a importância para os jovens da dimensão linguística e da herança cultural? Quais os desafios que esta aprendizagem suscita e qual é a importância dada à mesma na relação com o *Outro*?

1.4 Os novos contornos do voluntariado

As primeiras referências históricas sobre a origem do voluntariado remetem-nos para a influência da religião. Ao glorificar a virtude do amor, incentivavam-se as ações de caridade que ajudassem os mais necessitados. Este paradigma tradicional do voluntariado, comparável à prática de um sacerdócio que se doa a um ser individual ou a uma causa social, contribuiu para formar a ideia do voluntário como aquele que “«deve dar tudo sem receber nada em troca»” (Garcia *cit in* Coelho, 2008: 53). Porém, no novo paradigma da contemporaneidade, influenciado pela individualização e pela cultura individualista, o serviço voluntário não é encarado (apenas) como um sacerdócio, mas também como uma oportunidade benéfica de empoderamento para os voluntários, representando uma mudança significativa no porquê do voluntariado. Assim, para melhor compreender quer o fenómeno do voluntariado quer a conceção

sociológica do compromisso e da participação dos jovens na pós-modernidade, vamos desaguar às motivações que conduzem os jovens a voluntariar-se. O que acontece para fazer com que 11 jovens europeus decidam viajar para Portugal para fazer uma experiência de SVE?

A pesquisa qualitativa parece indicar que a maior parte da retórica sobre o altruísmo pode fazer parte de uma construção social da “conversa do voluntário” (Pantea, 2013). Isto porque “as pessoas que se voluntariam não são necessariamente altruístas” (Yanay&Yanay, 2008). Na verdade, vários estudos desenvolvidos por psicólogos sociais relatam motivações egoístas para integrar uma experiência de voluntariado (Clary *et al*, 1998; Omoto & Snyder, 1995). Em última análise, o voluntariado pode ser solicitado por várias motivações, estando o altruísmo provavelmente entre elas, embora não seja necessariamente um primeiro motivo.

No debate contemporâneo sobre o voluntariado, há uma convicção generalizada de que a natureza do voluntariado, a participação e o compromisso do voluntário se transformou principalmente como resultado dos processos avançados de modernização e individualização. Fruto dos processos de individualização, os indivíduos são os únicos responsáveis da biografia «faça você mesmo». Mergulhados num mar de possibilidades e identificações mutáveis, os jovens tem a liberdade de fazerem um uso “ativo” de sua agência individual e encontrar ou inventar os seus próprios caminhos – desde os valores aos estilos de vida – compondo estratégias de autonomização (Evans & Furlong, 2001).

Para Hustinx e Lammertyn, sociólogos que investigam o fenómeno do voluntariado, “a reflexividade estrutural e individual típica do contexto de voluntariado pós moderno reflete-se no enfraquecimento progressivo das identidades e percursos de vida estabelecidos coletivamente” (2003: 172). Neste mesmo ano, estes autores criaram a noção de voluntariado reflexivo para se referir ao facto do voluntariado estar enraizado no redesenhar ativo e autónomo de percursos de vida e estilos de vida individuais. Mais tarde, Hustinx (2010) traz o conceito de “voluntariado institucionalmente individualizado” para traduzir esta mudança de paradigma. Em suma, defende-se que a decisão de se voluntariar parece estar dependente de preferências e necessidades individuais.

A acrescentar a este argumento, na “modernidade reflexiva” de que nos fala Ulrich Beck a livre escolha é uma faca de dois gumes que implica intrinsecamente mais vulnerabilidade, incerteza e risco. Por um lado, as múltiplas opções disponíveis estão entrelaçadas num enredo social instável que dificulta compromissos, antecipações e

projetos futuros, sendo o indivíduo o único responsável pelas suas próprias escolhas. Por outro lado, o desenhar do próprio percurso de vida é obstaculizado pela posse de competências socioculturais e possibilidades educacionais, que quando estão ausentes criam uma nova forma de desigualdade social (Hustinx & Lammertyn, 2000). Serão as suas decisões para se voluntariar segundas intenções, os seus compromissos organizacionais frágeis e as suas participações na comunidade precárias?

1.5 Imaginando motivações para integrar o Serviço Voluntário Europeu:

Estas questões são como vento que nos leva irremediavelmente a imaginar possíveis motivações para os jovens participarem numa experiência de SVE. De seguida várias interrogações se edificam.

Possibilidade de encalce em formas de participação mais ativa?

As últimas três décadas foram palco de mudanças em várias escalas. Os jovens foram particularmente afetados pelo atual momento de crise global (financeira, política, social e ambiental), partilhando sentimentos de insatisfação, frustração e até revolta em relação ao poder político, ao capitalismo e ao sistema neoliberal. Como fruto desta realidade desencantada que gerou um conjunto de efeitos nefastos como a imprevisibilidade dos percursos de vida, a competição desenfreada e o consumismo, os jovens expressam sinais ora de desalento ora de protesto e resistência civil. Qual o impacto deste panorama sobre a vontade e disposição individual para ser voluntário? Será que os jovens decidem voluntariar-se devido à vontade de participar cívica e politicamente? Será uma forma de resiliência ativista e defesa de uma causa, estilo de vida ou ideologia? Ou será uma forma de exprimir o espírito altruísta, de solidariedade e de cooperação?

Possibilidade de fuga ao desemprego e à precariedade?

A acrescentar a este panorama, o desemprego juvenil avolumou-se excessivamente, e a reestruturação do mercado de trabalho instaurou a precariedade e formas de trabalho flexíveis e híbridas. Para Sofia Marques da Silva esta conjectura ao semear a incerteza e insegurança nos percursos de vida individuais tem contribuindo para implantar nas gerações mais jovens uma “sociedade de des-futurização”, isto é, do fim do futuro e sua banalização, gerando uma sociedade de despropósitos, falta de sentidos e ausência de projetos (2011: 276). Face a isto, será uma surpresa levantar a

hipótese do voluntariado ser uma ponte de escape ao desemprego e à precariedade, em busca de sentidos amputados ou de um projeto coletivo?

Possibilidade de desenvolvimento curricular?

Muitos estudiosos têm argumentado que os indivíduos se voluntariam como um investimento no capital humano. Face às novas exigências do mercado de trabalho que apelam à flexibilidade, à criatividade, e à aquisição de competências relacionais e comunicacionais o voluntariado pode ser usado para ganhar competências úteis para futuras oportunidades profissionais e pessoais (Hustinx, *et al* 2010b). Será o voluntariado visto como uma forma de enriquecimento curricular para diminuir a distância para o mercado de trabalho?

Possibilidade de ter uma experiência intercultural?

A mobilidade e a oportunidade de fazer voluntariado num contexto intercultural único também pode ser uma grande motivação. O voluntariado pode ser visto como uma forma de desenvolvimento pessoal e aprendizagem intercultural através do contato com outras culturas. Será a oportunidades de socializar e trabalhar com jovens voluntários vindos dos confins do mundo uma forte motivação? No fundo destas inquietações empoleiram-se três grandes questões: Que escolhas éticas estarão por detrás das motivações dos voluntários? Serão as suas motivações instrumentais e/ou altruístas? Qual a influência das suas motivações e expetativas no compromisso com a comunidade e na relação com os outros voluntários?

II. PERCURSO METODOLÓGICO

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” Jo 1.1

2.1 Fundamentando um modo de ver o campo científico

Da mesma forma que a estética é uma reflexão sobre a arte, a epistemologia é uma reflexão de caráter filosófico sobre a ciência que se debruça sobre os princípios de pesquisa que legitimam o estatuto do saber científico (Blanché, 1988). Em relação a outras formas de conhecimento a ciência distingue-se pela objetividade do seu método, mais precisamente de um conjunto de procedimentos sistemáticos que permitem refinar e ordenar as sinuosidades que se vão encontrando no objeto de estudo (Kerlinger, 1980). Jean-François Lyotard evoca Ludwig Wittgenstein para honrar a sua definição de método como “jogo de linguagem”, constituído por enunciados prescritivos determinados por “regras que especifiquem as suas propriedades e o uso que delas se pode fazer, exatamente como o jogo de xadrez se define por um grupo de regras que determinam quer as propriedades das peças, quer a maneira conveniente de as deslocar” (*in* Lyotard, 1989: 29).

Na perspetiva kuhniana a ciência «pura» e «madura», é uma atividade humana de «resolução de enigmas», que reflete um «modo de ver» e «de praticar». “O «modo de ver» é dado pelo «paradigma» que define as regras e padrões da prática científica dando os critérios para a escolha de problemas e problemáticas bem como a fonte de métodos. O «modo de praticar» consiste em explorar as possibilidades abertas pelos métodos, técnicas e instrumentos estipulados pelos parâmetros do respetivo paradigma” (Magalhães, 1996: 89). Atrever-me-ia a afirmar que a ortodoxia metodológica e paradigmática aliada à praxis de investigação é tão estimulante como alguém que domina um cavalo a galope por um terreno a desbravar. Ao mesmo tempo que carrega uma bagagem de conhecimentos teóricos que lhe direcionam a visão e a postura, o cavaleiro é surpreendido por novas paisagens e novos problemas. Da mesma forma, o investigador no afã de conhecer a realidade social onde se inscreve confronta-se com inesperadas perplexidades e inquietantes dúvidas, lançando-se na aventura de decifrar indícios e vestígios, conjecturando hipóteses para alcançar a compreensão de uma interrogação.

Ora o estatuto epistemológico das Ciências Sociais e Humanas radica no indivíduo, que não é um mero objeto da terra ou do mar; é um ator social que age e reflete sobre si e sobre o mundo e por esta razão quer o investigador quer o sujeito-objeto são ao mesmo tempo “intérpretes” e “construtores de sentidos”. Esta assunção ética corresponde à declaração de que o conhecimento é intersubjetivo pois é a interpretação da interpretação (Foucault, 1991:164). Nas palavras de Bourdieu, o ponto de vista do investigador é “um ponto de vista sobre um ponto de vista” (2007: 713). Ou seja, por um lado a objetividade da ciência é de natureza social, pois o mundo científico é um mundo social e, por outro lado, a objetividade é um produto intersubjetivo do campo científico, mais precisamente do método científico (2004).

2.2 A opção pelo Paradigma qualitativo e abordagens fenomenológicas

Para a concretização dos objetivos de estudo privilegiou-se a metodologia qualitativa pois esta possibilita uma maior intimidade com o sujeito-objeto para obter um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo (Santos, 1995). Como tal, as opções epistemológicas enquadram-se no paradigma pós moderno compreensivo e interpretativo. Os seus principais pressupostos são a formação discursiva e o processo de significação pois reconhecesse-se que o indivíduo dá sentido e significado à realidade e à própria identidade através da linguagem, isto é, daquilo que diz. E porque é através das palavras que a linguagem enuncia, representa e sussurra o pensamento, a entidade de análise por si é a palavra, que “é de si mesma uma ação” (Foucault, 1991: 135). Se conhecer é interpretar o sentido das palavras, para compreender os sujeitos de investigação foca-se na sua subjetividade. Trata-se de compreender a significação profunda que as experiências, acontecimentos e interações têm para os sujeitos, em situações particulares (Bogdan & Biklen, 1994). Para tal, procura-se inquirir o que os sujeitos pensam, para assim compreender os sentidos, compromissos e representações concebidas, sendo que estas têm influências sociais, históricas e culturais. Neste sentido, como modo de conhecer os fenómenos e comportamentos em toda a sua complexidade a partir da perspectiva, pontos de vista ou perceções dos sujeitos de investigação, apoiamo-nos na sociologia compreensiva de Max Weber. Nas suas palavras, compreensão quer dizer “apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido” (1997: 27).

Visto que importa compreender a intencionalidade subjetiva que o sujeito dá ao mundo apoio-me numa abordagem fenomenológica pois o seu olhar está essencialmente

atento ao quotidiano onde se inserem as relações sociais. Nas palavras de Lyotard para formar uma objetividade tanto madura como verdadeira “é preciso ir às próprias coisas, descrevê-las corretamente e elaborar, com base nessa descrição, uma interpretação do seu sentido” (1999: 74). Compatível com a fenomenologia está a interação simbólica que enfatiza a natureza social e interativa da realidade. Para Herbert Blumer “a perspectiva do interacionismo simbólico repousa sobre a premissa de que a ação humana tem sempre lugar numa situação que confronta o ator e que o ator age na base da definição da situação que o confronta” (*cit in* Atkinson, 2001: 27). Para Campenhoudt (2003) uma dada situação social é simultaneamente o quadro e o produto das interações quotidianas, isto é, os indivíduos criam a realidade pelas interpretações e significados que criam das suas experiências e interações quotidianas.

2.3 Fundamentando estratégias e um modo de praticar

2.3.1 A escolha do contexto

O meu interesse em desenvolver um estudo sobre o SVE é fruto de dois fascínios. Em primeiro lugar, sabendo que a juventude é “socialmente dividida em função dos seus interesses, origens sociais, das suas perspetivas e aspirações”, interesse-me pelas diferentes experiências, pertenças e lógicas de ação juvenis (Pais, 1993a: 33). Em segundo lugar, a minha experiência em atividades de voluntariado e intercâmbios internacionais de curta duração deram asas ao desejo de investigar os sentidos e compromissos cívicos dados pelos jovens a uma experiência intercultural de SVE. A opção geográfica pela zona do Baixo Tâmega, onde se encontra a CJ que acolhe os voluntários e desenvolve o projeto de SVE nasceu do conselho de um amigo que conhece tão bem a Casa da Juventude que até sabe quantos fios de cabelo têm. De seguida passo a descrever a zona geográfica do baixo Tâmega bem como a Casa da Juventude em questão.

Descrição geográfica da zona do Baixo Tâmega

A zona do baixo Tâmega inclui quatro conselhos rodeados pelas serras do Alvão, Marão e Aboboreira, por onde correm o rio Douro e o Rio Tâmega: Amarante, Baião, Marco de Canaveses e Celorico de Bastos. Amarante, Baião e Marco de Canaveses fazem parte da região do Douro Litoral. Graças à abundância dos cursos de água, esta região é marcadamente rural e agrícola, sendo a vinha a cultura dominante. Amarante, cidade histórica de raízes romanas, tem cerca de 56 450 habitantes. A paisagem bordada de

choupos e salgueiros é um permanente diálogo da serra e do rio. Para além da beleza natural, a arquitetura sobressai na ponte de São Gonçalo, nos restaurantes debruçados sobre o rio e nas casas do século XVII, cujas varandas de madeira colorida enfeitam as ruas estreitas da cidade (Proença, 1994). Já no recatado conselho de Baião, a natureza também atrai o olhar à longa contemplação das serras da Aboboreira, do Castelo de Matos, e do Marão. A cerca de 10km de Baião está o concelho do Marco de Canaveses. (Raposo, 1995). Por último, Celorico de Basto, integrado no distrito de Braga, é um concelho marcado pelos tons verdes dos pinhais, pomares, quintas e solares.

Descrição da Casa da Juventude

Enquadrada na paisagem natural de límpida beleza acima descrita, enquanto espaço físico a CJ é definida pela modernidade arquitetónica que simbolicamente rompe com a ruralidade exterior a si. A urbanidade deste espaço é acentuada por quem a frequenta: são maioritariamente as culturas juvenis locais de classe média, os voluntários do SVE e de outros projetos internacionais que dão vida e identidade ao espaço.

Para Sofia Marques da Silva, investigadora que desenvolveu um estudo etnográfico entre 2005 e 2007 numa Casa da Juventude no norte de Portugal, a Casa da Juventude é um contexto educativo e de socialização informal e não-formal, pensado politicamente e socialmente para as juventudes, que se assume como espaço de intervenção educativa e social (2011). Neste caso, a CJ é movida por dois eixos de ação principais. Por um lado, ao centrar-se na participação cívica e mobilidade juvenil, organiza campos de trabalho internacionais, programas de intercâmbio e de voluntariado como o SVE. A sua estratégia passa por potenciar o encontro e a cooperação entre jovens de culturas diferentes, e por outro lado sensibilizar para a responsabilidade social da participação cívica. Por outro lado, ao ser movida por valores e ideais como o cooperativismo, o desenvolvimento sustentável, o comércio justo e a alimentação biológica, a CJ define-se como espaço de formação e educação não formal que pretende desenvolver novos conhecimentos e competências que suscitem novas práticas e estilos de vida saudáveis. Para tal realiza atividades lúdico-formativas - culturais, recreativas e sociais, de forma a potenciar um desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Quem se desloca à CJ e percorre os seus diferentes espaços apercebe-se destas duas dimensões. O primeiro piso é aberto ao público, e tem dois prismas de circulação. O bar vegetariano sobressai enquanto espaço não só de socialização mas de

expressão e afirmação dos jovens da localidade e dos jovens voluntários que tem a oportunidade de montar exposições artísticas. A ladear o bar está um espaço polivalente, onde se organizam tertúlias, *workshops*, atividades interculturais e desportivas como aulas de zumba ou salsa. O segundo prisma, mais reservado, é constituído por várias salas de trabalho, como a sala da direção, dos voluntários, o estúdio de gravação de música e a sala de produção artística. O segundo piso funciona como espécie de pousada, onde os voluntários estrangeiros e outros cidadãos se podem hospedar.

2.3.2 A escolha do método: a opção pelo olhar etnográfico

O que vês, escreve-o. Apocalipse., 1.11

Como “cada método só esclarece o que lhe convém”, para satisfazer as exigências do objeto, dos objetivos, e dos princípios epistemológicos do estudo, inicialmente esgrimiram-se os “lances” metodológicos (Santos, 1995: 48). O desejo de fruir de uma maior proximidade e implicação na realidade a observar e de ter maior intimidade com os sujeitos de investigação e com os espaços por eles palmilhados, levou-me a aproximar da etnografia (Bogdan & Biklen, 1994). Tomei a decisão de ir viver por tempo indeterminado para a cidade onde os sujeitos investigação iriam estar a participar no SVE: a Casa da Juventude na zona de baixo Tâmega. Poderia penetrar a fundo nas tessituras do fenómeno a estudar; poderia viver o pulsar da Casa da juventude, poderia ver de dentro os passos e espaços que o grupo de jovens voluntários seguiria. Poderia participar nas suas rotinas, conversas e atividades de voluntariado. E como último argumento, o conhecimento tácito acumulado das experiências juvenis permitiria uma análise profunda dos dados recolhidos.

Ora a etnografia é um termo herdado da antropologia social que alude à estadia prolongada do investigador com os sujeitos de investigação num dado contexto social. Enquanto prática requer um trabalho de campo marcado principalmente pela observação participante e enquanto produto alude ao trabalho escrito sob a forma de notas de terreno (Atkinson, 2001). As tradições etnográficas partilham algumas características comuns: “estão fundamentadas num compromisso com a experiência de primeira mão e exploração de um cenário social ou cultural particular tendo como base (não exclusivamente) a observação participante” (ibidem: 4). Bronislaw Malinowski, antropólogo funcionalista e precursor da observação participante iniciou a prática do trabalho de campo ao deslocar-se até a uma sociedade nativa para aí viver com os

nativos, “acocorando-se junto à fogueira; olhando, ouvindo e perguntando; registrando e interpretando a vida trobriandesa” (Clifford, 2011: 26). O seu objetivo era ver como estes povos viviam, observando o seu estrangeirismo para apreender e compreender os seus pontos de vista e visão do mundo. No geral, os objetivos do etnógrafo são os de apreender os significados que os membros da cultura têm como dados adquiridos e, posteriormente apresentar o novo significado às pessoas exteriores à cultura (Bogdan, Biklen, 1994).

2.3.3 Da entrada de mansinho... ao imergir no terreno

Quando em meados de Setembro de 2013 dou início ao estudo na Casa da Juventude os voluntários do SVE estavam em fase de integração, tendo apenas a obrigação de ter aulas de língua portuguesa e a oportunidade de participar em intercâmbios juvenis e campos de trabalhos internacionais. Visto que estava a decorrer um campo de trabalho internacional de duas semanas, onde eles também participavam, decidi participar enquanto voluntária. No papel de investigadora, esta estratégia tinha como propósito principal provocar a minha presença física e relacional. Por um lado pretendia ambientar-me à dinâmica da CJ, e ao próprio sentido que outros jovens - vindos de continentes que não a Europa - dão a uma experiência de voluntariado. Por outro lado, enquanto corpo estranho ao contexto pretendia ganhar a confiança dos voluntários do SVE para que a minha entrada não fosse abrupta como a queda de um paraquedas, mas antes mansa como deambular de um gato.

Este campo de trabalho estava ligado à promoção dos valores do comércio justo e da agricultura biológica, e por isso fomos a várias quintas da região fazer trabalhos como apanhar feijões e vindimar. Como uma crença que não se perde, o olhar científico acompanhava-me:

Apanhar feijões foi uma experiência parecida com o ato de investigar. Exigia procurar com cuidado e atenção, sem esquecer o mais pequeno detalhe, neste caso, o mais pequeno feijão. No meio de tanta informação e face a um objeto restrito às vezes o que estamos a fazer é “searching for a needle in a haystack” (NT 17 de Setembro²)

2.3.4 A observação participante e a escrita de notas de terreno

Ao imergir no terreno a observação participante e posterior escrita de notas de terreno foram os principais instrumentos de conhecimento. A técnica da observação participante “consiste em ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos ou grupos nos

² Todos os excertos das notas de terreno encontram-se em apêndice.

próprios locais das suas atividades ou residências sem lhes alterar o seu ritmo normal” (Peretz, 2000: 26). A observação é participante porque o observador entra e participa nos espaços, contextos, experiências e atividades da realidade a estudar (Whyte, 1984: 23). Para complementar a observação, “o processo de escrever notas de terreno ajuda o investigador de campo a compreender o que tem observado, e então, capacita-o a participar por novos caminhos, a ouvir com maior acuidade, e a observar com novas lentes.” (Emerson, 1995: 15). Para Geertz “o etnógrafo “inscreve” o discurso social” (1989: 14). Através da descrição interpretativa escreve-se o conteúdo do enunciado intencional no sentido de salvar “o dito”. Ao cultivar a clareza do opaco, estranho ou confuso o investigador envolve-se no processo de olhar de soslaio para o coberto e aparente sem significado (Clifford *cit in* Clifford, Marcus, 1986). Como tal, é requerida a minúcia no olhar para observar com cuidado o mais ínfimo pormenor. No caso do envolvimento direto com os sujeitos de investigação, cria-se uma série de novas relações sociais que requerem não só a capacidade de saber ouvir, de saber estar com os outros e consigo mesmo. Para além da cumplicidade afetiva trocada, o distinto papel de investigadora despoleta a curiosidade dos voluntários:

O Qiaochu Wu aproxima-se de mim e pergunta-me com uma curiosidade empática: O que fazes quando chegas a casa? Quando vais escrever a tese? Quantas páginas tens que escrever? (NT 18 de Setembro)

Fomos para as vinhas, podar as folhas que estavam a tapar a luz do cacho de uvas. O trabalho era a pares e eu fiquei com uma voluntária do SVE da Letónia, Lauma. Parecia uma detetive disfarçada de voluntária. Eu é que queria fazer perguntas, mas ela perguntava-me o que eu estava exatamente a fazer na investigação, e pedia-me para eu expor os meus pontos de vista. (NT 19 de Setembro)

À ida para o autocarro para irmos para outra quinta a Lauma aproxima-se de mim e pergunta-me porque não apareci nestes dias, e eu explico-lhe. De repente apresenta-me à Giulia, que está ao seu lado, e com um sorriso nos lábios diz-lhe que eu vou fazer a tese sobre elas. A Lauma pergunta-me como é que é exatamente o trabalho de investigação, e eu digo que tenho que recolher empiria e pensá-la à luz da teoria. Pergunta-me se eu tenho que traduzir as conversas para português ou se vou escrever a tese em inglês. Digo que será em português, e elas começam a falar em como é difícil ajustar o inglês para a sua própria língua, ainda para mais em tom científico. (NT 26 de Setembro)

As duas semanas de participação no campo de trabalho permitiram que a minha entrada não fosse brusca ou forçada. Devido à relação de empatia cultivada, fui aceite com naturalidade e rapidamente ganhei acesso aos diferentes espaços da Casa da Juventude.

O facto de assumir que estava a fazer investigação sobre os dois projetos do SVE foi sentido como um ato ético de honestidade intelectual:

Digo à Chiara que estou a fazer uma investigação. O Jack brinca e num tom provocativo diz que como eu vou estar com eles, eles podem se sentir observados e não ser espontâneos. Ri-se, confessando que foi bom eu admitir que estou a fazer investigação, pois se usasse uma capa seria incómodo. Por questões éticas, remata. (NT 1 de Outubro)

Eis o nome dos jovens, dos seus países e respetivas idades no início do estudo:

Projeto “Ao encontro da Comunidade”							Projeto “Por um mundo mais justo!”				
Jovens	Chiara	Réka	Larissa	Maarit	Lasse	Jack	Ewelina	Lauma	Jelena	Giulia	Javier
País de origem	Itália	Hungria	Grécia	Finlândia	Dinamarca	Eslovénia	Polónia	Letónia	Sérvia	Itália	Espanha
Idade	30	24	23	20	25	28	28	27	29	26	25

Enquanto no projeto “Ao encontro da Comunidade” os jovens durante os 5 dias da semana tinham atividades de voluntariado nas instituições locais, os voluntários do projeto “Por um mundo mais justo!” eram lojistas numa loja de Comércio Justo. Ambos estes espaços ficavam próximo da Casa da Juventude e por isso os jovens deslocavam-se a pé. Como exceção, passado um mês de estadia na Casa da Juventude, duas jovens voluntárias, a Ewelina e a Lauma foram viver para o Porto, sendo lojistas na loja de Comércio Justo apenas ao fim de semana.

Como perspetiva metodológica adotei uma sociologia do quotidiano, espécie de “sociologia passeante” ou “vadiar sociológico” acompanhando os voluntários pelas suas viagens e estadias (Pais, 1993b). A minha tarefa era “caminhar nas suas costas”, discretamente, sem ruído ou chocalhar, qual rio a fluir mansamente. Pretendia-se compreender o significado que os jovens constroem para os acontecimentos das suas vidas quotidianas (Bogdan & Biklen, 1994).

2.3.5 Os dilemas da interferência da figura do investigador

O terreno é “o local onde as ações dos sujeitos e a consciência dessas ações se veem reconstruídas pela ação e consciência de um terceiro – o investigador” (Caria, 2002: 45). Inicialmente a minha relação com o terreno foi vivida como quem lê um livro de forma apaixonada e interessada: faz-se centenas de orelhas, rabisca-se, debruça-se atentamente ao ponto de o nariz tocar nas páginas e os olhos mergulharem no texto, leva-se o livro para a cama, lê-se novamente e por vezes até se derrama chá sobre ele.

Se no princípio não sabia bem onde ir, ou com que grupo de voluntários estar, ao acompanhar os jovens nas suas rotinas logo comecei a definir movimento regulares, que mais não eram do que estratégias de observação. Visto que o projeto “Ao encontro da Comunidade” envolvia um serviço voluntário mais diversificado em comparação com o projeto “Por um mundo mais justo!” decidi que iria passar mais tempo com os seis voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade”. Os seis voluntários deslocavam-se durante a semana a quatro instituições diferentes para fazer aí desenvolver o seu serviço voluntário, por isso eu acompanhava-os nestas diferentes viagens tendo a oportunidade de contactar com os técnicos e utentes presentes. Para além disso, também passava pelo seu gabinete de trabalho, onde estavam quando não se encontravam nas instituições. No caso do projeto “Por um mundo mais justo!”, os três voluntários que estavam na zona do baixo Tâmega iam apenas à loja do Comércio Justo durante a semana e individualmente e não tinham um gabinete próprio para estarem. Como o trabalho de lojistas dos voluntários se resumia a esperar pelos clientes ou a organizar produtos para venda raramente, raramente lá ia, preferindo a Casa da Juventude para conversarmos. Já as duas voluntárias que estavam no Porto, iam somente ao fim de semana à loja do Comércio Justo e como eu não estava a viver na cidade do Porto não as podia acompanhar de perto. Em suma, como consequência desta decisão de estar mais atenta e imbuída num projeto em comparação com o outro, reflete-se na escrita das notas de terreno e na análise das mesmas.

Sendo a pesquisa de terreno nas palavras de António Firmino da Costa “a arte de obter respostas sem fazer perguntas” a minha estadia no terreno começou com o silêncio de tentar compreender aquilo que se estuda (*in* Silva & Pinto, 1990: 138). Pronta para ouvir e tardia para falar, eis a postura assumida. Ao deter-me sobre “o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar”, tentei compreender as rotas e rotinas do quotidiano que podendo parecer banais ou negligenciáveis *a priori*, depois de olhadas com cuidado e interrogações fazem tombar dúvidas e edificar novas compreensões (Pais, 1993: 108b). Porém, à medida que a integração no terreno nos familiariza com o seu quotidiano e afeiçoa aos voluntários, no papel de investigadora percutiu-se um conjunto de paradoxos. Em primeiro lugar, como a proximidade e familiaridade com o objeto podiam criar a ilusão da transparência e levar a desprezar os truísmos do familiar, o trabalho de campo exigiu um esforço contínuo de estranheza para tocar o nervo da novidade. Ao mesmo tempo que recorria à inocência de uma criança, recorria à crítica desconfiada.

Tal como o antropólogo James Clifford declara “a observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido das ocorrências e gestos específicos, através da empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos” (2011: 33). Apesar do investigador estar situado no mundo do sujeito, para objetivar a sua prática também está fora dele. Ao mesmo tempo que toca no sujeito e se deixa tocar por ele, também se distancia para o ver e compreender melhor. Como há coisas que estão perto demais para serem vistas o seu olhar é próximo e empático, mas também distante e reflexivo. Nas palavras de Edgar Morin “tanto temos de distanciar-nos do fenómeno estudado como de distanciar-nos de nós próprios como de estar apaixonados por essa investigação” (1998: 31). Eis uma tripla aventura inominável.

A acrescentar, o olhar incidente sobre os outros é moldado pelo ser social do observador. O investigador tem agarrado a si preferências, preconceções, valores, desejos e receios particulares. Para preservar a candura da imparcialidade ou a mínima influência do seu meio social e crenças pessoais, por um lado é necessário apagar as nuvens de pré-conceitos e perspectivas instituídas sobre o tema em estudo, e por outro lado é necessário um posicionamento crítico, político e ético sobre a realidade. Neste sentido, face ao conflito subjetividade/objetividade o investigador tanto pode ser obstáculo à observação e análise objetiva como veículo do mesmo, sendo fundamental desenvolver uma epistemologia auto-reflexiva bem como a hétero-crítica. No fundo o processo de investigação é uma dialética entre experiência e interpretação, sendo que “a performance etnográfica está intimamente ligada a um espaço de intersubjetividade e de negociação constante dos limites, instáveis e conjunturais, entre discursos, olhares e representações” (Caria, 2002: 44).

O prolongar da minha presença permitiu-me construir um papel específico. Durante as idas às instituições locais, devido às deficientes competências linguísticas dos voluntários para comunicar português, enquanto investigadora vi-me forçada a assumir o papel de tradutora, e por efeito salvadora dos seus papéis de voluntários:

A maior parte das indicações que a Réka e a Maarit querem dizer eu traduzo, pois elas tem muita dificuldade no português, e raramente comunicam verbalmente com as crianças. Devido às dificuldades que tem em expressar-se sinto necessidade de falar com as crianças, dando indicações, propondo jogos, traduzindo o que elas me dizem. (NT 16 de Outubro)

A Maarit diz-me: “É bom termos uma tradutora”, referindo-se a mim. (NT 23 de Outubro)

O Renato vem ter comigo e pede-me para ir à sala de teatro para ajudar a Maarit a traduzir para português o que ela quer dizer. Quando chego a Maarit diz que eu sou a sua salvadora. A monitora que está justifica-se dizendo que não percebe muito inglês. (NT 27 de Novembro)

Esta inversão de papéis assumiu-se quer como constrangedora quer como aliviadora para as voluntárias. No papel de investigadora, se por um lado podia experimentar o papel de voluntária por outro lado, colocava-me numa posição de atora, influenciadora das ações de voluntariado. Por outro lado, durante o voluntariado nas instituições, os pedidos de atenção dos utentes, como as crianças no orfanato afastavam-me do papel de investigadora e aproximavam-me do papel de voluntária:

Fui com a Maarit ao orfanato (...).A Maarit diz que como os maiores estão na escola o melhor é ir ter com os bebés. (...) Passado um pouco chega um rapaz que me reconhece. (...)Ele chama-me e diz que vai fazer os trabalhos de casa. Fico indecisa. Hei-de ir com ele ou continuo na sala a observá-las? Decido ir com ele e ajudo-o na sala de estudo (NT 28 de Outubro)

2.3.6 Tempo de decisões: do distanciar do olhar etnográfico ao aproximar da entrevista

Passados 3 meses e meio de estadia no terreno dá-se o afastamento da etnografia na própria asserção do método. Por um lado tinha dados recolhidos suficientes que descreviam práticas, posturas e compromissos da rotina do serviço voluntário dos jovens. Por outro lado, a relação ente os voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade”, quer nas idas instituições locais quer no gabinete de trabalho na CJ era pautada por longos silêncios e poucas palavras, trazendo alguma improbabilidade à oportunidade de aceder a perceções e sentidos mais elaborados dados pelos voluntários sobre determinados aspetos que necessitavam ser esmiuçados. No caso dos voluntários do projeto “Por um mundo mais justo!”, como as suas idas à loja do Comércio Justo eram de curta duração, e as conversas informais no bar da CJ eram fugazes, não permitindo alongar conversas, ou abordar temas mais específicos, conclui-se que seria de bom senso deixar o terreno e optar pelo uso complementar da técnica das entrevistas etnográficas.

Para Spradley (1979) a entrevista etnográfica é definida em semelhança a uma conversa amigável, informal. Apesar de não ser estruturada tem um propósito etnográfico que é explicado ao entrevistado, de forma a focalizar a conversa. Para além disso as questões etnográficas ora são estruturais ora descritivas, ora exploratórias ora

hipotéticas. Ao possibilitar aprofundar assuntos que no terreno poderiam ser escorregadios, o etnógrafo balança entre o interesse empático e um suposto desconhecimento do que o entrevistado confessa, para assim puder cavar questões mais específicas e garimpar pormenores preciosos. Segundo Bogdan e Biklen (1994: 134) “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo”. Situada numa abordagem compreensiva que deseja aceder aos sentidos que os sujeitos dão à ação, a entrevista possibilita-nos conhecer o pensamento e representações da pessoa que fala, e sobre a realidade que é objeto de estudo (Albarelo, 1997). As entrevistas foram realizadas individualmente numa sala da CJ em dois dias combinados com os voluntários. Em relação às duas voluntárias que estão no Porto, foram feitas no parque da Cidade.

2.3.7 A opção pela Análise de Conteúdo: fundamentando um modo de análise

Para analisar as notas de terreno e as entrevistas optou-se pela técnica da análise de conteúdo. A análise de conteúdo (AC) permite “além de uma rigorosa e objetiva representação dos conteúdos ou elementos das mensagens (discurso, entrevista, texto, artigo, etc.) através da sua codificação e classificação por categorias e subcategorias, o avanço (fecundo, sistemático, verificável e até certo ponto replicável) no sentido da captação do seu sentido pleno (à custa de inferências interpretativas derivadas ou inspiradas nos quadros de referência teóricos do investigador), por zonas menos evidentes constituídas pelo referido ‘contexto’ ou ‘condições’ de produção” (Amado *et al* in Amado, 2013: pp.304-305).

Priorizou-se uma análise desconfiada, contra a evidência do saber subjetivo, acompanhada pela vigilância crítica e constante em que se realçam os sentidos que se encontra em segundo plano (Bardin, 2011: 24). Pretendia-se ver o invisível e ouvir o inaudível do discurso latente, e não-aparente, protegido do perigo da compreensão espontânea nascida da «ilusão da transparência» dos factos sociais, negando assim «a leitura simples do real» ou a sociologia ingénua.

Categorização³

Enquanto prática, a AC pressupõe um conjunto de operações mínimas, nomeadamente a definição de categorias. A formulação de categorias ocorreu em duas

³ Em apêndice, encontram-se as categorias específicas de análise das notas de terreno e das entrevistas etnográficas.

fases distintas. Inicialmente, através de uma “codificação aberta” caracterizada por leituras ligeiras dos dados em bruto, identificam-se algumas ideias e problemas que fazem despontar possíveis categorias. Mais tarde, através de uma “codificação focada” antecedida por leituras demoradas, começa-se a desenvolver um conjunto menor de conceitos e ideias, encontrando possibilidades analíticas, num processo minucioso de peneiração das categorias até alcançarmos as límpidas e polidas categorias definitivas (Emerson, 1995).

Passo a enumerar e a descrever sucintamente o nome das onze categorias escolhidas: 1) o papel da investigadora; 2) a condição académica e profissional dos voluntários; 3) as motivações para participar no SVE; 4) descrição institucional dos contextos de voluntariado; 5) sentidos dados às atividades de voluntariado nas instituições, na loja do Comércio Justo e na Casa da Juventude; 6) a proficiência linguística como obstáculo na comunicação nas instituições locais, na loja do Comércio Justo e na relação com a comunidade; 7) percepções sobre a aprendizagem da língua portuguesa; 8) compromissos dos voluntários com os valores da Casa da Juventude; 9) relação dos voluntários com a comunidade; 10) a relação entre os voluntários em cada um dos projetos de SVE; 11) percepções sobre o SVE enquanto forma de educação não formal.

2.3.8 Preocupações éticas

Ora uma das principais questões éticas de investigação é como é que se dá a conhecer o contexto e os sujeitos da investigação. Adotámos uma política humanizadora e emancipadora que trata as pessoas como pessoas com capacidade de agência e autodeterminação. Em segundo lugar consideramos ser fundamental respeitar o desejo dos entrevistados aceitarem ou recusarem ser entrevistados. Em terceiro lugar, esclarecemos junto das participantes a garantia de confidencialidade e anonimato em toda a investigação. Quanto à Casa da Juventude em questão, resolvemos não revelar a localidade da mesma, pois os resultados de investigação poderiam fragilizar de alguma forma a imagem da CJ ou da direção.

A propósito desta decisão, Sofia Marques da Silva reflete o dilema que antecede a decisão de tornar público ou não determinadas informações. Nas suas palavras, “investigadores que levam a cabo a investigação etnográfica, particularmente aqueles envolvidos em investigação orientada para os jovens, são provavelmente confrontados com situações desconfortáveis associadas à revelação de informação por parte dos

participantes que pode causar preocupações éticas” (2013: 97). E porque a escrita etnográfica é formada pela parcialidade do etnógrafo que no ato de escrever escolhe o que incluir e omitir de acordo com a importância de significado dos dados, neste estudo, ao confrontar-me com situações sensíveis para os técnicos e utentes das diferentes instituições onde fiz observação participante, decidi não revelá-las. (Clifford *cit in* Clifford, Marcus, 1986: 6). Por um lado, pouco enriqueceriam o estudo e por outro lado deixariam as pessoas em questão num papel frágil pela exposição da sua intimidade emocional e pessoal.

2.3.9 O objeto-projeto das Ciências da Educação

Se aquando a entrada para o terreno havia lido por alto sobre os grandes temas do estudo (juventude, participação cívica e voluntariado), como fruto da análise das notas de terreno sobressaíam dimensões que orientavam a redefinição do objeto de estudo. Já a análise das entrevistas derrubaram não só dúvidas e sinais de contradição suscitados no terreno, como também trouxeram novas compreensões que ao faiscarem sobre o objeto de estudo moldaram a sua forma e reelaboraram o mapa conceptual. Assim, comecei a ler de forma mais cuidada e ativa submetendo a teoria e os conceitos a uma interrogação constante com os dados empíricos postos em relação, construindo interpretações das inferências que tecia (Nunes, 1994). Nesta dialética o objeto reconstruía-se graças à “seiva” que escorria da “conjunção do espírito de reflexão e do espírito de hipótese” (Morin, 1998: 52). No fundo, tal como argumenta Adalberto Dias de Carvalho (1996) o objeto das Ciências da Educação é um “objeto-projeto”, instável e incontável que se constrói sob vários pontos de vista, na medida em que faz corresponder a dimensão antropossocioteleológica das finalidades e o estatuto epistemológico do objeto.

Quanto às opções teóricas supero a rigidez de fronteiras epistemológicas impulsionando-me para um quadro teórico inter/transdisciplinar. Respigo perspetivas da Sociologia, Ciência política e Filosofia, sem esquecer as contribuições das Ciências da Educação que devido à sua natureza mestiça ampliam e ao mesmo tempo tornam ambíguas as possibilidades de interpretações sobre a complexidade do real. Devo dizer que a teoria pretende assumir diferentes funções como ilustrativa, analítica, probatória e de reconstrução de sentido (Amado & Vieira in Amado, 2013).

III. ANTECÂMARA: UMA VIAGEM PELOS OBJETIVOS E VALÊNCIAS DO SERVIÇO VOLUNTÁRIO EUROPEU

Entre 1996 e 1997 decorreu a ação piloto do SVE. Esta ação aspirava contribuir para a integração dos jovens na sociedade de três formas: “pela aquisição de competências amplas no âmbito de uma experiência educativa, o que favorece a integração social e profissional, pela participação em atividades de interesse geral em benefício das coletividades locais (serviços humanitários, sociais, ecológicos e culturais) e pelo reforço dos laços de solidariedade à escala europeia entre cidadãos e organizações ativas nestes domínios” (Comissão Europeia, 1999: 13). Após uma avaliação dos primeiros anos de vigência do SVE, surge em 1998, o programa Serviço Voluntário Europeu.

O SVE permite aos jovens participar num serviço voluntário para benefício da comunidade local com uma duração de até 12 meses num país, que não o seu, dentro ou fora da União Europeia. Podem participar jovens com idades compreendidas entre 18 e 30 anos com residência legal no país da organização de envio. “O serviço não é remunerado, não tem fins lucrativos e é desempenhado a tempo inteiro. Um projeto SVE pode incluir entre 1 e 30 voluntários que podem desempenhar o seu serviço quer individualmente quer num ou em vários grupos” (Comissão Europeia, 2013: 55).

O SVE é uma das 5 ações operacionais do programa Juventude em Ação, desenvolvido pela Comissão Europeia, sendo o seu objetivo central promover a cidadania ativa, bem como o entendimento mútuo e a solidariedade entre os jovens. Quanto ao programa Juventude em Ação os seus objetivos principais são os seguintes: promover a cidadania ativa dos jovens, e a cidadania europeia; promover a solidariedade, e a tolerância entre os jovens de diferentes países, incentivando a compreensão e cooperação mútua através do diálogo intercultural e da mobilidade; e por último, através da oferta de oportunidades de aprendizagem não-formal e informal melhorar as competências e capacidades dos jovens possibilitando quer o desenvolvimento pessoal quer a melhoria de perspetivas de emprego (Comissão Europeia, 2013).

Para o Programa Juventude em Ação ser um voluntário SVE é uma experiência pessoal, social e cultural valiosa por várias razões. Por um lado, permite ao voluntário expressar iniciativa e solidariedade, agindo em benefício da comunidade, ou de uma causa, podendo aprender competências pessoais, sociais e práticas. Por outro lado, é uma oportunidade de conhecer um novo país e uma nova cultura, sendo que o

voluntário pode aprender a partir da vivência noutra país (Youth in Action Programme, 2011). Ao reunir jovens de nacionalidades diferentes e de línguas diferentes o SVE permite aos jovens conhecer e trabalhar em equipa num contexto multicultural, estimulando o desenvolvimento de competências interculturais e comunicacionais. Para além disso, o SVE proporciona aos jovens a oportunidade de aprendizagem da língua estrangeira do país de acolhimento – neste caso a língua portuguesa.

A Comissão Europeia criou um “Passe Jovem” para o voluntário descrever o que aprendeu através desta experiência de aprendizagem não formal e informal adquirida durante o projeto de SVE, podendo ser útil a nível profissional ou educativo, pois reconhece-se as competências adquiridas (Comissão Europeia, 2013). As competências-chave adotadas pelo programa Juventude em Ação têm origem num quadro europeu criado pelo Conselho e o Parlamento Europeu em 2006 que define oito competências essenciais ao longo da vida para a realização e desenvolvimento pessoal, para a inclusão social, cidadania ativa e a empregabilidade. São elas: 1) Comunicação na língua materna; 2) Comunicação em línguas estrangeiras; 3) Competência matemática e competências básicas em ciências e tecnologia; 4) A competência digital; 5) Aprender a aprender; 6) Competências sociais e cívicas; 7) espírito de iniciativa e empreendedorismo; 8) Sensibilidade e expressão cultural (European Communities, 2007).

O SVE é por isso uma forma de educação não formal e informal, que oferece oportunidades de aprendizagem que extrapolam o contexto escolar e que podem contribuir para o enriquecimento do processo educativo dos jovens. Almerindo Janela Afonso designa a educação informal como um processo permanente e não organizado que abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo. Já a educação não-formal, é aquela que “embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (1989:88).

Não obstante esta experiência de voluntariado ter um impacto educacional assumido, de que forma é que esta intenção é planeada ou realizada? Até que ponto, na perspetiva dos voluntários, a organização incorpora uma função de educação não formal? Em última análise, que lugar tem a experiência de voluntariado sobre as trajetórias de educação/formação dos jovens?

3.1 Paragem imprescindível: os dois projetos de SVE alvo do estudo⁴

Os dois projetos de SVE desenvolvidos pela Casa da Juventude têm diferentes temas e enfoques. O projeto “Ao encontro da Comunidade” direciona-se para a ajuda em instituições locais com populações vulneráveis e o projeto “Por um mundo mais justo!” está focado na ajuda a uma associação de Comércio Justo, através da ajuda quer na loja de Comércio Justo, quer na promoção do movimento social. Ambos os projetos têm a duração de 12 meses (de 1 de setembro de 2013 a 31 de agosto de 2014). Os 11 voluntários antes de começarem o serviço voluntário tiveram um período de integração (1 mês) onde receberam formação na língua e cultura portuguesa, para assim começarem o serviço voluntário. Passo de seguida a descrever e problematizar os dois projetos SVE.

3.1.1 Ilustração e reflexão do projeto “Ao encontro da Comunidade”

Este projeto de SVE envolve um grupo de seis voluntários: a Larissa da Grécia, a Maarit da Finlândia, O Lasse da Dinamarca, o Jack da Eslovénia, a Chiara da Itália e a Réka da Hungria.

Os voluntários têm o papel de voluntariar-se nas seguintes instituições locais: Cerci, Santa Casa da Misericórdia, Orfanato, uma Escola do 1º Ciclo e um centro de dia para idosos. Porém devido à minha indisponibilidade de horário em ir ao centro de dia, a observação neste espaço foi descartada. Os voluntários vão semanalmente dois a dois a uma instituição de manhã e a outra de tarde, alterando as pessoas com quem vão. O tempo de voluntariado nas instituições varia consoante a dinâmica das instituições. Na Cerci é de 3 horas, na Santa Casa da Misericórdia é de 2h30, no Orfanato é de 2 horas e na Escola do 1º Ciclo também de 2 horas. Como as instituições ficam próximas da Casa da Juventude, os voluntários deslocam-se a pé, à exceção da escola do primeiro ciclo que fica noutra freguesia.

Nas instituições locais o papel do voluntário passa principalmente pelas seguintes tarefas: apoiar os técnicos nas diferentes atividades previstas, colaborando com as tarefas regulares existentes, podendo propor e desenvolver novas atividades; e promover a aproximação das instituições às atividades da Casa da Juventude, podendo também promoverem atividades intergeracionais e de inclusão de jovens portadores de

⁴ Os objetivos dos dois projetos de SVE tem como fonte um texto sucinto e informal enviado por e-mail pelos dois responsáveis pela criação e monitoramento dos projetos. Como tal as aspas são escusadas.

deficiência. Passo a fazer uma pequena descrição das instituições, especificando o papel dos voluntários em cada uma das instituições.

Cerci

A Cerci é uma instituição que tem um centro de atividades ocupacionais, um centro profissional, e uma casa para habitação de alguns clientes. Tem cerca de 80 “clientes”⁵ com doenças mentais e deficiências com diferentes gravidades. A idade dos utentes varia entre os 21 e os 51, estando a média por volta dos 30 anos.

Dos voluntários é esperado apoio nas atividades de ocupação de tempos livres e formação de pessoas portadoras de deficiência, a saber: na expressão dramática, teatro e dança; na costura (guarda roupa e acessórios para as peças de teatro); na jardinagem e horta biológica; nas atividades desenvolvimento de competências linguísticas (leitura e escrita); nas atividades desportivas e apoio na organização de eventos temáticos (Natal, Páscoa, Carnaval, Teatro de Rua, etc.).

Orfanato

O orfanato tem instalações modernas e divide as suas atividades em 3 grupos diferentes. O grupo dos bebés (até aos 5 anos) e que se encontram numa sala de brincar; o grupo das crianças (dos 5 aos 7 anos) que estão noutra sala de atividade e o grupo mais velho (dos 7 anos até aos 18 anos). Dos voluntários é esperado o apoio nas atividades de ocupação de tempos livres, a saber: apoio nas atividades de apoio ao estudo; apoio nas tarefas diárias das crianças (alimentação, higiene e vestuário); organização de atividades de desenvolvimento de competências pessoais e sociais (por exemplo, dinâmicas de grupo ou workshops de expressão dramática); e desenvolvimento de atividades lúdicas e ao ar livre.

Escola 1º ciclo

Na escola do 1º ciclo o trabalho dos voluntários acontece quando as crianças (dos 6 aos 12 anos) terminam as aulas e por isso o seu apoio confina-se à sala de espera onde as crianças estão a brincar e a socializar enquanto esperam pelos pais. Dos voluntários é esperado o apoio nas atividades de ocupação de tempos livres, a saber: apoio nas atividades de apoio ao estudo (nomeadamente em matemática e inglês); desenvolvimento de atividades ao ar livre (desportivas e culturais); organização de atividades de desenvolvimento de competências pessoais e sociais (por exemplo,

⁵ Terminologia adotada pela instituição

dinâmicas de grupo); organização de atividades de expressão plástica e dramática; bem como de música e dança; e apoio na realização de eventos temáticos.

Santa Casa da Misericórdia

A Santa Casa funciona como um lar de 3ª idade. O serviço voluntário dos voluntários está confinado a uma grande sala de estar onde se encontram os idosos sentados. Dos voluntários é esperado o apoio nas atividades de ocupação do tempo livre, a saber: apoio nas atividades de ginástica, nas tarefas diárias dos idosos, na organização de atividades lúdicas (expressão plástica, jogos e dinâmicas de grupo) e na organização de eventos temáticos, nomeadamente em datas festivas.

Tendo em conta que este projeto incide sobre a participação dos jovens nas instituições locais da comunidade, de que forma é que os voluntários vêem o seu papel de voluntário e de agente cívico? Qual o sentido dado à sua participação nas instituições e na comunidade? Como é que os voluntários constroem a relação com os beneficiários da sua ajuda? De que forma é que esta experiência contribui para construir um sentido de pertença comunitária e participação cívica? Das 8 competências essenciais ao longo da vida, que tipo de competências são promovidas e desenvolvidas?

3.1.2 Ilustração e Reflexão do projeto “Por um mundo mais justo!”

Este projeto SVE envolve um grupo de cinco voluntários: a Jelena da Sérvia, a Lauma da Letónia, a Giulia da Itália, o Javier da Espanha e a Ewelina da Polónia.

O principal objetivo deste projeto é apoiar atividades da associação do Comércio Justo, especialmente a loja do Comércio Justo da região, e a do Porto, cabendo-lhes a tarefa de lojistas. Os objetivos específicos deste projeto são os seguintes:

- a) Dar competências aos jovens para temáticas do Comércio Internacional, Economias Alternativas, Finança Ética, Desenvolvimento Sustentável;
- b) Melhorar a capacidade da associação do comércio justo e das suas organizações cooperantes para promover o Comércio Justo, em especial, através do seu Website, de ações de sensibilização junto dos consumidores, estudantes, enfatizando o papel do voluntário como ativista para um mundo mais justo e melhor;
- c) Incentivar a cidadania e participação em ações de voluntariado que estimulem a reflexão para as questões da Cooperação para o Desenvolvimento e Comércio Justo;

- d) Divulgar o Serviço Voluntário Europeu, enquadrado no Programa Juventude em Ação em escolas e noutros eventos organizados pelos voluntários.

Após o primeiro mês de integração, três voluntários permaneceram na Casa da Juventude, tendo como tarefas trabalhar na loja de Comércio Justo, organizar eventos e atividades que deem mais visibilidade ao Comércio Justo (em escolas , em Casa da Juventude de Amarante , etc.), gerir o site e o facebook da associação do Comércio Justo, e trabalhar mais perto com a rede local de produtores orgânicos, podendo ajudar nas suas quintas. As outras duas voluntárias (a Ewelina e a Lauma) foram morar para o Porto trabalhando na loja de Comércio Justo do Porto, colaborando com a associação de Comercio Justo, e promovendo o comércio justo especialmente entre os jovens (na loja de Comércio Justo, em escolas, etc.)

Ora o Comércio Justo é um movimento social, criado com o objetivo de transformar os atuais modelos de relações económicas, propondo circuitos alternativos de comercialização de bens e serviços. O Comércio Justo não aceita a filosofia consumista e economicista dominante que reforça a pobreza global e a reprodução das desigualdades. Baseado na economia solidária, coloca as pessoas à frente do lucro, valorizando o trabalho coletivo, a equidade e a cooperação, em oposição à competição e à concentração de riqueza nas empresas transnacionais. Este movimento ao estar alicerçado sobre o pagamento de um preço justo ao produtor, a capacitação dos pequenos produtores e a sustentabilidade ambiental pretende lutar contra a pobreza e a exploração laboral que caracteriza os países em desenvolvimento do Sul do hemisfério (Coelho, 2007).

Como tal é de todo pertinente perguntar de que forma é que os voluntários estão comprometidos com este movimento político? Já estavam familiarizados com esta política ou foi uma novidade que trouxe um novo entendimento e compromisso? Como é que eles veem o seu papel de voluntário e a sua participação? Como se expressa a sua iniciativa e proatividade para promover os ideais e benefícios do Comércio Justo? Será que os jovens expressam estratégias ativistas, de contribuição para a transformação de perspetivas, crenças e hábitos?

3.1.3 O ponto onde os projetos se cruzam: a Casa da Juventude

Apesar dos 11 voluntários se dividirem em diferentes tarefas nos dois projetos SVE, unem-se ao colaborar na dinâmica da Casa da Juventude, tendo como principal papel:

- a) Apoiar na organização e divulgação dos vários projetos e ações desenvolvidos pela Casa da Juventude que pretendem promover a mobilidade e a participação ativa dos jovens (por exemplo, Intercâmbios, Campos de Férias, Campos de Trabalho Internacionais);
- b) Contribuir para a organização e divulgação de atividades nas áreas da música, dança, expressão plástica, expressão dramática, fotografia, etc. podendo organizar tertúlias, eventos temáticos, pequenos concertos, jogos, etc..
- c) Divulgar o Programa Juventude em Ação, em particular do SVE e do voluntariado, junto dos estudantes da escola da região e dos jovens que frequentam a Casa da Juventude.

Ao envolver atividades de grupo entre os jovens dos diferentes países, como se desenha e constrói a relação com o *Outro*, a solidariedade, a compreensão e a cooperação intercultural?

IV. MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR NUMA EXPERIÊNCIA DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO EUROPEU

4.1 Possibilidade de fuga ao desemprego e à precariedade

Ao longo das motivações narradas pelos voluntários para participar no SVE transparece uma visão do voluntariado como estratégia defensiva de fuga ao desemprego e à precariedade. O serviço voluntário é visto como uma oportunidade de desenvolvimento de competências para enriquecimento curricular e como um trampolim para novas oportunidades de emprego. Esta evidência confirma o facto de o voluntariado ser uma decisão pessoal indissociável das mudanças socioculturais que marcam a contemporaneidade e que afetam profundamente os valores, atitudes e motivações dos voluntários e por efeito a natureza do seu compromisso em relação à organização e às suas tarefas do voluntariado (Hustinx *et al*, 2010b).

Os jovens foram dos mais atingidos pela transformação económica e social em toda a Europa, sofrendo os efeitos do imprevisível mercado de trabalho, das crescentes taxas de desemprego e precariedade juvenil, bem como da flexibilização das relações laborais, da exploração salarial e seus problemas sociais associados. As sociedades deixaram de oferecer determinadas garantias, como um emprego para toda a vida, a estabilidade foi substituída pela incerteza e pelo risco e os percursos individuais são menos lineares e mais móveis. Face a esta lógica insegura de transitoriedade no mercado de trabalho que se baseia em contratos de curto prazo e de trabalho temporário, os jovens veem-se condenados a um futuro precário. Tal como afirma Pais (2001) hoje em dia, os jovens envolvem-se em “trajectórias yô-yô”, marcadas por rodopios entre família, escola, trabalho e desemprego, fazendo dos tempos “ziguezagueantes” e dos jovens “pássaros migratórios”. Visto que os percursos de vida perdem a tradicional padronização pois já não são estruturados pelos ritmos de trabalho e pela segura possibilidade de carreira ou emprego, a juventude não é mais vivida como um projeto definido em termos de futuro, mas como “condição” pautada pela diversidade de circunstâncias individuais. Dadas as dificuldades de consumação das perspetivas de transições os jovens vivem a descoincidência entre o idealizado e o realizado, e o SVE surge como uma rota de migração única, que se enquadra naquilo que Evans e Heinz (1994) definiram como um comportamento de transição “ aproveitar oportunidades” (Evans & Furlong, 2001: 37).

Carolina – Como é que chegas-te ao SVE? Javier – Eu não procurei este projeto mas eu conhecia o SVE através da minha associação, a Cruz Vermelha, em Espanha onde eu sou voluntário, cuidando

e fazendo companhia a crianças e pessoas idosas. Houve um rapaz que se interessou por este projeto mas como ele começou a trabalhar não podia vir. E a minha associação perguntou-me se eu queria fazer SVE, substituindo-o. Eu sou mecânico mas estava desempregado e como é difícil ficar lá por causa da crise decidi vir fazer esta experiência de um ano. (Entrevista)

Lauma - Na Letónia eu perdi o meu emprego, eu não estava oficialmente desempregada mas estava a fazer pequenos trabalhos, trabalhos temporários de tempos a tempos, nada permanente. E como eu não tinha nada para fazer, porque não? (Entrevista)

4.2 Possibilidade de desenvolvimento de competências e enriquecimento curricular

Envoltos na sombra do desemprego e do emprego provisório os jovens partilham sentimentos de frustração, insatisfação e inconformismo. Apoiados numa teia de aranha frágil e instável que pode ceder sem data prevista, os jovens dão asas à vontade de superar a sua condição de vulnerabilidade, e lançam-se para poços de resistência e resiliência que surgem como âncoras de segurança, “refúgios de comunidade” (Bauman, 2000), e aprendizagem pessoal (Pais, 2012: 275). A participação no SVE é exemplo disso:

Carolina – E o SVE. Porque é que te interessas-te? Jack - Após terminar a faculdade eu pensei. Ok se eu não conseguir emprego é bom pensar em voluntariado. Carolina –Já tinhas tido alguma experiência de voluntariado antes? Jack – sim, dos 15 anos aos 18 anos fui bombeiro, mais por diversão não era tanto a sério, e também fiz voluntariado numa instituição com pessoas com deficiências, que andavam em cadeira de rodas. Mas antes de vir eu era apenas voluntário em jogos de futebol, onde dizia às pessoas aonde se sentar. (NT 23 de Outubro)

Carolina – E quais foram as tuas grandes motivações ao vir para aqui? Jack - A situação económica não é boa, ter um emprego é difícil. E como não queria ficar em casa a mandar e-mails à espera que me caísse alguma coisa do céu pensei nas hipóteses que tinha. Ou estou em casa sem fazer nada, ou seja, procurando por um emprego, ou vou fazer algo para ter experiências internacionais, tentar aprender uma nova língua, e também para trabalhar em equipa. Outras coisas que tu não aprendes na escola, na universidade (...). Eu sou de um país pequeno e é importante que fales várias línguas, porque há muitas empresas na Eslovénia que trabalham com brasileiros, e que querem pessoas que trabalhem com diferentes países e culturas (...). Todas estas possibilidades podem potenciar a probabilidade de ter emprego. Então como eu queria aprender achei esta oportunidade excelente. Para além de aprender podia ser útil para os outros. Há poucos programas assim. (Entrevista)

Como este voluntário afirma, o voluntário surge premeditadamente como alternativa ao desemprego. Porém, para além da fuga ao desemprego, a oportunidade de ter uma experiência de aprendizagem intercultural e trabalhar em equipa é aliciante. Por outro lado, aprender uma nova língua é uma motivação relacionada com a possibilidade de

enriquecimento curricular e melhoria de perspectivas de trabalho. Ao mesmo tempo que o voluntário pode tirar prazer e auto-satisfação desta experiência pode investir no futuro. Por último, “ser útil para os outros” é a cereja no topo do bolo que reflete uma preocupação pró-social.

Na atual sociedade de conhecimento é cada vez mais exigido aos jovens melhores qualificações, capacidade de adaptação, versatilidade e continua atualização. Segundo Hoikkala face às exigências do mercado de trabalho “dar-se bem e ter sucesso requer competências cada vez mais individuais, competências comunicativas, flexibilidade e capital social” (2009: 11). Por conseguinte, o voluntariado é visto como uma oportunidade de potenciar o capital humano e de desenvolver competências valiosas úteis para o currículo e para a vida pessoal (Afonso, 2013):

Réka – Como no final da licenciatura em Ciências Sociais ainda não me sentia capaz de entrar logo no mercado de trabalho, por falta de experiência e competências vim. (NT 21 de Novembro)

Larissa – Eu não queria ficar mais tempo a trabalhar no bar. Eu queria fazer algo para melhorar as minhas competências. No início eu estava à procura de voluntariado em escolas e assim poderia aprender enquanto professora, pois na Grécia eu só tive 3 meses práticos de trabalho enquanto professora na licenciatura e atualmente não há oportunidades de trabalho como professora. (Entrevista)

4.3 Possibilidade de ir para o estrangeiro, ter uma experiência de aprendizagem intercultural e multilingue

Os jovens confrontam-se com uma sociedade “mais formada pelos imperativos da mobilização do que pelos papéis, pelos imperativos da comunicação em vez da função” (McDonald, 1999: 3). Como tal, o voluntariado no estrangeiro surge como uma oportunidade sedutora de abertura ao mundo e aprendizagem intercultural pois permite conhecer outro país e língua, familiarizar-se com uma nova cultura e suas tradições, e também conhecer e trabalhar em equipa com pessoas vindas dos confins do mundo:

Maarit - Depois de licenciar-me comecei logo a trabalhar num restaurante de uma estação de combustível. Estive lá um ano e como não queria ficar presa no mesmo sítio, queria ir para o estrangeiro enquanto podia, porque daqui a dois anos posso ter família, ou a minha própria casa. Decidi que queria viajar mais e ir para o estrangeiro, porque em geral eu não viajei muito. Por isso decidi que queria fazer algo, e a primeira coisa que eu podia fazer era ser ama de crianças, e fui procurar na internet e por acaso fui ter ao site do SVE. (Entrevista)

Larissa - Eu queria ir para o estrangeiro para estudar ou para fazer SVE pois esta é uma experiência que permite conhecer pessoas de diferentes culturas e poder trabalhar em conjunto com elas por um ano. (Entrevista)

Carolina – E quais são os maiores atrativos deste trabalho? Réka – na verdade é o facto de conhecer outra língua, trabalhar em equipa com pessoas de diferentes culturas, etc... (NT 21 de Novembro)

Face às exigências do mercado de trabalho que procura cada vez mais um conjunto de competências específicas como as competências comunicações, interpessoais e sociais, a aptidão para o trabalho em equipa, e a capacidade de iniciativa e de inovação, o voluntariado traduz uma excelente oportunidade de aprendizagem que pode ser útil no futuro pessoal e profissional (Delors, 2005). Assim, ao mesmo tempo que se pode conhecer um país e trabalhar em equipa com pessoas de diferentes culturas, aprender a língua portuguesa é também um grande atrativo, a nível profissional e pessoal:

Carolina – Então, como é que começou o teu interesse pelo voluntariado? Chiara –Estou sempre a procurar uma maneira para viajar para o estrangeiro sem pagar e conhecer culturas. E uma amiga disse-me que havia a possibilidade de viajar com tudo pago através de voluntariado. Eu nunca tinha tido uma experiencia de voluntariado. E tem que ser um país que me interesse. se eu não estou interessada na cultura russa não vou fazer um voluntariado na Rússia. E Portugal era o que mais queria pois tinha vindo muitas vezes a Portugal. E como sou guia turística queria principalmente melhorar os meus conhecimentos em inglês e aprender português, porque agora é importante a nível económico, por exemplo a economia brasileira. (Entrevista)

Giulia – A motivação foi porque eu queria fazer uma experiência no estrangeiro por um ano. Só tinha ido ao estrangeiro por um mês de férias. Queria ver como é que eu posso trabalhar num lugar que não é o da minha origem, estar em relações com diferentes culturas e diferentes formas de ver e fazer, e melhorar competências, como aprender português e ter a experiencia de organizar coisas. (Entrevista)

Lasse - foi um acidente anormal encontrar o SVE...No meu caso vim porque tive espanhol na escola e estava muito zangado porque não sabia nada. Era tão difícil para mim. E eu queria aprender português ou espanhol porque a minha intenção quando eu vim era retornar à Dinamarca para estudar um bocadinho mais a língua. Então comecei a procurar oportunidades para ser um voluntário ou trabalhar em algum lado e encontrei o SVE. (Entrevista)

No encaço destes testemunhos desaguamos na individualização. Tendo em conta que os estilos contemporâneos de voluntariado são uma realidade biograficamente enraizada "o voluntariado também se assume como um plano de desenvolvimento pessoal, no que tem sido designado uma forma deliberada de lidar com a biografia “faça-você-mesmo”

'(Hustinx & Lammertyn 2000). Como nos diz Norbert Elias (2004), na contemporaneidade os jovens têm de decidir mais por si mesmos manifestando o desejo de ser algo por e para si mesmo.

4.4 Influência de experiências antecedentes em intercâmbios juvenis

A participação no SVE surge ligada a experiências antecedentes como intercâmbios de jovens, valorizando-se a possibilidade de socializar com pessoas de diferentes países e culturas:

Carolina – Conta-me como começou o teu interesse pelo SVE... Larissa – O meu tio tem uma ONG e eu comecei a participar em intercâmbios de jovens e realmente gostei. Fiz 6 mas no máximo eram de duas semanas. Depois, numa apresentação desta organização, eles mostraram outro tipo de projetos existentes no programa Juventude em Ação e ao ouvir sobre o SVE e pensei “Oh um intercâmbio jovem por um ano! Eu quero fazer isto!” (Entrevista)

Carolina – Como começou esta curiosidade e esta vontade de fazer SVE? Lauma – no ano passado eu fiz dois intercâmbios de uma semana a Sypros. Apesar de ter sido só uma semana, ficamos tão próximos como uma família. O que mais me atrai nestes projetos é socializarmos com pessoas de diferentes países e culturas. Na Letónia as pessoas são muito iguais e não se convive assim com pessoas de diferentes culturas. (Entrevista)

4.5 Possibilidade de auto-satisfação, auto- realização e experimentação: “vou dar este ano para mim”

A possibilidade de “desfrutar a vida”, socializar, conhecer outro país, cultura e língua é o atrativo:

Carolina - E quais foram as tuas primeiras motivações para fazer esta experiência? Jelena – Não tinha trabalho e achava que não ia encontrar trabalho e então não tinha muitas possibilidades. Tinha 28 anos e por isso achava que era o último momento em que estou jovem e vou dar este ano para mim, para conhecer outras pessoas e desfrutar a vida. (...) Então é um ano como descanso da vida real. E era uma boa oportunidade para conhecer outro país, outra cultura e outra língua. Eu gosto muito de língua portuguesa e por isso queria ir para Portugal. Eu não queria ir para outro país. Só fui a Lisboa 5 dias e gostei muito. Mas se eu tivesse trabalho nunca faria isto (Entrevista)

Os jovens podem ver a experiência de voluntariado como uma forma de lidar com a incerteza biográfica e inibir a natureza arriscada das suas escolhas de vida e por isso a oportunidade de experimentação é uma forte motivação (Hustinx&Lammertyn, 2000). Num tempo em que a capacidade individual de sobrevoar a incerteza e gerir a vida assumem uma importância acrescida (Furlong *et al*, 2011), preparar o “presente estendido” é a tendência (Leccardi, 2005). Para além da oportunidade de melhorar

competências, o voluntariado é visto como oportunidade de fazer algo prático, experimentar o que se quer, sem o risco de ter responsabilidade pelo insucesso, podendo ser um potenciador de certezas sobre decisões importantes a serem feitas no futuro:

Lauma –Estamos aqui também à procura de oportunidades de trabalho, porque aqui podes correr o risco de fazeres o que quiseses, melhorar as tuas competências e não és responsável por nada. Podes tentar se não tiveres sucesso, é mau mas a vida continua. (Entrevista)

Giulia – O trabalho é muito inseguro, na minha área não encontrei trabalho, porque a minha área é muito vaga. É muito teórica. E por isso é que estou aqui para fazer algo mais prático caso contrário penso que não estaria aqui. (Entrevista)

Por outro lado, a oportunidade de experimentação oferece possibilidades de autoconhecimento, pois descobre-se os gostos e potencialidades individuais:

Jack - Este projeto é uma boa oportunidade para veres o que queres fazer na tua vida. Quais as coisas em que és boa, e em que não és; o que é que gostas de fazer e o que é que não gostas (Entrevista)

Em conclusão, as escolhas éticas presentes nas motivações dos voluntários apontam para o que Machado Pais, *David Cairns e Lia Pappámikail* revelam através de investigadores como Manuela Du-Bois Reymond, François de Singly, Sven Morch e James Côté: a adoção, por parte dos jovens, de “éticas de vida mais expressivas, conviviais e hedonistas, especialmente ao sublinharem a importância de valores como a autonomia, a diversão, a experimentação etc. (...), além de crescentes expectativas de realização pessoal” (Pais *et al*, 2005: 110). No geral, os voluntários tendem a ter uma visão individualizada e instrumental do voluntariado, isto é, a sua vontade de participar depende cada vez mais de interesses e necessidades pessoais, em vez de valores tradicionais como servir os outros e como um sentido de dever ético para com a comunidade.

Esta visão espelha o carácter da sociedade em que vivemos. A Europa pós-cristã, abandonou a liturgia do dever e matou o alfa e o ómega da moral. Os mandamentos superiores foram desacreditados, estimulando-se os desejos imediatos, a paixão do ego e as promessas de felicidade e auto-satisfação (Lipovetsky, 1994). Como “o desejo de fazer o bem aos outros já não tem raízes na cultura do imperativo obrigatório, alimenta-se principalmente da expectativa de um suplemento existencial, de um «excesso de vida»” (ibidem:167). E assim o ideal altruísta, associado à mortificação do eu recua pois perde o sentido. Posto isto, os jovens esperam adquirir competências enquanto se voluntariam e veem a mobilidade no exterior do seu país em termos de desenvolvimento

pessoal e enriquecimento profissional. Assim, por um lado pode-se ler o envolvimento a longo prazo como uma oportunidade de dar asas ao desejo de satisfação e realização pessoal, e por outro lado como uma resposta pessoal às exigências económicas e às incertezas estruturais que os jovens têm que aceitar, resolver, ou transcender (Pantea, 2013). Nesta lógica à margem do altruísmo, o carácter de serviço comunitário e político dos dois projetos em que os voluntários participam é esmorecido das suas razões principais.

Esta evidência de uma mudança na natureza tradicional do voluntariado manifesta a ideologia individualista da contemporaneidade. As sociedades pós-modernas erigiram o indivíduo como valor principal e intangível, tornando-o o alvo de todos investimentos. O imperativo está em produzir formas de subjetividade, auto-expressão e auto-criação sendo o grande destino do indivíduo a autonomia e a independência. Porém, “autonomia e auto-criação cada vez mais substitui a socialização e as normas internalizadas” contribuindo para a falência da sociedade comunitária (McDonald, 1999: 122). Para o sociólogo e teórico político Steven Lukes (1971) a expressão “individualismo”, que surgiu no século XIX, abarca um conjunto de ideias heterogêneas que vão desde o predomínio de atitudes egoístas ao abandono, pelos indivíduos, da vida pública para a esfera privada, que leva à dissolução dos laços e compromissos sociais. Com efeito, ao desprezar os valores e responsabilidades sociais, implicada pelo processo de personalização, a consciência narcísica pode substituir a agência política, distanciando os indivíduos da cooperação e da solidariedade (Lipovetsky, 1986). Inevitavelmente irrompe a pergunta: de que forma é que as motivações instrumentais, centradas na auto-satisfação, auto-realização, autodesenvolvimento e autoconhecimento influenciam a participação e compromisso social com a comunidade e com o movimento do Comércio Justo bem como a relação de cooperação e solidariedade necessária para que os voluntários trabalhem em grupo e se relacionem?

4.6 A exceção à regra: motivação social relacionada com identificação com a filosofia do projeto SVE

Apesar de todos os voluntários terem como principal motivação dar algo para si, esta voluntária tem como principal motivação o próprio projeto que corresponde à sua filosofia de vida. Defender uma causa é o objetivo:

Carolina - Como começou o teu interesse pelo SVE? Ewelina – Eu trabalhava, mas não estava satisfeita com o meu trabalho; não me estava a desenvolver. A organização polaca que contactei na minha cidade, de vez em quando enviava-me informações detalhadas sobre projetos, este projeto apareceu, agradou-me e decidi candidatar-me. Carolina - E Portugal estava nos teus planos ou não? Ewelina - Não, de todo. O lugar, em geral, não é o que mais me importa, mas sim o projeto. Não é do género: “Quero ir a Itália porque adoro a cozinha italiana”. Eu escolhi este projeto de comércio justo porque é algo que me interessa. Na Polónia já trabalhei numa loja de comércio justo e em ONG’s. Não sabia ao certo que tipo de comércio é que se fazia, que tópico sobre comércio justo é que se iria tratar... Para mim, o comércio justo é uma das coisas que podes fazer e deve fazer parte de uma mudança maior e mais profunda da economia a nível global. (Entrevista)

Este exemplo surge como uma motivação relacionada com o movimento social Comércio Justo, sendo visível o compromisso pessoal, social e político com esta causa. Curioso será perceber se este compromisso se traduz em formas de participação ativa na comunidade e em iniciativas de teor político e espírito ativista?

V. SENTIDOS DADOS À PARTICIPAÇÃO NO SERVIÇO VOLUNTÁRIO, NA COMUNIDADE E NO GRUPO DE TRABALHO VOLUNTÁRIO

Tendo em conta que os onze voluntários participam em dois projetos de SVE, com uma natureza de tema, atividades de voluntariado e dinâmicas de relação de grupo diferentes, os sentidos dados à participação no serviço voluntário, e no grupo de trabalho voluntário será analisado separadamente. Porém, visto que os voluntários se cruzam nos sentidos dados à participação na comunidade e no próprio compromisso e agência cívica, a análise destes sentidos e compromissos cívicos será analisada em conjunto.

5.1 O projeto “Ao encontro da Comunidade”: os novos contornos do voluntariado

5.1.1 Tempo para ajudar e tempo para si

Neste projeto o papel do voluntário passa por ajudar as instituições locais (Cerci, Orfanato, Santa Casa da Misericórdia e Escola) apoiando os técnicos e os utentes nas diferentes atividades regulares, podendo propor e desenvolver novas atividades.

Na **Cerci** cada voluntário escolheu uma ou duas salas de atividades de ocupação de tempos livres e formação de pessoas portadoras de deficiência física e mental onde iriam ficar a ajudar. Os jovens veem a sua participação nas atividades de voluntariado como um tempo que serve finalidades específicas:

Chiara - Vamos fazer atividades segundo as capacidades, dons e talentos que temos. E também tendo em conta as necessidades dos utentes e os pedidos da instituição (NT 1 de Outubro)

Na prática, a Maarit ficou a dar apoio nas atividades de dança e de expressão dramática porque sabe dançar zumba; a Chiara ficou na sala de costura, porque sabe costurar; o Jack ficou na sala de apoio às atividades de jardinagem e horta biológica porque os seus pais têm uma quinta e ele costuma ajudá-los; a Larissa ficou a dar apoio na sala atividades de desenvolvimento de competências linguísticas, porque é uma forma de ter experiência profissional visto que licenciou-se em ensino; a Réka ficou na sala “área técnica de atividades de grupo” e o Lasse fica a apoiar a aula de educação física, sendo o único que afirma que não se importa em que área vai ficar a ajudar.

Durante uma reunião entre os voluntários, alguns voluntários expõe os seus motivos para ficar nas diferentes áreas acima mencionadas:

A Larissa diz que quer escolher o que é melhor para o futuro dela. O Jack diz que gostava de ficar com um determinado grupo, na qual já tem empatia. O Lasse diz que tanto faz. (NT 7 de Outubro)

Carolina – Já sabes o que queres fazer na Cerci? Jack – Sim, vou estar na sala da jardinagem. (...)

Carolina – E tu como é que te interessas por esta área? Os meus pais têm uma quinta e eu costumo ajudá-los. (NT 23 de Outubro)

Influenciados pelo processo de individualização, os “novos voluntários” como lhe chama Huxtinx (2001) desejam estabelecer um equilíbrio entre os objetivos das instituições e os seus interesses e capacidades individuais. Na verdade estes discursos revelam um individualismo altruísta que simboliza a base motivacional aparentemente contraditória do tipo de voluntariado reflexivo (Hustinx & Lammertyn, 2003). Nestas formas de compromisso mais autónomas, os voluntários querem escolher atividades que possam corresponder os benefícios pessoais como a auto-satisfação, a auto-realização e a experiência profissional com a oportunidade de ser altruísta, isto é, ajudar de corpo e alma:

Na sala de zumba estão 16 clientes do sexo feminino. Algumas utentes têm muita dificuldade em se mexer e outras não conseguem ver bem por isso a Maarit ajuda-as individualmente. Durante os exercícios de Zumba a Maarit tenta explicar-lhes de forma carinhosa os exercícios, elogiando-as e incentivando-as. (NT 30 de Outubro)

5.1.2 Tempo para a ser proactivo

As atividades de voluntariado visto que estão ligadas aos interesses dos voluntários são uma oportunidade para o voluntário expressar iniciativa e solidariedade, dando asas à sua criatividade:

Na sala de costura a Chiara pergunta se é possível escrever um artigo sobre o concurso “mãos com arte” e sobre a cadeira para colocar no seu blog sobre arte. Também quer fazer uma entrevista à autora da cadeira, a Dr. Helena. (NT 17 de Outubro)

O Jack e a técnica falam sobre ervas aromáticas, o Jack tira apontamentos sobre ervas aromáticas que pode arranjar. A técnica confessa-me que o Jack também a tem ajudado muito e ela diz que ele lhe dá ideias porque é interessado e também tem conhecimento sobre jardinagem e plantação. (NT 23 de Outubro).

A participação e iniciativa dos voluntários são explicadas quer pelos sentidos e compromissos pessoais ligado à atividade em si quer pelas competências que os voluntários possuem na área onde estão a ajudar. No caso da Chiara, a arte é um gosto pessoal, no caso do Jack o conhecimento na área de jardinagem permite-lhe propor novas ideias. No conjunto, estes ingredientes permitem expressar uma das competências-chave ao longo da vida: o espírito de iniciativa e de empreendedorismo, que inclui a capacidade de propor novas ideias e ações inovadoras (European Communities, 2007).

5.1.3 Tempo de afetos

Na Cerci, as relações dos voluntários com os utentes são marcadas pela dimensão afetiva. A troca de carinho, afeto e o “intercâmbio de sentimentos” é expressado e valorizado:

Vou com a Chiara para o atelier têxtil, onde os utentes cozem num tear, fazem tapetes, carteiras e almofadas. Está um rapaz no tear e três rapazes numa mesa a fazer tapetes com uma agulha, de forma bastante lenta e despreocupada. A Chiara cumprimenta todos com beijinhos e abraços. A Chiara diz que ainda não chegou o Serafim, o seu namorado. Brinca com eles, é empática. Diz que quer os tapetes que eles estão a fazer para casa dela, e para amanhã. Riem-se. (NT 10 de Outubro)

Larissa - No primeiro dia que eu fui à Cerci, deixei-a a chorar. Estava um pouco assustada de como iria ser trabalhar com pessoas com deficiências. Mas eles são muito carinhosos e eu gosto deste afeto. Vês que eles te respeitam, gostam de ti e há um intercâmbio de sentimentos e é muito bom. (Entrevista)

O voluntariado é visto como um tempo para dar, sendo que o amor é o fruto imaterial partilhado:

Larissa – Em geral o voluntariado é sobre aprender a dar, às vezes sem esperar nada em troca. Dar é alegria. E não é preciso que seja material. Pode ser amor. Vou ao orfanato e até um abraço de uma criança é algo... (Entrevista)

A imagem bíblica do bom samaritano é um exemplo perfeito para expressar esta forma de disponibilidade desinteressada ao outro. Para Sacristán (2003: 141) a dimensão afetiva é importante na medida em que “os laços de amor em relação aos nossos semelhantes formam a base primeira e primordial que nos liga aos outros e faz com que nos sintamos afeiçoados a eles”. Por outras palavras, as relações sociais nutridas pelo amor e pela amizade favorecem a empatia e estão na origem do conhecimento dos outros. Esta atitude amorosa demonstrada pelos voluntários é valorizada pelos técnicos e diretora da Cerci:

Carolina – Então e como é que acha que o Jack se está a portar enquanto voluntário? Sara (técnica) – muito bem. Ele dá muitas ideias e tem muita sensibilidade e paciência com os clientes. (NT 27 de Novembro)

Dr. Carla – Este ano estou muito contente com os voluntários. Acho que são muito sensíveis. Não é fácil trabalhar com esta população. Eles tem muitas deficiências, babam-se etc. mas eles tem este lado humano (...). Às vezes nem é preciso estar a apresentar-lhes uma série de atividades. O que eles precisam pode ser simplesmente ser ouvidos. (NT 30 de Outubro)

Para os voluntários trabalhar com esta população é vivido como uma aprendizagem pessoal:

A Larissa diz-me que o trabalho nas instituições é-lhe útil pois a ajuda a relativizar os seus problemas, a compreender e a lidar com os problemas dos outros, e por isso ser-lhe-á útil a nível pessoal, para ser uma melhor pessoa, e a nível profissional (NT 3 de Outubro)

No **orfanato** durante as duas horas de voluntariado os dois voluntários deslizam pelas 3 salas onde estão os 3 grupos diferentes de crianças. Devido aos comportamentos agressivos das crianças, e às suas necessidades afetivas a participação dos voluntários é vista como um tempo para dar amor e atenção e não como oportunidade de desenvolver atividades:

Maarit - No orfanato consigo notar problemas familiares das crianças que se revelam nos comportamentos. São muito agressivos alguns. Por isso não preparamos nenhuma atividade. Simplesmente estamos com eles. No Natal queremos fazer lá uma festa para que as crianças não sintam tanto a falta dos pais. (NT 28 de Outubro)

Carolina – Qual é que achas que é o teu papel no orfanato? Chiara – Eu tento dar amor, carinho e atenção às crianças. E tentar-lhes mostrar qual é a diferença do bem e do mal porque eles não sabem. Para eles mudarem de comportamento demora. (NT 3 de Dezembro)

5.1.4 Tempo para fazer companhia, ouvir e escutar

Na **Santa Casa da Misericórdia**, a participação do voluntário também se resume a suprir a maior necessidade dos idosos: ter uma companhia que os ouça.

Pergunto ao Jack se eles planeiam sempre as atividades e ele diz que não. Com os idosos o importante às vezes nem é ter uma série de atividades planeadas. É mais importante estar com eles, ouvi-los pois é isso que eles precisam. Muitos deles não tem ninguém a visitá-los. (NT 30 de Outubro)

Esta declaração reflete a dimensão altruísta do voluntariado. Confrontados com uma alteridade o sujeito é chamado a acolher o fora de si numa atitude de hospitalidade. Altruísmo, do latim, significa "para o outro", cuidar do "alter" e foi uma palavra cunhada pelo filósofo francês Augusto Comte para designar a disposição humana para se dedicar ao Outro, nem que seja no silêncio de uma voz, e na agência de dois ouvidos. A entrega ao outro significa que nos dispomos a partilhar o que é nosso, permitindo a entrada de alguém que estimamos na sua diferença (Baptista, 1998: 65). Ao estar relacionada com a inter-relação pessoal, a educação tem a ver com as atitudes que manifestamos na relação com o *Outro* (Cabanas, 2002). Estas simples atividades de voluntariado ao estimularem o voluntário a tomar atenção ao *Outro*, exterioridade que está para além do seu ser, pode educar o olhar a expressar atitudes de empatia, solidariedade e responsabilidade pelo *Outro*. No fundo, dentro do “poliedro” chamado

educação as atividades de voluntariado podem assumir uma função educativa numa dimensão pessoal, relacional, afetiva e ética.

5.1.5 Tempo desafiante: a proficiência linguística como obstáculo na relação com os utentes e com os técnicos

Como teriam inevitavelmente que falar em português com os técnicos e os utentes nas diferentes instituições, os voluntários durante o primeiro mês do projeto tiveram aulas de língua portuguesa com uma professora na CJ, seguindo depois individualmente a aprendizagem. Mas qual é a importância da proficiência linguística na relação comunicacional com o *Outro*?

Cheguei à Cerci às 9.30h. A Chiara e a Réka estariam lá. (...) Fomos para a sala de espera.(...) Entretanto a Chiara olha para algumas palavras ilustradas na parede e começa a fazer-me perguntas sobre como é que se diziam algumas palavras em português. Verbos. Ia dizendo os verbos em português e eu confirmava ou corrigia. Confessa-me que tem mesmo que falar português. Perguntei-lhe como é que ela tem estudado e ela diz que ouve fado: Ana Moura. (NT 17 de Outubro)

Enquanto instrumento de comunicação e socialização a linguagem é um instrumento basilar para o entendimento mútuo e para o fortalecimento de laços sociais. Na perspetiva da educação, a linguagem oral oferece duas grandes possibilidades: ser o instrumento do pensamento que permite a compreensão e “ser a ferramenta básica de elaboração, transmissão e aprendizagem da cultura, ou seja, da comunicação com os outros e conosco próprios” (Sacristán, 2003: 66). Em suma, a proficiência linguística é responsável pela possibilidade e qualidade da comunicação e da socialização dos sujeitos. Neste contexto, prestamos a atenção na influência da proficiência linguística na relação comunicacional com os técnicos e com os utentes e na forma de participação e envolvimento nas diferentes atividades de voluntariado:

Na escola do 1º ciclo, os voluntários circunscrevem a sua ação a uma sala com cerca de 40 crianças. O grande desafio é a comunicação, e o maior obstáculo é a dificuldade na proficiência linguística:

Carolina – E qual é o espaço que achas que é mais desafiante para ti? Réka – A escola. Porque estamos com 40 crianças, não temos ninguém que nos ajude e temos que nos desenrascar e conseguir comunicar com eles. (NT 21 de Novembro)

O Jack vem ter comigo dizendo que precisava da minha ajuda, para traduzir as instruções do jogo que ia começar a jogar com meninos/as. Ao ajudá-lo assumo o protagonismo e ele fica na sombra pois não consegue comunicar em português. Quando há palavras que não conhece pergunta-me os

significados. Muitas coisas que ele não consegue dizer pede-me me a mim para dizer. À ida para casa ele confessa-me que como sabia que eu vinha não preparou as frases em português que teria que dizer para as instruções do jogo. (NT 18 de Novembro)

O Jack tem dificuldades em falar português, e face à minha presença, o seu papel de voluntário torna-se inútil. Por outro lado, sabendo de antemão que eu iria com ele à escola deixou de fazer o trabalho de casa que lhe exigiria caso não tivesse uma ajuda na língua portuguesa. Assim, na escola, enquanto investigadora, assumo o papel de voluntária, tradutora do que o voluntário não consegue dizer em português e salvadora do seu papel de voluntário: falo por ele e comunico por ele, tirando-lhe as dúvidas sobre a língua portuguesa.

Face à deficiência na proficiência linguística os voluntários optam por outras estratégias de comunicação:

Maarit - Penso que vou ter que utilizar outra estratégia quando tivermos na atividade de teatro. Como eu não falo muito bem português pensei em fazer exercícios de mímica. Em cartões escrevo uma frase ou palavra e eles tem que imitar. Quanto à aula de zumba o melhor é eu escrever as frases em inglês que preciso de passar para português e depois pedia-te para as passares para português. (NT 27 de Novembro)

Fui até à Santa Casa. O Jack estava numa mesa com 3 idosos a jogar à sueca. E o Lasse estava noutra mesa com 3 idosos a jogar uma espécie de dominó com imagens de animais. (...) Lasse – Eu escolhi este jogo porque é fácil. Não tenho que falar muito. Só tenho que saber o nome dos animais. O Lasse tem muitas dificuldades em falar português (NT 5 de Dezembro)

Lasse – Eu não consigo comunicar quase nada com os técnicos com quem trabalho. Podemos dizer 10 palavras num dia, mas longas conversas em linguagem corporal. Mas claro que muitas coisas se perdem. (...) O problema de sermos um grupo tao grande é que nós falamos inglês entre nós. (...) Tu aprendes muito mais rápido quando tu és forçada a falar. Aqui nós dizemos assim (voz de desânimo): oh talvez vamos ter uma hora e meia de português hoje, porque tenho pouco tempo... eu não sei. E nós só falamos inglês aqui. E isso é um grande problema aqui definitivamente. (Entrevista)

Neste caso, apesar da linguagem corporal ser uma alternativa de superação de dificuldades na linguagem verbal, não é suficiente para manter uma conversa e conhecer as pessoas com quem se trabalha. Como causa desta dificuldade linguística o voluntário afirma que o facto dos voluntários apenas falarem inglês entre eles dificultou a aprendizagem da língua. Sendo que a comunicação em línguas estrangeiras se baseia na capacidade de compreender, expressar e interpretar a língua estrangeira em diversas situações da vida social e cultural interagindo linguisticamente de forma apropriada,

conclui-se que a deficiência de competências orais na língua portuguesa se apresenta como a maior barreira dos voluntários (European Communities, 2007):

Chiara - Este é o problema maior. O da comunicação, pois não se consegue falar. E tenho a sorte de entender o que os portugueses dizem e de puder comunicar bem, por isso acho que as aulas de português são importantes. Porque se sabes a língua as atividades correm melhor. (NT 18 de Dezembro)

Carolina – E a barreira da língua é a maior barreira no relacionamento com os utentes nas instituições? Jack – sim, ou seja, por um lado, é uma boa forma para praticar português, mas por outro lado, o português que as pessoas mais velhas e as crianças falam não é português perfeitamente correto. E nós também não falamos português corretamente. Tentamos falar e eles não entendem. (Entrevista)

Maarit – A língua é uma barreira muito grande. É muito difícil quando não entendes nada e não podes responder. Mas agora está a ser muito melhor e por isso desfruto muito mais as instituições. No início era do tipo “oh, eu tenho que ir lá agora, como é que eu vou lidar com este dia outra vez, como é que eu ponho este português na minha cabeça. Era esta frustração. (Entrevista)

Assim, depreende-se sem surpresas que a qualidade da proficiência linguística afeta quer a qualidade do serviço voluntário e da participação do voluntário, quer a qualidade das relações interpessoais com os utentes e com os técnicos. Daí a importância das aulas em português que a CJ proporciona. Tendo em conta que a comunicação enquanto fenómeno relacional é o meio que permite aos indivíduos estabelecer relações e construir laços de solidariedade, e de convivialidade, a carência desta dimensão cultural de cidadania (as competências linguísticas) tem um efeito significativo na participação social e cívica dos voluntários (Fernandes, 2000).

5.1.6 Tempo de constrangimento: os papéis difusos do voluntário

Na **escola do 1º ciclo** quando as crianças terminam as aulas e vão para a sala de espera, os voluntários tem que comunicar com elas, quer seja ao responder às perguntas das crianças quer seja ao propor um jogo. Porém, quando os voluntários não sabem o que fazer, um tempo que seria supostamente de fruição torna-se um tempo de desorientação:

Eu a Maarit e a Réka entramos na carrinha, e seguimos para a escola do 1º ciclo em Madalena. Era a primeira vez que iam. (...) A Réka e a Maarit ao verem tantas crianças vão para um canto da sala e a coordenadora diz-lhes em português que elas podem ir lá para fora ou brincar ali. Esta orientação não lhes serviu de consolo porque elas não sabem o que fazer. Ficam simplesmente a olhar. Aproximam-se 3 raparigas portuguesas. Depois de lhes perguntarem a nacionalidade as crianças propõe-lhes um jogo, “de correr, toca e foge”. Elas aceitam e jogam com elas. Entretanto

as crianças entram numa correria furiosa, o que provoca uma algazarra. E a funcionária, que estava à porta da sala, numa posição secundária, como se estivesse a ser substituída pelos voluntários, lança uma expressão de desagrado na direção das voluntárias. Elas comentam este facto. Estão desconfortáveis porque não trouxeram nada para fazer, não sabem o que fazer e sentem que não tem controlo da situação. (...) Às 18.30h a maior parte das crianças vai-se embora. Elas ficam sem saber o que fazer. Enquanto esperam pela boleia, sentam-se no chão, encostadas à parede da sala, visivelmente desanimadas. (NT 16 de Outubro)

Por não terem nada planeado, e devido ao facto das suas competências linguísticas serem reduzidas a comunicação com as crianças fracassou, vendo-se impedidas de propor alguma atividade ou jogo. Este facto fez com que os papéis de voluntárias fossem invertidos. As crianças assumiram um papel ativo e as duas voluntárias simplesmente obedeciam ao que lhes era proposto, vagueando pela sala à mercê das sugestões das crianças. Este comportamento revela por parte das voluntárias uma falta de compromisso e sentido dado à atividade de voluntariado quer uma falta de comunicação com os líderes do seu projeto. A juntar a este quadro, o facto da técnica que tomava conta da sala se ausentar e depois reclamar a demonstração de autoridade e controlo da situação por parte das voluntárias revela que as técnicas têm uma ideia equivocada sobre qual o papel do voluntário e sobre o que ele está habilitado a fazer, o que pode revelar uma falta de comunicação com a Casa da Juventude sobre qual o papel do voluntário.

Por outro lado, como nos revela o próximo voluntário as técnicas aproveitam a presença do voluntário para o substituir na sua tarefa profissional. Esta face perversa do voluntariado é reprovada pelo voluntário pois o único papel do voluntário é ajudar:

Lasse - Os técnicos das instituições não sabem quem nós somos. Eles não sabem qual é o nosso papel, o que nós fazemos e podemos fazer. Eles pensam que nós estamos educados neste campo de trabalho social. Porque eles têm expectativas que nós criemos uma coisa espantosa. E eu não estou educado de todo, e isto é algo que está a faltar. Não é suposto nós estarmos aqui para tomarmos o controlo sobre algo pois isso significa que eu estou a tirar o trabalho a alguém que pode ser português e pode ser pago por isso. Esta é a primeira regra do voluntariado, em que nós não podemos fazer nada que remova o emprego a alguém. Temos que ajudar e é isso. Eles não entendem isto. Eles manipulam. Por exemplo, na escola chegamos e de repente todos os técnicos vão-se embora. E nós somos dois voluntários que não sabemos nada sobre estas crianças, somos deixados com elas mas estamos a fazer o trabalho de outra pessoa. Para mim isto é errado. (...) Para mim isto é que é o voluntariado: ajudar. Não é o meu trabalho criar. É ajudar. Eu não posso criar, porque eu não sei como; essas não são as minhas competências. Mas pede-me para fazer algo e eu irei fazer. (Entrevista)

Face a esta realidade desconcertante, o voluntário vê o seu serviço voluntário não como um serviço de utilidade para os utentes, mas antes como um substituto de um técnico:

Carolina - Achas que fazes a diferença nas instituições locais? Lasse – honestamente? Não. Por exemplo, na Cerci eu ajudo-os, mas principalmente o que eles retiram de mim ao estar lá é que ao invés de usarem três técnicos, podem usar dois mais eu, e o outro técnico pode fazer outra coisa. Eu não faço nada para ajudar os clientes. Eu faço algo para ajudar a instituição. (Entrevista)

5.1.7 Tempo para relaxar, divertir, e animar: “Não precisam de nós”

Devido aos papéis difusos dos voluntários, e à falta de sentido atribuído a certas atividades de voluntariado, um tempo que supostamente seria para ajudar transforma-se num tempo com outras funções que não as de ajudar, influenciando o compromisso e a participação do voluntário:

Chiara - Na última semana fiquei mesmo chateada com os técnicos. Ia fazer aeróbica (Cerci), tinha preparado a aula e quando chego o técnico Javier diz que ia ser ele a dar a aula de aeróbica. Depois falei com eles e esclarecemos as coisas, mas quer dizer, parece que eles não precisam de nós, que não temos grande utilidade ali. Eles sem nós vivem na mesma. E claro que isso dá-me menos motivação para ir. Carolina – e já falas-te com alguém sobre isso? Chiara – não. Mas eles podiam aproveitar os talentos que cada um de nós tem mas acabam por não fazer isso... (NT 21 de Novembro)

Esperamos 35min à porta da Casa da Juventude pela carrinha que nos levaria à escola. A Maarit e a Chiara confessam que o melhor era ela não aparecer, pois pensam que não são lá importantes. Maarit – eu quando vou gasto imensa energia só a tentar entendê-los e a ouvi-los aos gritos. (...). Eles têm família, que lhes paga para estar ali, tem uma escola com boas condições e o tempo de espera até à chegada dos pais é curto (45min aproximadamente). Percebo o porquê de estar com pessoas idosas, com deficiência, e com crianças abandonadas que precisam de companhia, mas ali não. A Chiara concordou (NT 28 de Novembro)

Youniss & Yates, autores do livro “Serviço Comunitário e responsabilidade social na juventude”, afirmam que os jovens ao ajudar outras pessoas em necessidade, usando os seus próprios talentos, podem experienciar a sua agência e fazer uma diferença considerável. Para os autores “este serviço irá dar aos jovens um claro feedback se as suas ações são efetivas” (1997: 18). Porém neste caso, a percepção de que as instituições não precisam da ajuda dos voluntários, como se a sua contribuição fosse descartada, faz com que se sintam como árvores que não dão fruto, isto é, inúteis na sua existência e finalidade voluntária: ajudar. Este facto pode desmotivar e até apagar o sentido dado à atividade de voluntariado e por outro lado confirma que “as motivações que influenciam

a decisão de se tornar um voluntário são geralmente diferentes daqueles que cooperam para manter o compromisso com o tempo" (Marta *et al*, 2010: 6).

Assim, quando as atividades de voluntariado não são vistas como necessárias ou úteis para os beneficiários o serviço voluntário passa a ter funções que não a de ajuda, e a possível agência e influência dos voluntários é dissolvida:

Carolina – E como é que definirias este voluntariado? Chiara – Eu acho que este voluntariado não é ajudar, não é nada que se precisa. Então podemos definir este trabalho que estamos a fazer como animações de entretenimento. Mas não é lindo não se sentir funcional, útil. Porque tu dizes, hoje se vou à escola ou não vou é o mesmo. (Entrevista).

Por outro lado, ao considerar o voluntariado nas instituições pouco desafiante em comparação com aprender português e trabalhar em equipa, o seguinte voluntário define a sua ida às instituições como um tempo para relaxar, brincar e animar:

Jack – Quando eu cheguei aqui disseram-me que trabalhar nas instituições era a coisa mais importante, e assim estava no contrato. É bom ir lá, mas não é assim tão desafiante, não é como um trabalho, não tens nenhuma obrigação de fazer algo. Para mim é mais um relaxamento. É um relaxamento do trabalho exigente que temos aqui como aprender português ou estar nestes projetos onde colaboramos com outras pessoas. Ou seja, estás com as crianças, brincas para que o tempo seja mais prazeroso. Podes preparar um jogo mas não é algo que tenhas que fazer. Com os idosos tu estás com eles para tornar as horas mais agradáveis, falas com eles, jogas com eles e também é uma oportunidade para praticar a língua portuguesa. E com as pessoas deficientes, eles tem pessoas que trabalham com eles e por isso tu tentas dar o teu melhor e também se torna relaxante. (Entrevista)

Devido à discrepância entre as expectativas dos voluntários antes da experiência de voluntariado e durante o trabalho voluntário, os voluntários mudam o sentido e a função dada à tarefa de voluntariado. Neste caso, o trabalho das instituições à exceção da exigente tarefa de comunicar na língua portuguesa, é considerado um tempo para relaxar, animar e divertir-se. Já o voluntariado na CJ relacionado com a exigência de colaboração com os voluntários e outros jovens vindos dos confins do mundo é vista como mais exigente e importante.

5.2 Projeto “Por um mundo mais justo!”

A tarefa principal dos voluntários deste projeto é serem lojistas na loja de Comércio Justo. A isto acrescentam-se várias tarefas pontuais que lhes são incumbidas como gerir o site e o facebook da associação do Comércio Justo, bem como promover o comércio justo através de ações de sensibilização.

Os voluntários que ficaram na zona do baixo Tâmega vão individualmente para a loja do Comércio Justo, ora de manhã ora à tarde, durante os 5 dias da semana. As duas voluntárias que ficaram na cidade do Porto deslocam-se à loja apenas ao fim de semana, uma de manhã e outra de tarde, pois é só nesse período que a loja está aberta ao público. Enquanto lojistas atribuem diferentes sentidos à sua tarefa voluntária:

5.2.1 Oportunidade para desfrutar

Devido ao facto da loja da zona do baixo Tâmega ter raríssimos clientes os voluntários utilizam o tempo na loja a seu belo prazer: ora deleitando-se a ler e ouvir música ora a aprender línguas:

Pergunto à Jelena se lhe custa passar ali as horas e ela diz que não. Diz-me que lê, ouve música, pensa... Trouxe um livro que se chama “a rapariga que inventou um sonho” de Haruki Murakami. (NT 17 de Outubro)

Jelena - Este é um ano como descanso. Porque eu trabalhei muito na Sérvia e sei o que é trabalhar trabalhar e por isso ir à loja duas ou três horas, e ajudar num projeto para mim não é nada. Para mim tudo isto é desfrutar. (Entrevista)

Cheguei à loja de Comércio Justo e o Javier estava atrás do balcão a estudar inglês. Mostrou-me no telemóvel o programa que tinha instalado e que tinha as frases em inglês, traduzidas em espanhol. Justifica-se: “Preciso melhorar o inglês”. (NT 25 de Outubro)

Carolina - E como é que está a ser esta experiência de trabalhar na loja? Giulia – Na loja não temos muitos clientes. (...) Eu uso a loja como escritório, e faço outras coisas. Aprendo português, preparo a aula de italiano, preparo trabalho para a CJ, estudo... (Entrevista)

O trabalho voluntário, por definição, implica um envolvimento em ajudar os outros ao invés de agir primeiramente para a própria satisfação (Youniss & Yates, 1997). Porém, neste caso, face à ausência de trabalho os jovens bordejam este fosco facto agindo para própria satisfação, conhecimento e desenvolvimento. De forma correlativa, o sentido ideológico e político das suas ações aparece como o maior ausente, em favor de ações mais individualistas.

5.2.2 Oportunidade para a proatividade: da iniciativa idealizada à iniciativa consumada

O seguinte voluntário afirma que o seu papel de lojista na loja do Comércio justo é uma forma de lutar pela possibilidade de uma maior justiça no comércio mundial:

Carolina – E qual é a tua maior motivação todos os dias? Javier – Difícil pergunta. A motivação é ajudar pessoas do sul do mundo que são aquelas com que nós trabalhamos do comércio justo, porque é uma forma de lutar contra a discriminação que há entre as pessoas do norte e as do sul do mundo. (Entrevista)

Porém, a sua motivação de ajudar os produtores do Sul do mundo e contribuir para a justiça social e económica, revela-se utópica pois a ausência de clientes na loja impossibilita a venda de produtos. Este facto é justificado pela falta de sensibilização da população face ao movimento Comércio Justo, e leva o voluntário a passar para um papel mais pragmático:

Carolina - E aqui na loja tens tido mais pessoas? Javier – A situação comercial não é boa porque esta é uma rua em que não há muitas pessoas. Carolina – Como é que te sentes em relação a não conseguires vender produtos devido à falta de clientes? Javier – Frustrado. Mas o Daniel disse-me para eu me preparar porque não iria ter muitos clientes, porque as pessoas em Amarante não estão muito sensibilizadas para este movimento e preferem ir ao supermercado. As pessoas precisam de mudar a mentalidade e quando digo isto incluo-me a mim. Mas penso que nestes meses vamos fazer algo. Vamos tentar promover mais. Anunciar no facebook e na CJ temos mais oportunidade de mostrar os produtos porque vão mais pessoas. Mas temos que ter uma reunião e falar sobre isso. (Entrevista)

Se inicialmente o seu compromisso se mostrava alheio à realidade, face à dureza dos factos o voluntário assume a necessidade de mudança de mentalidades e práticas da população, inclusive a sua. Se por um lado, confirma o seu ainda frágil compromisso com o movimento que preconiza, por outro lado idealiza, sem garantir a sua concretização, tentar promover o Comércio Justo junto da população local (na Casa da Juventude) e a nível global no Facebook. A sua luta passaria agora pela consciencialização das massas para as virtudes desta forma de comércio alternativo. Será a sua aliança suficiente para passar das ideias à ação?

O facto de as voluntárias no Porto apenas trabalharem na loja ao fim de semana deixa-as com muito tempo livre. Como tal o serviço voluntário é visto como muito dependente da motivação e iniciativa do voluntário para participar, ser proactiva, e desenvolver projetos e ideias:

Carolina – Como é que vês este projeto enquanto serviço voluntário? Lauma - Eles dizem-te: tu vais para a loja e é isso. Não temos assim muito para fazer. Estamos a trabalhar na plataforma de comunicação do comércio justo e na loja. Aqui no Porto não há ninguém a dizer-te: tu tens que fazer isto ou aquilo. O facto de termos muito tempo livre também é positivo, porque podemos ser proactivos e desenvolver projetos pessoais. Tudo depende de ti mesmo, da tua própria iniciativa e motivação, e se tu não estás suficientemente motivada pode ser mau E se tu estás interessada em fazer algo, podes propor ideias. Provavelmente eles podem dar-te alguma informação ou alguns

contactos mas não podes contar com eles todo o tempo. Não há nenhum professor que te diga como deves fazer as coisas melhores. Deves descobrir por ti mesmo. (Entrevista)

A voluntária seguinte revela um inconformismo com o seu simples papel de lojista, por duas razões principais. Por um lado, a ajuda teórica aos produtores do Comércio Justo não pode ser confirmada no dia-a-dia, pois os voluntários não veem o fruto da sua ajuda a curta prazo. Por outro lado, afirma que enquanto voluntárias não são valorizadas, pois a organização do projeto não aproveita as suas aptidões, desperdiçando o seu potencial para ajudar:

Carolina- Quanto a este trabalho voluntário, como o defines? Ewelina - O SVE, como é agora, tem uma estrutura pobre porque o voluntariado supostamente dá-te a oportunidade de te sentires bem contigo mesma porque fazes algo de bom. Isto resulta ao cozinhares para pessoas, ou plantares novas árvores na floresta porque sentes que fazes um bom trabalho que influencia o mundo, mesmo que não seja para o teu desenvolvimento. Vês o resultado imediato. O que eu faço na loja não me dá isso e também não está desenvolvido. É por isso que eu acho que este projeto, por esse prisma, está mal feito. Para mim, não é mau porque eu posso perfeitamente tomar conta de mim, organizar o meu trabalho e oferecer-me à organização para determinados campos profissionais onde tenho mais experiência para os poder ajudar. Mas se eu tivesse menos experiência ou fosse tímida, eu poderia também não dar nada ao projeto e provavelmente ninguém iria atrás de mim nem me daria atenção. Ao que eu vejo, eles não nos veem como pessoas com potencial para os ajudar, só veem um corpo que pode ser colocado numa loja quando esta estiver aberta. Não estão interessados na nossa experiência, nas nossas aptidões e desperdiçam um enorme potencial – não os culpo, porque a organização é pequena, não têm meios nem tempo e provavelmente também não terão experiência em lidar com voluntários. (...) Porém, para outros voluntários o tipo de abordagem de “Fica aí sentado das 10h às 18h, faz o que quiseres” não lhes agrada. E ao serem colocados para “baixo” devido à falta de atenção que lhes dão, como não são tão independentes desistem dos projetos. Por muito que queiramos fugir ao desemprego, não queremos perder tempo e ficar sem fazer nada. (entrevista)

Em suma, a insatisfação causada pela perceção do potencial individual desaproveitado revela o compromisso político com este movimento social e por efeito a vontade de ser “proactiva” e de participar nesta causa. A juntar a isto, a autonomia e independência dadas ao voluntário são vistas por dois prismas. Analisando por um prisma, é uma oportunidade para a voluntária ser autodidata e aprender a aprender:

Ewelina – Quando somos convidados a participar nesta experiência deveria ser referido. “Temos muito gosto em ter voluntários connosco, mas ficas avisado de que não temos pessoas para tomarem muito conta de ti e tens de ser bastante independente. Queres fazer isso? Achas que consegues fazê-lo? Ou queres aprender a fazê-lo?” Era bom que eles informassem desde o princípio da procura de voluntários: “Ei, autodidatas!...”. Porque depois disso, as pessoas têm outra forma de encarar as situações e sabem ao que vão. Para mim não foi mau porque estou muito

feliz com esta parte, ao estar a enfrentar desafios que queria enfrentar e aprender o que queria aprender: organizar-me, ser auto criativa e ter iniciativa. (...) É difícil aprenderes só por ti quando ainda não tens as ferramentas necessárias e por vezes defronto-me com os meus problemas “internos” mas tudo é bastante valioso. (entrevista)

Aprender a aprender é considerada umas das oito competências-chave ao longo da vida. Diz respeito à capacidade de ser responsável pela própria aprendizagem, organizando-a eficazmente. “Esta competência inclui a consciência do próprio processo e necessidades de aprendizagem, identificando as oportunidades disponíveis, e a capacidade de superar obstáculos, de forma a aprender com sucesso” (European Communities, 2007: 8). Olhando por outro prisma, a autonomia e independência são oportunidades para a agência política e social na causa do Comércio Justo:

Ewelina - Nós queremos fazer coisas diferentes e não ficar apenas na loja sentadas. Para este trabalho os voluntários precisam ser proactivos. (NT 5 de Novembro)

Ewelina - A autonomia e independência é uma qualidade deste voluntariado. Faço trabalho que está ligado ao voluntariado, estou a tentar espalhar a palavra sobre comércio justo, sobre o projeto da organização que eles desconhecem e não me preocupo em lhes contar porque não devem estar assim tão interessados. Também quero contactar com outras ONGs e com a imprensa local. (Entrevista)

Lauma – (...) Eu e a Ewelina estamos a preparar algumas apresentações sobre o comércio justo, e gostaríamos de apresentar para escolas, universidades, e queremos fazer parcerias com outras ONG. (Entrevista)

A agência individual das voluntárias é uma oportunidade para poderem desenvolver uma das competências-chave ao longo da vida: o espírito de iniciativa e empreendedorismo que diz respeito à “capacidade dos indivíduos de pôr as ideias em ação, de planear e gerir projetos com vista a alcançar objetivos (...)” (European Communities, 2007: 11). Digno de nota é o facto de a voluntária não fazer questão de informar a organização sobre as suas iniciativas pessoais, confirmando a teoria de Hustinx de que “os novos voluntários são leais não a uma organização em particular, mas a uma causa particular” (2001: 63). O facto da população nortenha não estar educada para este movimento social, é mais uma razão que acresce à necessidade de promover o comércio justo e educar as consciências para o ato cívico inerente ao à escolha de um produto, pois comprar é votar no tipo de comércio que se quer defender (Costa, 2012). Deseja-se um consumo reflexivo e responsável mais ético e mais justo, do ponto de vista económico e social:

Lauma – Honestamente, as pessoas não estão educadas neste campo. Mas eu gostava de espalhar esta informação porque por exemplo no meu país as pessoas não conhecem. E eu acho que se tu lhes contares e explicares as coisas elas irão comprar. (Entrevista)

Assim, a ação voluntária neste movimento social assenta mais numa componente pedagógica de educação, e não tanto numa vertente intervencionista, de luta ativa no campo. “A instrução do consumidor, no sentido de o orientar para um consumo mais ético e responsável, constitui uma forma de educação para o desenvolvimento. E, de igual modo, aproxima o consumidor do produtor, na medida em que “obriga” o primeiro a refletir sobre a situação do segundo” (Coelho, 2007: 145).

5.3 O ponto onde os voluntários se cruzam: a relação com a comunidade

Os habitantes de uma cidade vivem numa extensão de praças, ruas e ruelas onde não somente se cruzam, ladeiam e acotovelam. Mais do que simples vizinhança, representada arquitetonicamente por duas janelas, os cidadãos podem demonstrar a pertença à comunidade através da sua agência refletida nos gestos de cooperação com a população, nas redes solidariedade e nos laços de entreajuda tricotados. Se para a criação de cidadãos cívica e politicamente envolvidos é fundamental ligar os jovens à comunidade (Nenga, 2012), como se tecem os laços que ligam os voluntários à comunidade? E se a cidadania faz apelo à noção de pertença a uma comunidade e à participação na vida coletiva, como se configura o compromisso cívico dos voluntários?

5.3.1 Da relação de amizade e entreajuda à participação cívica

A relação e participação dos voluntários com a comunidade são vividas de formas distintas, dependendo das relações sociais tecidas, do sentido de pertença à comunidade, da vontade de ser proativa e das competências que se possuiu para participar. Neste caso, todos estes fatores são desenvolvidos e contribuem para a participação cívica da voluntária, embora esta seja uma iniciativa desenvolvida individualmente:

Chiara – A minha relação com a comunidade é maravilhosa. Ainda hoje tenho uma amizade maravilhosa com todos. E com os idosos também tenho uma relação de simpatia. Dão-me prendas, comida, convidam-me para jantar, dão-me livros. Se preciso de uma coisa, como informação de um monumento da cidade, todos me dão informação que preciso. E isto também acontece porque depois que comecei o trabalho com as instituições, eu empenho-me muito para trabalhar então conheço muitas pessoas, porque gosto muito de socializar, e falo um pouco português. Então é muito simples para mim socializar. Gosto de organizar eventos para eles. Se posso faço exposições concertos, e por isso eles conhecem-me. (Entrevista)

Este excerto demonstra que a voluntária expressa um sentimento de comunidade visível no espírito de entreatajuda, iniciativa e empreendedorismo e na necessidade de contribuir para o benefício coletivo da comunidade. No campo da psicologia comunitária Seymour Sarason foi o autor do conceito “sentido de comunidade” definindo-o como “«a percepção de similaridade com os outros, uma interdependência reconhecida, uma vontade de manter essa interdependência, oferecendo ou fazendo aos outros o que é esperado de nós (...)»” (*cit in* Dolejšiová & López, 2009:101). Da relação de amizade, entreatajuda e solidariedade criada brotam valores como a gratuidade, a partilha e a generosidade. Segundo a voluntária, esta relação foi construída devido ao empenho no serviço voluntário, à capacidade de socialização, permitida pelas competências orais em língua portuguesa que possibilitam o conhecimento dos outros e ainda devido às ações cívicas e artísticas que organiza. Segunda a Comissão Europeia “pôr em prática a cidadania é empreender uma ação qualquer que seja a sua natureza. Trata-se sobretudo de adquirir experiência na matéria, sendo esta a dimensão pragmática da cidadania ativa” (1999: 10). Neste caso, o compromisso cívico expressa-se na capacidade de iniciativa em participar na vida cívica numa atitude de colaboração:

Entretanto a Chiara chamou-me à parte para falar comigo. Baixa o tom de voz, antecipando o secretismo da revelação, e confessa-me que está a criar um blog com o Jack para estrangeiros e para amarantinos sobre a cidade de Amarante. Aonde comer, o que visitar, aonde alugar casas, onde alugar bicicletas, um chat de compra e venda online, um espaço com entrevistas a pessoas da cidade. Isto porque quando chegou a Amarante não encontrou muita informação sobre a cidade, sobre aonde se alugar casa etc.. Refere que para além de ser uma forma de ajudar a comunidade também é uma forma de desenvolver algumas competências informáticas. (NT 7 de Outubro)

A voluntária ao envolver-se civicamente, reconhecendo os problemas da comunidade e propondo soluções a voluntária estimula o desenvolvimento de competências cívicas e do capital social. Para Hoskins & Crick (2010: 126) "as habilidades para a competência cívica estão relacionadas com a capacidade de participar efetivamente com os outros no domínio público e de demonstrar solidariedade e interesse em resolver problemas que afetam a comunidade local e a alargada". Já o capital social é uma expressão da autoria de Robert Putnam (2000) que diz respeito a relações sociais baseadas na reciprocidade e na mútua confiança. Susie Weller ao debruçar-se sobre o capital social dos jovens, demonstrado em formas de participação não convencionais, afirma que “o capital social não é um "objeto", mas um conjunto de relações e interações que têm o potencial de ser transformadoras” (2006: 562). Isto porque, ao encorajar a participação cívica,

impulsiona o desenvolvimento de competências cívicas e de um sentido de responsabilidade social, contribuindo para o desenvolvimento de uma cidadania ativa.

O interesse pela participação cívica também é visto como uma oportunidade de autodesenvolver competências chave ao longo da vida, como as competências digitais e a competência de expressão cultural:

A Chiara tinha um bloco na mão e ia partilhando com o grupo aquilo que queria abordar. Afirma que quer dar um concerto na Santa Casa com alguns elementos da Orquestra do Norte e quer escrever um artigo sobre uma exposição de arte em que alguns alunos da Cerci participaram. Quer também encontrar um prédio ou casa abandonado, porque já se apercebeu que há muitos abandonados ou vazios, e quer pintar as paredes com tintas ecológicas, naturais. Assim seriam 3 dias de workshop, no primeiro aprendiam, no segundo pintavam e no terceiro faziam um concerto de música. O Jack e a Réka não se entusiasmam muito mas dizem que é boa ideia. Parecem distantes entre eles. Ela diz que é uma oportunidade não só de pintar o prédio, restaurando-o, mas também é uma oportunidade de poder usar um grande espaço para expressarem a sua arte, sem terem que estar preocupados com a polícia. (NT 18 de Novembro)

Neste caso, a ação performativa assume contornos culturais e artísticos, relacionados com a afeição artística da voluntária, sendo uma oportunidade não só para a população se expressar artisticamente, mas também para reabilitar um edifício. Esta iniciativa expressa a competência de expressão cultural, que diz respeito à “apreciação da importância da expressão criativa de ideias, experiências e emoções em uma variedade de meios de comunicação, incluindo a música, as artes, a literatura e as artes visuais” (European Communities, 2007: 12). A acrescentar a isto, nota-se a preocupação em ser fiel à filosofia da Casa da Juventude utilizando tintas ecológicas para pintar as paredes.

Em suma, tal como afirma Hustinx “como resultado da “biografia faz tu mesmo”, o novo voluntariado é uma questão de dar e receber” (2001: 65). Lipovetsky completa este argumento declarando que “os indivíduos empenham-se em grupos com objetivos circunscritos e personalizados relacionados com o seu íntimo, a assistência é, simultaneamente, auto-assistência, descoberta de si próprio, afirmação de uma identidade particular” (1994:166).

5.3.2 Obstáculos à participação cívica

Como obstáculos à participação cívica destaca-se a não correspondência entre o interesse pessoal do voluntário e o interesse da Casa da Juventude:

Chiara - O meu trabalho aqui está a mudar um pouco... Tenho menos entusiasmo porque eu sou a única interessada na comunidade e não tenho apoio da organização da CJ porque eles estão com os

projetos deles e então não se veem muito interessados no que eu quero fazer. Então o que querem de mim é uma ajuda para os projetos deles. Nada mais. (Entrevista)

Jack - Se o objetivo é contribuir para a sociedade é importante ajudar tanto quanto é possível. Mas às vezes torna-se difícil quando tu tens as tuas próprias ideias que gostarias de implementar que não são exatamente as mesmas que a organização gostaria de fazer. Por exemplo eu posso ter uma ideia que é boa para a sociedade mas se a organização não concorda ou paras, ou continuas por ti mesmo, o que é mais difícil. (Entrevista)

Thomas Ehrlich, professor universitário com alguns livros escritos sobre participação cívica, define-a como “um esforço para fazer a diferença na vida cívica das comunidades e desenvolver a combinação de conhecimentos, competências, valores e motivação para fazer essa diferença” (*in* Bowman, 2011: 30). Nesta linha, quando a organização não apoia as iniciativas pessoais dos voluntários, ou quando as ideias dos voluntários não correspondem às da organização, os voluntários arrefecem o entusiasmo e o compromisso, e veem as suas iniciativas mais difíceis de se consumarem. O perigo das suas participações serem precárias está à vista. Os seus compromissos podem ser frágeis como as flores de areia: compõem-se, descompõe-se e recompõem-se.

5.3.3 Do desejo de “dar algo de volta à sociedade” à dificuldade em superar barreiras linguísticas

A Ewelina diz que quer participar na cidade, envolver-se noutros voluntariados e ativismo social e político. Afirma que não quer ser simplesmente uma hóspede ou parasita, mas quer dar algo de volta à sociedade. (NT 21 de Outubro)

Esta voluntária afirma que não lhe basta pertencer à cidade. Ser cidadão é realizar ativamente essa pertença através da participação nos assuntos comuns (Hall, 2000). Porém, o grande problema na relação com a comunidade é a deficiência na proficiência linguística, pois esta impossibilita o estabelecimento de relações e de forma correlativa a participação, pois não se é capaz de comunicar:

Carolina – E como é que te sentes ligado à comunidade de Amarante? Lasse - É aqui que eu vivo, é aqui que trabalho, mas eu não sou uma parte da comunidade porque ... claro que nós temos os nossos amigos portugueses, e passamos tempo juntos e saímos mas nunca algo mais profundo do que isto. Não é mais profundo que cerveja, ou um filme ou coisas do género. E na comunidade devido ao facto de eu não falar muito bem português, é muito difícil para mim compreender as pessoas, especialmente porque eles falam muito rápido. (entrevista)

Ewelina – O grande problema é a língua. As aulas de português não foram dadas de forma eficiente. Nas aulas deram-nos apenas gramática. Então o que acontece é que não conseguimos ter

uma mínima conversa, pois não conseguimos reconhecer nos discursos as mínimas palavras que decorámos. Se estivéssemos melhor na língua conseguiríamos falar. (NT 5 de Novembro)

Ewelina – A única pessoa que conheci que não fala inglês e que só fala português e de quem me tornei colega foi um brasileiro. Com o meu “pobre” português, falamos lentamente, ela é muito paciente e repete, tenta dizer umas 5 vezes uma coisa simples até que eu consiga entender. (Entrevista)

Como estratégia para superar as dificuldades na língua portuguesa as duas voluntárias que estão no Porto encontraram soluções para aprender de forma informal:

Lauma – Fomos a um evento que se chama “Language Exchange meeting” na Casa da Hora, que basicamente é um encontro de jovens de diferentes países, incluindo os voluntários SVE que estão na Casa da Horta, em que se fala português. É muito bom porque pratico português, conheço pessoas de diferentes países, e trocamos experiências. (NT 26 de Novembro)

5.3.4 Da relação de estranho à comunidade ao refúgio na comunidade de voluntários do Serviço Voluntário Europeu

Lasse - Se eu falar com alguém de Amarante, pessoas com quem falamos, e disser que sou voluntário na CJ eles põe uma máscara, ou uma parede. Ok ele nem sequer é português. No geral, as pessoas não nos levam a sério. Elas não sabem o que nós fazemos e porque é que estamos aqui. Em muitos sítios nós dizemos que trabalhamos na CJ e eles pensam que nós recebemos por trabalhar lá. Porque eu tenho uma sensação de que especialmente as pessoas da nossa idade pensam que nós fazemos trabalhos que era suposto eles fazerem. Que nós somos pagos em vez deles. (...) Eu não sinto que pertenço à comunidade. Somos 9 voluntários aqui na CJ e se nós queremos ser uma parte da comunidade, não podemos ser tantos. Porque nós somos a nossa própria comunidade, nós somos os nossos amigos, nós somos muito próximos uns aos outros, mas isto significa que não somos assim tão próximos com mais ninguém. Por isso eu acho que nós seríamos mais aceites na comunidade se as pessoas soubessem quem nós realmente somos. (Entrevista)

Corey Keyes propôs o conceito de bem-estar social, relacionando-o com o compromisso ativo dos indivíduos com a sua comunidade e sociedade. Uma das dimensões principais deste conceito é a integração social. Para o autor “a integração social é a avaliação da qualidade da relação do indivíduo com a sociedade e com a comunidade” (1998: 122). A par da integração social, a aceitação social impulsiona a contribuição social, “que inclui a crença de que o indivíduo é um membro vital da sociedade, com algo de valor para dar ao mundo” (ibidem). De acordo com esta definição a integração social requer a construção de um sentimento de pertença a um coletivo e favorece o envolvimento e participação social. Ora a perceção por parte do voluntário de que os voluntários não

são aceites na comunidade porque as pessoas não sabem quem eles são, leva a que o voluntário se exclua da comunidade e se refugie na comunidade do grupo dos voluntários do SVE. Aliado à deficiência na proficiência linguística, o facto de o voluntário considerar que não pertence à comunidade, contribuem para que o voluntário se descomprometa de participar.

Aliado à percepção de desconhecimento de quem são os voluntários, estes também criam estratégias para melhor se integrar na comunidade. Eis uma discussão no gabinete:

A Réka deu a ideia de escrever no facebook uma pequena apresentação/descrição de cada um dos voluntários do SVE: de onde são, o que gostam e o que estão cá fazer. Eles acharam boa ideia. (...) O Jack sugeriu colocar se sabem português porque assim quando eles os virem já vão falar. Diz que eles até sabem quem nós somos mas não sabem o que é que estamos aqui a fazer (NT 18 de Novembro)

Por último, a participação cívica é resumida ao conhecimento cultural de uma cultura e forma de viver.

Larissa - O mais importante é ver como é que as pessoas vivem aqui e isso é o mais importante para mim. Tenho amigos portugueses e vejo como é que eles vivem, trabalham tudo.. Carol – e conheces-te-os aqui na CJ? Larissa - sim, a maioria sim. através dos intercâmbios...

Apesar de se desenvolver a compreensão intercultural, o seu compromisso cívico não deixa de ser coxo pois a aquisição de competências operacionais através da agência individual é desprezada (Hoskins & Crick, 2010).

5.4 O ponto onde os projetos se cruzam: a Casa da Juventude

Na Casa da Juventude os voluntários têm tarefas semelhantes entre eles, passando principalmente por apoiar na organização e divulgação de projetos europeus e internacionais como Intercâmbios, Campos de Férias, Campos de Trabalho Internacionais e nas várias iniciativas da Casa da Juventude. Para além disso, tem atividades de grupo onde precisam de trabalhar em equipa. Aos voluntários é-lhes confiado tarefas e responsabilidades específicas, sendo a sua colaboração considerada uma valiosa ajuda:

Dia 5 de Novembro começa um projeto sobre comércio justo, com 23 participantes, inclusive os voluntários do SVE anterior e os voluntários da associação do Comércio Justo estão a ajudar o Daniel a preparar. A Giulia, a Jelena, a Ewelina e a Lauma tem que traduzir informações sobre comércio justo para inglês, tem que fazer jogos sobre comércio justo, valores éticos do comércio justo, finanças éticas etc. Tem também que pensar na decoração da casa para esse projeto. O Javier como não é muito bom a falar inglês está responsável por procurar filmes sobre o Comércio Justo (NT 17 de Outubro)

Lasse - No geral eu acho que nós damos mais e somos mais importantes no que fazemos aqui na CJ do que nas instituições. (...) Carolina – e que tipo de tarefas é que vocês fazem na CJ? Lasse – nós ajudamos em tudo, na verdade. Tudo o que eles precisarem de fazer. E isso pode ser desde ajudar o Alfredo, por exemplo, a ir buscar algo ao Porto e por isso nós vamos. Se os voluntários não tivessem cá, ele não poderia fazê-lo ou precisaria de outra pessoa. Alguém que perderia tempo do teu trabalho real. Esta é que eu acho que é a importante ajuda que nós damos. E não fazer o trabalho de outra pessoa. Projetos como os intercâmbios de jovens, quando é hora das refeições nós temos algumas responsabilidades, que são importantes na ajuda da cozinha antes e depois das refeições. (Entrevista)

Por último os voluntários também podem propor atividades ou projetos pessoais para desenvolver quer na agenda cultural da Casa da Juventude quer na comunidade segundo os talentos de cada um em diferentes áreas como a música, dança, expressão plástica, expressão dramática, etc. Por exemplo, a Maarit todos os sábados vai para uma quinta biológica ajudar no trabalho de jardinagem devido ao seu gosto por agricultura:

A Maarit confessa-me que gosta muito de estar na quinta. Maarit - Sinto-me em casa. Os meus pais tinham uma quinta com animais e vegetais. E gosto do João e da Amélia. Sei que eles tem muito trabalho, precisam de ajuda e seria boa ter pessoas com mais energia que os pudessem ajudar. Vou falar com a Sofia para saber se posso vir uma semana. Estou muito entusiasmada. (NT 1 de Novembro)

Mais uma vês é visível que a correspondência de uma atividade de voluntariado ao interesse pessoal do voluntário fortalece o seu compromisso pessoal e a vontade de participar de forma mais ativa.

5.4.1 Relação entre os voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade”: grupo e formas de cooperação

Se “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus”, como é que o *Outro* é encarado? (Bhabha, 1998: 76). O *Outro*, enquanto objeto intelectual da antropologia encarna adjetivos que o definem como estranho, diferente, estrangeiro, exótico, distante do Mesmo, provocador de medo e perturbador em relação à cultura dominante. Em suma, é uma figura de alteridade que pode suscitar desconfiança, preconceito e até um tratamento diferenciado, de tonalidade racista ou xenófoba. Posto isto, interroga-se a vivência desta coexistência multicultural.

O grupo de voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade” partilha um mesmo espaço de encontro e trabalho na Casa da Juventude. O gabinete é um espaço constituído por uma mesa, cadeiras e os computadores dos voluntários. Durante o dia, quando não estão nas instituições, é lá que os voluntários podem estar, realizando tarefas individuais ou trabalhando em grupo.

A descrição seguinte ilustra fielmente a atmosfera que presenciava quando chegava ao gabinete, e que revelava ser sintoma evidente de um problema de cariz relacional:

Reparo que o ambiente no gabinete não é o mais amistoso. Frio diria. Cada um está sentado em frente ao pc, com os auscultadores nos ouvidos. Não falam entre si. Não se nota uma cumplicidade calorosa, nem um fio de conversa ininterrupto, vão falando aos solavancos, comunicando entre longos silêncios. (NT 7 de Outubro)

Carolina – E como é que vocês se dão? Chiara - Na verdade não estamos muito tempo juntos. As refeições tomamos na CJ, estamos nas instituições e só vimos à noite. (...) Eu gosto de estar em todos os sítios menos na CJ. O clima no gabinete não é bom, é estranho. Não falamos. As pessoas pensam que no grupo do SVE temos obrigatoriamente ser logo muito amigas e uma família mas não é assim. Precisamos de tempo para nos conhecermos. (NT 30 de Outubro)

A falta de comunhão, comunicação e de diálogo aparecem como os fatores principais para o facto de não serem um “grupo SVE”. Para o filósofo, pedagogo e sociólogo português Evaristo Vicente Fernandes a comunicação é antes de tudo, “uma recíproca troca de mensagens, de ideias, de atitudes, de sentimentos, de afetos e de emoções com significado social e intencionalidade de partilha ou de vivência” (2000: 11). Não comunicar, tal como Watzlawick afirma é impossível: “atividade ou inatividade, palavras ou silêncio, tudo possui um valor de mensagem (...)” (1999: 45). Assim, enquanto pilar central de toda a interação social, a qualidade da comunicação define o alicerce sob o qual o grupo está construído.

Numa das reuniões no gabinete entre os voluntários e a Sofia, líder do projeto, desvela-se o porquê das dificuldades de relacionamento do grupo de voluntários:

Larissa –Eu gostava que comunicássemos entre nós as nossas ideias. Nós somos um projeto de grupo mas trabalhamos mais individualmente

Chiara – Eu posso propor projetos em grupo, mas se não vejo entusiasmo avanço para a frente com o projeto individual. Podemos por um papel, com os projetos ou ideias que cada um.

Larissa - está a faltar sermos equipa. Nós não gastamos tempo para estarmos juntos. Temos que falar mais, não é só por na parede.

Sofia – Vocês são privilegiados, só tem que ser mais equipa, discutirem, divertirem-se uns com os outros. Quando venho cá vejo o clima em baixo. Não vejo as pessoas entusiasmadas e com energia. Tentem encontrar motivação.

Lasse – O problema está nas pessoas porem primeiro os interesses individuais do que os do grupo. Muitas vezes não gosto de estar aqui no gabinete porque não gosto da tensão que se sente. Parece que se quer fazer as coisas sozinhas, quer-se vitórias pessoais. Mas acho que a vitória deve ser coletiva.

Jack – Se eu estou sempre a ouvir “ah eu não quero fazer, ah eu estou cansado... mas depois dizem sim vamos à festa..” Eu estou aqui não para a festa mas para aprender a língua e trabalhar em grupo.

Réka -Temos que aprender a ser equipa.

Sofia – Ok. Há pessoas mais motivadas que outras. Há pessoas que tem mais iniciativas e outras que querem mais ouvir e por em prática. Tentem abrir o coração dos dois lados e respeitem-se mutuamente. Isto é um grupo, não interessa de onde vem a ideia. Temos que cooperar. (NT 18 de Dezembro)

Trabalhar em grupo não resulta automaticamente da proximidade física. “Implica, para além da disponibilidade pessoal, atitudes e comportamentos muito concretos, que vão desde o saber ouvir, ao saber comunicar de forma adequada, ao saber estar, em interação” (Cochito, 2004: 34). Aprender a ser equipa implica, antes de mais, aprender a dialogar, sendo que o diálogo diz respeito a uma partilha de ideias e sentimentos, que gera entendimentos face às divergências, e promove a confiança mútua. Como tal, exige saber escutar, falar e respeitar os outros (Estanqueiro, 2007). O Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural editado pelo Conselho da Europa declara que “a ausência de diálogo contribui, em grande medida, para o desenvolvimento de uma imagem estereotipada do outro, para o estabelecimento de um clima de desconfiança mútua, de tensão e de ansiedade, para a utilização das minorias como bodes expiatórios e, no geral, para o favorecimento da intolerância e da discriminação” (Conselho da Europa, 2008:20).

Na voz dos voluntários, para além da falta de diálogo são várias as causas que explicam as dificuldades para “ser equipa”: os voluntários têm diferentes motivações, e diferentes abordagens ao trabalho, e agem mais individualmente do que cooperativamente.

O papel da confiança interpessoal na cooperação

Nas relações interpessoais, a confiança depositada nos outros para partilhar pontos de vista, sentimentos e para cooperar com os outros é fundamental para a construção do grupo. Na verdade, a confiança interpessoal é vista como uma das bases fundamentais da cooperação entre os indivíduos (Jennings & Stoker 2002). Neste sentido, a falta de confiança nos outros pode ser um motivo de descompromisso no trabalho de grupo, preferindo-se participações mais individualistas:

Carolina – Qual é o teu maior desafio? Jack – O primeiro desafio foi aceitar que os voluntários são todos diferentes, tem diferentes motivações e precisas de respeitar isso. O grande desafio é a comunicação e aprenderes a partilhar com os outros as tuas ideias, e não guardar para ti mesmo. No geral é trabalhar com pessoas porque nós somos muito diferentes entre nós, e

aceitar diferentes abordagens ao trabalho. Por exemplo, eu prefiro que as pessoas trabalhem como eu, mas agora percebo que é melhor as pessoas fazerem da sua maneira sem estarem muito nervosas com isso. (...) No início eu queria fazer tudo à minha maneira, porque no início eu acho que não confiava muito nos outros. E foi do tipo, eu não quero deixá-los fazer porque eles não vou fazer como eu quero. Mas mais tarde eu disse: eu estou aqui para trabalhar em equipa, por isso, nós não temos nada a perder. O importante é que colaboremos e que toda a gente participe. (Entrevista)

Ao terem uma expectativa sobre a motivação e compromisso dos voluntários, uma avaliação que não corresponda ao comportamento esperado traz efeitos no compromisso e confiança dos indivíduos no grupo. Enquanto aquele voluntário aprendeu a aceitar as diferentes abordagens ao trabalho e respeita o ritmo de cada um, a voluntária seguinte enfraquece a sua colaboração com o grupo devido à frustração das suas expectativas:

Chiara - Na vida privada e no trabalho somos muito diferentes. Quando tu estás no gabinete não se passa nada. Mas quando tu trabalhas em conjunto é muito complicado. Porque eu vejo que não há muita vontade de fazer, a mesma que eu tenho. Então quando eu quero fazer coisas bem feitas, as pessoas dizem: não, mas isso não importa, podemos deixar assim. E isto desmotiva-me. (Entrevista)

Carolina – Então como foi a tua manhã? Chiara – Estive a cozer as t-shirts, mas como sempre fiquei sozinha com o Jack. Carolina - então e os outros? Chiara – Ficaram no facebook. A Réka veio ver o que estávamos a fazer, mas ficou espedada a olhar para mim. Nem me perguntou como se fazia. Disse que ía á casa de banho e depois não apareceu. Quando fui ter com ela ao gabinete estava no facebook. Sabes é difícil trabalhar com voluntários assim. (NT 30 de Outubro)

Cooperar ou competir?

A extensa investigação sobre aprendizagem cooperativa tem demonstrado as vantagens de aprender e trabalhar em cooperação. Entre elas destacam-se as competências sociais mais desenvolvidas, e a diminuição do estereótipo e preconceito relativamente à diferença (Cochito, 2004). Cooperar, etimologicamente, significa trabalhar juntamente com outro, co-laborar, contribuir com o trabalho do outro. O conceito de cooperação “é uma forma de interação social, na qual os indivíduos se empenham na obtenção de um fim coletivo e comum”, realizando-se assim na relação com o outro (Benzaquen, 2007: 27). Neste sentido, a cooperação implica um compromisso ético, de disposição para trabalhar com os outros, aproximando-se da ideia de solidariedade. A origem etimológica de solidariedade vem do latim *solidus* que significa “sólido, consistente”. Transformando este adjetivo em verbo ser solidário

implica cooperar com o outro para consolidar algo. No caso dos laços sociais, a solidariedade contribui para o fortalecimento e coesão social.

Porém, numa sociedade que privilegia o individualismo, a independência do indivíduo ao coletivo e a competitividade, qual a natureza do elo que liga o “eu” a um outro “nós”? E qual é o protagonismo da cooperação nesta relação? É relegado para segundo plano ou assume o papel principal?

Carolina – E sobre o grupo, os 5 voluntários, achas que vocês agem coletivamente ou individualmente no trabalho voluntário? Maarit – Individualmente. É muito complicado porque nós vamos em duplas para as instituições, e cada pessoa tem os seus projetos individuais e muitas coisas para fazer. No meu caso é cozinhar, a Larissa dá aulas de zumba, a Chiara dá aulas de italiano. Penso que nos esquecemos que é suposto sermos um grupo que trabalha em conjunto. (Entrevista)

Lasse - Eu não gosto da forma como nós trabalhamos neste grupo. Até Janeiro ninguém trabalhou em conjunto. Todos trabalharam para si mesmos. Eu não quero dizer que eu fiz a coisa certa, eu tentei trabalhar com, mas em algum momento eu parei também porque não podes estar a forçar e a forçar as pessoas a fazer uma coisa que elas claramente não querem fazer. Eu disse-lhes isto um par de vezes. Parecia que era competição entre eles para ver de qual deles é que era o melhor trabalhador. Parecia que era para cultivar a glória, do tipo, Oh eu estive tão bem. Eu fiz isto, isto, isto e isto. Para mim é mais importante dizer: Nós fizemos isto, isto, isto e isto... para mim é um “nós”. Sempre foi. É muito mais divertido trabalhar com as pessoas do que trabalhar contra as pessoas. Claro que podemos trabalhar contra alguém, mas essa pessoa convém que seja do exterior. (...) Por isso este grupo tira-me muita energia e esforço para tentar fazer com que sejamos um grupo porque eles ainda são muito individualistas na forma como trabalham. (Entrevista)

Na perceção dos voluntários, falta ser equipa pois os voluntários revelam comportamentos competitivos e individualistas. O comportamento competitivo e o cooperativo distinguem-se, em primeiro lugar, pela intencionalidade que lhe precede: “uma identidade é competitiva quando procura distinguir-se dos outros, e torna-se cooperativa quando procura aliar-se como membro de um grupo” (Ross, 2008: 89). Estes comportamentos são reflexo da ética individualista de auto-expressão e auto-aperfeiçoamento presente na contemporaneidade. Segundo Norbert Elias “o indivíduo está desde a sua infância sintonizado para um elevado grau de auto-regulação e de independência. Ele está habituado a competir com outros; desde muito cedo aprende que é de alto valor e desejável distinguir-se e destacar-se de outros pelas suas próprias características, pelos seus esforços e empenhos pessoais e aprende a encontrar satisfação

em êxitos desse género” (2004: 168). Como o ideal moderno de subordinação do individual às regras racionais coletivas foi pulverizado, é a realização pessoal como valor fundamental que é excessivamente promovida (Lipovetsky, 1986). O indivíduo é chamado a ser empresário de si mesmo, autónomo e independente tornando os seus compromissos coletivos lábeis. Tal como se reflete nos testemunhos dos voluntários, o facto de se atribuir mais valor àquilo que distingue as pessoas umas das outras e não àquilo que elas têm em comum, faz com que no trabalho coletivo a identidade do Eu prevaleça sobre a identidade do Nós.

Falta construção do grupo

Trabalhar em grupo assume-se como um grande desafio:

Chiara - Trabalhar em grupo é um grande desafio, é muito complicado e muito difícil. Seis pessoas, de diferentes países, que se encontram aqui pela primeira vez, de diferentes idades, de diferentes escolas, culturas e conhecimentos e se deixam a si mesmos, a organizar-se sozinhos para mim está completamente errado. No começo não tivemos um coordenador que nos ajudasse a trabalhar em grupo. Agora já é tarde para reparar a situação. Porque eu já trabalhei, e vejo que muitos deles são pessoas que estavam em casa, acabaram os estudos e agora estão aqui. Como é que podes saber como trabalhar em grupo? Não nascemos preparados. Precisamos de uma guia. E o Daniel e a Sofia eram os “guias” mas de facto não eram. A Sofia chega segunda-feira e diz-nos: “Ah como foi a semana? Foi bem, mal? Para o futuro temos este projeto. Arranjem estas coisas. Xau” (...). Carolina – e o que achas que pode ser feito em relação a isso para o futuro? Chiara – nos primeiros meses pode ser feito um trabalho com os voluntários, de conhecimento, de confiança, ajudando, direcionando. Construção da equipa no começo, não agora. Também dizer as regras do trabalho de grupo porque as pessoas não sabem. SVE é educação não formal. Onde está esta educação não formal? Eu não vejo. (Entrevista)

Na perspetiva da voluntária a liderança e coordenação do grupo de voluntários mostrou ser ineficaz na construção do grupo enquanto equipa. A não intervenção efetiva da coordenadora do grupo é interpretada não como uma delegação de autonomia e liberdade, mas antes como um abandono dos voluntários a si próprios (Yanay & Yanay, 2008). Para a voluntária, faltou o desenvolvimento, desde o início, por parte do coordenador do grupo, de um processo de educação não formal com os voluntários que permitisse solidificar laços de confiança e conhecimento mútuo. Ora a educação não-formal “trabalha e forma a cultura política de um grupo”, contribuindo para a construção da identidade coletiva do grupo e seu empoderamento, “criando o que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo”, isto é, laços de confiança interpessoal e reciprocidade (Gohn, 2006: 30). Tendo em conta que a origem

etimológica da palavra educação provém da palavra latina “educare” que significa condução, o coordenador do grupo tem um papel fulcral em direcionar os jovens para um alvo: aprender a trabalhar em grupo (Cabanas, 2002). Esta condução pode passar por desenvolver dinâmicas de trabalho de educação não formal, ajudando os voluntários a conviver com os outros e com as suas diferenças.

Aprender a ser grupo é aprender a cooperar:

Apesar das dificuldades em trabalhar em conjunto, os voluntários estabeleceram uma estratégia para melhorar o seu trabalho enquanto equipa:

Larissa - Nós aprendemos a não sermos competitivos entre nós, a lidar uns com os outros, aprendemos que sozinhos no trabalho não conseguimos fazer nada. Sempre precisas de ajuda. E muitas pessoas a trabalhar juntas tem um resultado muito melhor. Em geral, melhoramos o nosso trabalho enquanto equipa, principalmente depois do Natal. Agora temos uma reunião todas as semanas apenas com os voluntários com brainstorming, onde partilhamos as nossas ideias, e os outros dizem o que pensam sobre isso. Começámos a partilhar, a comunicar mais entre nós, o que é importante porque na verdade trabalhamos no mesmo escritório mas não temos um tempo comum para falarmos. Porque fazemos diferentes coisas em tempos diferentes e é uma confusão. (Entrevista)

Como vemos, na relação com os outros, aprender a cooperar e a comunicar com os outros são duas competências chave para cimentar um dos pilares da educação definidos pela Comissão Internacional sobre Educação: aprender a viver juntos (Delors, 2005).

5.4.2 Relação entre os voluntários do projeto “Por um mundo mais justo!”

Aprender a ser grupo apesar das diferenças

Quanto ao grupo dos cinco voluntários do projeto “Por um mundo mais justo!” como será que se configuram as relações interpessoais entre este grupo?

Carolina – E enquanto experiência de relação com pessoas de diferentes culturas e países, qual é a maior riqueza que retiras desta situação? Giulia – É o confronto e a capacidade de dialogar com os outros. Porque quando cheguei aqui pensei: ah não sei como vou fazer com os outros porque estou acostumada a estar com italianos e com gente que conheço mais ou menos. Aqui não sabia o que ia encontrar. Mas o relacionamento no nosso grupo de equação foi imediato. Desde os primeiros dias tentámos dar-nos, falar e mostrar quem somos, quais são as nossas dificuldades, para sermos claros e transparentes uns com os outros. Porque sabemos que vamos trabalhar todos juntos por um ano, por isso é melhor conhecermo-nos imediatamente e depois trabalhar tranquilos. (Entrevista)

Ewelina – É bom partilhar a experiência com outros voluntários, por sermos tão simpáticos uns com os outros. Somos todos diferentes, mas estamos na mesma posição e isso torna-nos mais disponíveis para ultrapassar os obstáculos e sermos bons uns com os outros. (...) Dá-me muita esperança por ser possível que pessoas de políticas diferentes, países diferentes se tentem dar bem e serem bons com os outros. É algo incrível, muito bom e aprendes a confiar. Confias nos voluntários dos projetos, não tens outra hipótese. (Entrevista)

Se a copresença de diferentes culturas pode ser percecionada e vivida como foco de tensão, pode ser também uma oportunidade de aprendizagem, diálogo e enriquecimento. Para Touraine o *Outro* é um sujeito pessoal que busca individuação, isto é, a construção de si próprio como indivíduo singular, que é definido por pertenças, resistências e distancias, esperanças e fracassos (1998: 115). Nesta linha ele enaltece a “comunicação intercultural” afirmando que “só podemos viver juntos com as nossas diferenças se nos reconhecermos mutuamente como Sujeitos” e isto através do respeito pela liberdade de cada um poder ter a própria identidade cultural (ibidem: 214). Por outras palavras, ele defende uma comunicação ontológica. Neste caso, apesar das diferenças os voluntários unem-se pela mesma condição circunstancial de voluntários. Esta é a razão que permite estabelecer entre o grupo laços de confiança, interajuda e generosidade.

VI. O SVE ENQUANTO FORMA DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E INFORMAL

Hoje assiste-se à emergência na política e na economia de um paradigma de aprendizagem/educação ao longo da vida — que ultrapassa as fronteiras tradicionais que delimitam os espaços e tempos formais de aprendizagem (Pires, 2007). Como afirma o Conselho Nacional de Educação “cada vez mais cada indivíduo terá de aprender ao longo de toda a sua vida e também através de diversos espaços, para além da escola” (2001: 19). “Num *continuum* educativo que cobre todo o ciclo vital, integram-se e articulam-se processos *formais* (cujo protótipo é o ensino dispensado na escola), processos *não formais* (marcados pela flexibilidade de horários, programas e locais, em regra de carácter voluntário, sem preocupações de certificação e pensados “à medida” de públicos e situações singulares) e processos *informais* (correspondentes a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que pouco ou nada organizada ou estruturadas)” (Canário *cit in* Lima *et al*, 2006: 161). Em última instância, pretende-se responsabilizar os indivíduos pela sua própria formação e qualificação.

No campo da ação política em favor da educação, da formação e da juventude a Comissão Europeia dá à educação e à formação ao longo da vida um papel fundamental (Comissão Europeia, 1999). São três as orientações prioritárias: “proporcionar aos cidadãos europeus oportunidades de aperfeiçoarem os seus conhecimentos e competências pela educação e a formação ao longo da vida, promover um processo de construção e de enriquecimento da cidadania numa sociedade aberta e plural e aumentar a empregabilidade associada à posse de competências adaptadas a uma economia com base no conhecimento” (*ibidem*: 8). Nesta lógica, a educação afirma-se como preparação para tornar os indivíduos mais aptos para lidar com as exigências do futuro (Cabanas, 2002).

Este movimento põe em destaque a importância das aprendizagens realizadas a partir das experiências de vida, situadas no âmbito do não formal e informal, reconhecendo-se o valor dos saberes experienciais. “A vida é reconhecida como um contexto de aprendizagem e de desenvolvimento de competências, e cada vez mais se valorizam os saberes e as competências adquiridas à margem dos sistemas tradicionais” (Pires, 2007: 8). Uma dessas margens é o voluntariado:

Maarit - Em geral o voluntariado é sobre ter novas experiências, e aprender sem estudar. Aprendizagem informal...Se eu tivesse na Finlândia eu não aprenderia português, não teria aprendido tanto sobre comida vegetariana ou quintas orgânicas, eu não teria conhecido estas pessoas fantásticas. (Entrevista)

Carolina – E quais é que achas que são os benefícios desta experiência numa dimensão educacional? Lauma – No geral tu aprendes a partir da experiência porque aqui não há nenhum professor que te possa ensinar o que fazer, por isso aqui tudo depende mais ou menos de ti. Da experiência aprendes porque estás sempre a conhecer diferentes pessoas e também tentas aprender a partir das experiências deles. Claro que eu aprendo coisas novas como por exemplo o comércio justo. Na Letónia não temos Comércio Justo. Por isso no meu caso é um campo completamente novo. E claro a questão da língua. E aqui eu tenho tempo para decidir o que quero fazer ... e agora estou a aprender matérias ligadas a informática. (Entrevista)

Nestes dois exemplos, a aprendizagem experiencial está ancorada a atividades significantes para os sujeitos, e por isso ligadas a um compromisso pessoal (Dubar, 2006). A importância dada à socialização como processo formativo salta à vista. Nesta lógica, o voluntariado assume uma função social pois ao proporcionar a socialização face a face através de diferentes espaços de educação não-formal oferece oportunidades para fazer amigos e desenvolver laços sociais de valor singular (Omoto & Snyder, 1995). Por outro lado estes espaços relacionais também podem servir como um espaço de expressão e discussão de valores e aceitação de compromissos ideológicos e de responsabilidades, como o movimento social do Comércio Justo (Benzaquen, 2007). Por último, o desenvolvimento de competências e a aquisição de novos saberes é valorizado no processo de aprendizagem pessoal.

6.1 Aprendizagem pessoal, intercultural, e relacional

A coexistência de diferentes grupos nacionais, culturais ou étnicos no mesmo espaço para além de ser uma possibilidade oferecida pelo SVE, é uma realidade do continente Europeu. Como consequência deste panorama, a Comissão Europeia declara que “aprender a viver a diferença e a diversidade de forma positiva está-se a tornar um elemento fundamental da prática da cidadania na Europa” (1999: 11). Neste sentido o Conselho da Europa defende um diálogo intercultural, sendo este “uma troca de ideias aberta, respeitadora e baseada na compreensão mútua entre indivíduos e grupos com origens e património étnico, cultural, religioso e linguístico diferentes” (2008:13).

Apoio-me em Luísa Cortesão e Natércia Pacheco para distinguir dois conceitos centrais: o multicultural e o intercultural. O “multicultural – é entendido como uma construção da presença de diferentes culturas num determinado meio e da procura de compreensão das suas especificidades, enquanto que – intercultural – é visto como um percurso agido em que a criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/reconhecimento de cada cultura, garantindo, através de uma interação

crescente, o seu enriquecimento mútuo” (1991: 34). Luísa Cortesão e Stephen Stoer no esforço de “traduzir a racionalidade transcultural para o campo da educação escolar” promoveram a construção de dispositivos pedagógicos para valorizar as culturas locais e para garantir a comunicação inter-culturas (1996: 36). No fundo desejava-se “contribuir para uma construção, eventualmente conflitual, negociada, de uma comunidade de comunidades culturais que se reconhecem, se respeitam e interagem” (ibidem: 42). Decalcando esta realidade para o campo extraescolar, tendo em conta que o SVE oferece a oportunidade de aprender a viver a diferença, estabelecendo relações interculturais significativas através de um diálogo intercultural, impõe-se a pergunta: quais os benefícios e aprendizagens educativas que os jovens colhem desta experiência multi/intercultural?

Na perceção da próxima voluntária, independentemente do que os projetos específicos de SVE possam promover, o SVE ao possibilitar a mobilidade dos jovens, a socialização com outros voluntários num contexto multicultural e a oportunidade de aprender o que se quer é visto como uma experiência de aprendizagem pessoal, intercultural e relacional. Esta aprendizagem poderia ser feita através da imigração, porém o SVE é visto como uma opção mais segura de viagem:

Ewelina - (...) Vejo como esta experiência de aprendizagem é forte a nível pessoal, intercultural e emocional, mesmo que a organização não faça praticamente nada. Só estares noutra país, por tua conta e aprenderes como lidares contigo mesma, como te dares bem com os teus colegas e outros voluntários tudo isto é muito importante para a tua experiência de aprendizagem. A aprendizagem nem é promovida pelo projeto do SVE, faço-a por mim mesma. Pode ser feito através apenas da imigração normal, mas para mim é um ambiente seguro porque não vou acabar sem casa, sem um teto ou sem nada para comer. É como uma versão segura ou assistida da verdadeira imigração. Por isso eu não me sinto “pobre” porque eu faço as minhas coisas porque sou bastante independente no meu trabalho: aprendo o que quero aprender – à exceção da língua, que não estou a conseguir aprender, mas agora estamos a ter aulas e talvez consiga. (Entrevista)

Por outro lado, nas relações interpessoais as diferenças são vistas como fator enriquecedor do diálogo e da colaboração, sendo o maior desafio aprender a comunicar com pessoas de diferentes culturas e com diferentes personalidades.

A Lauma afirma que esta experiência é muito enriquecedora pois sai-se para lá dos livros, abre-se a mente para novos conhecimentos, conhece-se novos países e culturas (...). Diz que o grupo de SVE da casa da juventude são de 10 países diferentes, os voluntários são completamente diferentes na maneira de pensar e fazer mas isso é que enriquece o diálogo e a colaboração. (NT 19 de Setembro)

Carolina – Quais são os grandes benefícios deste projeto EVS? Lauma – É desafiante aprender a comunicar com pessoas de diferentes culturas, e com diferentes personalidades. (...) A minha mente está mais aberta Penso que vou tornar-me mais flexível e compreensível. E por outro lado mais autoconfiante. Pois aprendo a desenvolver as minhas competências sociais e linguísticas saindo fora da minha zona de conforto. (Entrevista)

Esta experiência relacional é vista como geradora de competências cívicas e sociais: as competências cívicas e sociais incluem competências pessoais, interpessoais e interculturais, e abrange o interesse e habilidade para a comunicação intercultural, que valoriza a diversidade, e respeita os outros. Inclui ser capaz de lidar com pessoas de diferentes culturas e backgrounds, estar preparado para vencer preconceitos, ser capaz de lidar com conflitos de uma forma construtiva, e ter a iniciativa de participar na vida cívica numa atitude de colaboração e compromisso (European Communities, 2007).

Para além dos jovens aprenderem a comunicar com os outros, a colaborar e a trabalhar em grupo, a aprendizagem de competências linguísticas (a língua portuguesa) também é bastante valorizada, sendo associada a futuros benefícios profissionais e relacionais:

Carolina – E para ti o que é que é mais interessante neste projeto? Jack – É aprender português tanto quanto puder, mas é uma língua difícil, é exigente falar e entender o que as pessoas estão a dizer. E claro trabalhar em grupo com pessoas de países tão diferentes, tanto quanto possível. E claro conhecer pessoas de outros países durante estes intercâmbios de jovens, porque tu sempre aprendes algo novo (Entrevista)

Carolina – E para ti quais são os melhores benefícios que podes tirar desta experiência para a tua vida futura ... Jack – aprender português é importante porque muitas empresas na Eslovénia vão colaborar com países como Brasil, Moçambique, Portugal. (Entrevista)

Carolina – E quais é que estão a ser os maiores benefícios para ti? Chiara – Idiomas. Só.

Carolina – E quando saíres daqui pensas que esta experiência vai ser-te útil? Chiara - utilíssima, porque agora não é linda a nível de trabalho e não é estimulante a nível artístico mas eu agora falo inglês e isso já me ajuda muitíssimo 60% para o meu futuro. A nível de emprego, currículo, relacionamento com outras pessoas... (Entrevista)

Para além do relacionamento com os jovens voluntários do SVE, os voluntários também se relacionam com jovens vindos dos confins do mundo, porque a Casa da Juventude promove intercâmbios juvenis, campos de trabalho internacionais e *workshops* internacionais. Na perceção dos jovens estas experiências multiculturais são oportunidades de aprendizagem intercultural, em primeiro lugar pelo conhecimento e compreensão das diferenças culturais:

Carolina – E fala-me da tua relação com os jovens que vem dos intercâmbios e campos de trabalho internacional. Maarit – É sempre muito bom conhecer pessoas de outros países, aprender sobre as suas culturas... Em geral, interessam-me muito as diferenças culturais. Podes aprender tanto durante um ano onde há sempre pessoas a vir e a ir. Todos têm a sua própria opinião e maneira de fazer as coisas e por isso tu podes aprender muito como é que as coisas são em cada país... (Entrevista)

Jack - Eu aprecio que a União e a Comissão Europeia suportem projetos como estes, porque eu acho que é importante pois pessoas de diferentes países conhecem-se, quebram estereótipos, aprendem a colaborar entre elas. (Entrevista)

A aprendizagem intercultural diz respeito à forma como percebemos e nos relacionamos com o “*Outro*”. “Por aprendizagem intercultural, entende-se não uma mera transmissão de conhecimentos teóricos e abstratos sobre a cultura do outro, mas também e antes de mais uma aprendizagem baseada em situações sociais concretas que permitem identificar os esquemas de pensamento e comportamento explicáveis através da respetiva cultura e história” (Otten, 1993: 26). Através de um processo de miscigenação das suas culturas, há um enriquecimento cultural e social, sendo que o diálogo intercultural permite destronar os estereótipos negativos que cada cultura produz sobre as outras culturas, o que gera uma mudança de mentalidade (Lafraya, 2011).

A aprendizagem intercultural trata-se também de uma aprendizagem social, pois permite descobrir o fascínio da diversidade, apreciar e compreender – ao invés de depreciar e alimentar preconceitos redutores, podendo desenvolver valores, atitudes e aptidões comunicacionais (Carneiro, 2003):

Carolina – E para ti quais são os maiores benefícios educacionais desta experiência? Lasse – é difícil porque é esta educação não formal. Educação que não está no papel. Mas no geral o mais importante para mim é o quanto eu aprendi sobre compreensão cultural, a alargar o entendimento especialmente em relação a outras culturas, e aprendi muito sobre diferentes pessoas e o quão diferente eu posso ser de um dia para o outro. Algumas coisas mudaram mais do que aquilo que eu estava à espera. Especialmente na forma como eu comunico com os outros. Porque na Dinamarca nós julgamos muito rápido. Eu vejo uma pessoa e julgo-a em 10 segundos. Eu digo. Eles são isto isto e isto. Eu gosto ou não gosto. Fim da história. E o mais importante que eu aprendi aqui é não ser tão julgador ou crítico e tentar ser mais aberto a outras coisas e outras pessoas. Definitivamente tira-nos muita energia aceitar todas estas culturas. É difícil e exige muito trabalho mas é uma boa experiência. Não é tanto as pessoas, mas as culturas. E isto é ainda algo em que eu posso ficar frustrado porque há coisas que eu ouço que para mim são completamente insanas, mas para eles é a coisa mais natural no mundo. E eu acho que quando voltarmos para onde quer que formos esta experiência nos fará muito mais tolerantes a aceitar muitas diferenças culturais e tipos de pessoas, que não faríamos antes. Eu acho que eu irei de certeza. Eu serei mais aberto a outras pessoas. Isto

foi o que esta experiencia me ensinou. Eu aprendi muito sobre mim mesmo, e sobre a minha cultura. (Entrevista)

A aprendizagem intercultural enquanto vivência de cidadania é um processo extremamente complexo porque questiona ideias profundamente enraizadas sobre o que é certo e errado, e sobre a forma como estruturamos o mundo. Helena Araújo, em conjunto com outros investigadores, num artigo sobre a procura de interculturalidade entre dois grupos étnicos (as mulheres ciganas e padjas), afirma que para o encontro intercultural é fundamental que as diferenças culturais sejam vistas como “tensões produtivas” que não estão isentas de conflito (Araújo *et al.*, 2002). Isto porque num processo de aprendizagem intercultural, aquilo que tomamos por garantido e consideramos essencial é posto em questão. Na verdade a aprendizagem intercultural ao assumir-se como um processo de descoberta que implica o empenho pessoal e a capacidade de autoquestionamento é sobretudo uma aprendizagem pessoal sobre nós próprios e sobre o *Outro* que é diferente culturalmente (Carreiro & Carvalho, 2008).

Em suma, as experiências relacionais ao mesmo tempo que são oportunidades são provações. O processo de aprendizagem que daqui advém resulta de um vai e vem entre a ação e reflexão, que incentiva o sujeito a tomar consciência dos saberes adquiridos. Tal como afirma Dubar “a experiência é, ao mesmo tempo, interior e reflexiva”, permitindo o cultivo de uma identidade reflexiva (2006:158).

6.2 A cidadania enquanto identidade: cidadania europeia

De que forma é que o “europeísmo”, a aprendizagem e a compreensão intercultural influencia as identidades nacionais e culturais dos voluntários e um sentido de pertença europeia?

Jelena – Quando moras só num país, como eu morei só 29 anos na Sérvia, não percebes muito das outras culturas. Tu podes ler, tentar entender, mas não entendes tanto. Mas quando estás nesta situação com 9 nacionalidades, e vives num país que é completamente diferente do teu, tu passas a compreender como és, como são os sérvios, os portugueses e as outras nacionalidades. Então isso é muito importante e eu gosto. Porque autoconheceste melhor. Eu encontrei algumas características dos sérvios que nunca tinha visto em toda a minha vida, então quando chegam os meus amigos e outros sérvios eu vejo que todos temos alguma coisa que é da Sérvia. (...) Tive muitos choques culturais aqui então... mas aceito as diferenças. Acho que conhecer pessoas muito diferentes é muito boa experiencia. (Entrevista)

Réka –Nunca me senti como uma Húngara típica. Estar aqui ajuda-me a perceber o que é ser Húngara; a perceber o estereótipo de “ser Húngara”, a minha cultura. Se me perguntasses há uns tempos atrás, eu diria que sou uma cidadã do mundo, sou tão europeia, o mundo é meu. Agora

sinto que tenho estes “ossos e raízes” do meu país. Esta experiência intercultural enriqueceu-me muito, e está a mudar aquilo que eu penso acerca da minha nacionalidade. Ajuda-me a ver o mundo com olhos diferentes, mas não posso despir assim tão facilmente o meu “casaco Húngaro”.
(Entrevista)

Na percepção da Jelena, para uma aprendizagem intercultural “não chega ainda que seja necessário – ter das outras culturas uma ideia aproximada: é preciso que a ela se acrescente a vivência e a experimentação individual em situações interculturais” (Perotti, 1997: 53). É justamente no confronto com a diversidade cultural que se compreende verdadeiramente a cultura e a nacionalidade própria e alheia, levando à reconstrução de representações, estereótipos, pertenças e identidades. Tendo a educação uma especificidade antropológica marcada pela hospitalidade, esta experiência é extremamente educativa no sentido de “promover a experiência de acolhimento da alteridade, provocando a fome de infinito que conduz o mesmo para fora da sua mesmicidade” (Baptista, 1998: 57).

Numa sociedade feita de relações e pertenças transfronteiriças, múltiplas, fragmentadas e passageiras, o conceito tradicional de cidadania ligado ao solo e ao sangue, isto é, a uma comunidade, cultura ou nação, é perneta, pois não acompanha a fluidez dos trajetos dos cidadãos. Como tal “falar de cidadania implica falar de *caras*, de identidades. De identidades *individuais* (de uma pessoa, de uma voz, de uma posição, de uma subjetividade) e de identidades *grupais* (“nós”, que nos assemelhamos, em relação a “outros” que de nós se diferenciam)” (Pais, 2005a: 54). Para Stuart Hall, a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (*cit in* Hall, 2005: 13). Para o mesmo autor, cada nação é uma “comunidade simbólica” ou “imaginada” que produz “um sistema de representação cultural”. “As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos identificar-nos, constroem identidades” (Hall, 2005: 49). Porém, no contexto contemporâneo a comunicação que salta fronteiras e nações está a criar “identidades desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas” (*ibidem*: 75). As pessoas expressam identidades múltiplas, híbridas e precárias, onde os pontos de referência e fronteiras das suas identidades são maleáveis e contingentes ao contexto social particular em que o indivíduo se encontra (Ross, 2008). Neste sentido, a cidadania é uma questão de “identidades fluidas, dinâmicas e negociadas”, sendo que as

relações que ligam os indivíduos à sua comunidade, e aos contextos sociais e políticos são continuamente discutidas e reformuladas (Ten Dam *et al*, 2011).

Para a Comissão Europeia “de um ponto de vista cultural e político, a integração europeia e a natureza multiétnica e multilingue das nossas sociedades conduzem a uma reestruturação do contexto humano. Isto apela simultaneamente a uma revitalização da cultura democrática e ao questionamento do sentido da cidadania europeia no século XXI” (1999: 7).

O conceito de cidadania europeia foi formalmente instituído com o tratado da União Europeia de 1992 conhecido como Maastricht, e tem ganho importância política considerável ao longo dos últimos anos, quer para o Conselho da Europa quer para a Comissão Europeia. “Um dos objetivos da sua criação foi o de superar o deficit democrático. No entanto, a ênfase deve ser colocada sobre a criação de uma comunidade europeia, onde o "outro" é visto em relação ao "eu" e não em oposição. Esforços devem ser feitos para promover o sentimento de solidariedade e criar um vínculo entre as pessoas” (Dolejšiová & López, 2009:30). O sentimento de pertença requer o desenvolvimento duma cidadania à escala europeia que apela para uma compreensão de cidadania baseada num diálogo ativo com outros cidadãos que precisa de ser menos etnocêntrico, mais inclusivo e respeitador das diferenças.

A aprendizagem intercultural que o SVE oferece permite criar laços europeus, desenvolvendo o sentido de cidadania europeia e de identidade cultural europeia:

Carolina - Achas que esta experiência é uma forma de desenvolver a tua cidadania? Ewelina - Para mim, sim. Acho que não há nada no SVE que seja mais forte do que isso. O facto de ires para um lado qualquer e experimentares outra cultura torna-te mais sensível aos ambientes multiculturais e mais aberta a entender as características culturais de pessoas diferentes. Eu tenho uma identidade europeia muito forte; uma identidade global. No contexto das pessoas que sabem do comércio justo e dos direitos humanos esta expressão não é assim tão estranha ter uma identidade humana mais abrangente. (Entrevista)

Carolina – E tu vês-te como cidadã europeia? Larissa - Sim, e também como grega. E não acredito nestas fronteiras entre os países, para mim conta mais o caráter da pessoa, não a identidade... e acho que estes projetos como o Programa Juventude em Ação e o Erasmus são uma boa oportunidade para quebrar as fronteiras e sentirmo-nos todos mais próximos, pois somos todos de um mundo, não interessa o país. (Entrevista)

A cidadania europeia complementa o conceito de cidadania nacional. Ao transcender as fronteiras nacionais cria vínculos e uma identidade comum entre os cidadãos de diferentes países da Europa (Hoskins *et al*, 2012). Por outro lado, as identificações

“globais” estão a deslocar e transformar as identidades nacionais, trazendo consequências também nas identidades culturais:

Carolina – Tu sentes-te como um cidadão europeu? Lasse – Sim, eu sou mais europeu do que dinamarquês. Ou diria, sou mais internacional do que sou dinamarquês. Mas tu não podes por um dinamarquês numa caixa e dizer que eles são assim. Porque nós somos muito diferentes. Porque nós somos uma sociedade pequena com cinco milhões e meio de pessoas e já não temos tradições. (...) Nós somos muito internacionais e as notícias e a *media* é muito mais sobre o que acontece em todo o mundo do que sobre o que acontece na Dinamarca. (...) É por isso que eu não acho que nos consideremos dinamarqueses. Somos muito orgulhosos da nossa bandeira e da rainha, é algo que é muito sagrado para nós, para a nossa cultura. São os nossos símbolos. Mas é só isto. Não se trata de comportarmo-nos de uma certa forma, ou sermos de uma certa forma, somos todos diferentes. E é na verdade isso que torna o país interessante. Eu sou um cidadão do mundo, sou um cidadão da europa. Sim sou um cidadão da Dinamarca mas eu não pertença mais à Dinamarca. (Entrevista)

Tal como Stuart Hall constatou “à medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (2005: 74). Neste caso, mais do que cidadão europeu o voluntário vê-se como cidadão global, cosmopolita. Dentro do mesmo pensamento Madeleine Arnot (2009) defende uma cidadania global baseada em valores comuns globais e por isso transversais às divisões nacionais. Isto envolve deixar o olhar etnocêntrico e ousar reconhecer e compreender as raízes e diferenças culturais e étnicas de diferentes culturas, tentando olhá-las a partir da visão do outro (Cortesão, 2002: 33).

6.3 A cidadania enquanto prática: cidadania ativa

A cidadania ativa de dimensão europeia implica também a aquisição das competências necessárias para a vida em sociedades plurais. Para a Comissão Europeia (1999: 12) “é a aprendizagem da cidadania que é essencial. Esta aprendizagem deve compreender não só o desenvolvimento de uma compreensão intercultural (nível afetivo), mas também a aquisição de competências operacionais (nível cognitivo) - que, em termos ideais, podem ser adquiridos pela prática e pela experiência (nível pragmático)”. Neste contexto, a prática da cidadania leva os cidadãos a adquirir a experiência necessária para se tornarem autores e atores da sua própria vida. Serão estas três dimensões realizadas?

Ewelina – No que respeita a cidadania, podemos ser muito tolerantes e sensíveis e ainda assim não ser um cidadão ativo e não ter a responsabilidade de viver a própria vida e conjugar a comunidade ou seja, gerir a tua vida e integrar ao mesmo tempo a comunidade. Se esta é a minha vizinhança e algo correr mal, vou evidenciar-me e fazer algo por resolver a questão; talvez fale com outros

vizinhos e vamos resolver o problema. Nada neste projeto SVE nos leva a esse ponto. Não te desenvolve as capacidades de ser um cidadão ativo. Como indivíduo independente, sim. És mais sensível, mais aberta à multiculturalidade. Cidadão ativo? Não. Se eu desenvolvo as capacidades de ser mais ativa é graças ao trabalho que eu desenvolvo. Tento influenciar as pessoas daqui a serem ativas. Ninguém me diz para o fazer. Estou a praticar esta “cena” ativa. Estou a tentar encontrar o meu caminho para vir a ser uma cidadã ativa no meu dia-a-dia e não ser só uma ocupação porque és cidadã o tempo todo, independentemente do que faças. (Entrevista)

Segundo esta voluntária, apesar do SVE desenvolver através da compreensão e relação intercultural competências relacionais, sociais e comunicacionais, não suscita oportunidades de por em prática competências tão importantes como a responsabilidade, a cooperação, e a criatividade. Esta sua insatisfação está relacionada com a bagagem ativista que traz às costas:

Ewelina - Eu era uma ativista, na verdade, por vários anos e para mim é algo natural, que não nasceu por causa do SVE. Eu era membro de um partido que desafiava os sistemas económico e social. E no meu país participava em várias ações políticas e cívicas, ajudava a organizar ações cívicas que protestavam contra a comercialização da educação. (...) Para mim, o que faço aqui não é uma melhoria, é algo pior. Em termos de participação cívica e cidadania ativa é um passo atrás. (Entrevista)

Porém, se em termos de participação cívica e ativismo social não há uma aprendizagem, constata-se uma consciencialização política e alteração de mentalidades quanto a valores como o comércio justo, a agricultura biológica e a sustentabilidade. A Maarit que ajudou numa quinta de agricultura biológica, bem como na cozinha vegetariana da Casa da Juventude afirma que o que aprendeu poderá mudar não só o seu estilo de vida podendo trazer novas oportunidades profissionais:

Maarit - Durante este ano aprendi tanta coisa, que eu agora aprecio, no que se refere à agricultura biológica e ao comércio justo. Agora eu penso no que compro, de onde é que vem. Nestes tempos tenho pensado naquilo que tenho feito e quero mudar. Voltar às raízes, a plantar e cultivar o solo que tenho. Talvez quando voltar à Finlândia mude os meus hábitos e até me especialize em cozinha vegetariana para abrir um restaurante meu. (Entrevista)

Nos casos seguintes, devido ao facto de os voluntários trabalharem na temática do Comércio Justo fez com que ganhassem competências sobre o Comércio Justo, e agricultura biológica, transformando a sua perspetiva sobre a importância política, social e ecológica destes movimentos:

Jelena – Antes de chegar aqui não conhecia o Comércio Justo. Mas comecei a trabalhar com estas coisas, escutei o Daniel, vi como ele fala e agora posso dizer que também apoio esta política e gosto de comprar comércio justo. (Entrevista)

Javier – A verdade é que o mundo é diferente de onde eu vivia e do que eu pensava. Mudei a forma de pensar. Eu não sabia nada de produtos orgânicos e comércio justo. Não só posso comprar de uma forma igualitária e mais justa, mas também pela forma de trabalhar a terra, e não comer tóxicos nos produtos. Eu tinha um amigo que só come produtos biológicos mas eu não sabia qual era a importância que tinha. Talvez daqui 20 anos tenha mais importância. (Entrevista)

Em conclusão, o trabalho voluntário oferece novas perspectivas e a consciência de novos temas que podem levar os jovens a refletir sobre as suas práticas e estilos de vida, ampliando os seus horizontes de vida (Hustinx, 2001). Já a Casa da Juventude ao promover atividades de voluntariado e de relação multicultural assume-se como espaço associativo de eleição para o desenvolvimento e para a aquisição de competências, de aprendizagens pessoais e para o desenvolvimento de projetos coletivos (Conselho Nacional de Educação, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará”. 1 Coríntio. 13.1-3

As motivações, os sentidos e compromissos dados à experiência de voluntariado confirmam a recente investigação sobre a mudança na natureza do serviço voluntário em comparação às formas tradicionais de voluntariado: o novo voluntário revela uma visão institucionalmente individualizada e instrumental do voluntariado.

Assim, o voluntariado surge como uma forma deliberada de lidar com a biografia “faça-você-mesmo” (Hustinx & Lammertyn 2000). Face às condições de instabilidade e insegurança causadas pelo mercado de trabalho o voluntariado é visto como uma possibilidade de fuga ao desemprego, à precariedade e à exclusão social a ela associada. Por outro lado, face às exigências de uma economia baseada no conhecimento o voluntariado corresponde às expectativas dos jovens, pois permite não só a participação social, como o desenvolvimento pessoal, e a aquisição de competências para o enriquecimento curricular e para a melhoria do próprio perfil profissional. Como competência extremamente útil aparece a aprendizagem da língua portuguesa. A acrescentar, a oportunidade de viajar, de ter uma experiência multicultural e de trabalhar em equipa é aliciante. Por último, a oportunidade de experimentação é vista como um tempo de autoconhecimento potenciador de certezas para o futuro. No geral as suas motivações são fruto de preferências e necessidades individuais. Influenciados pela cultura individualista, que vê o indivíduo como o alvo de todos os investimentos, o voluntário não encara a sua participação somente como um tempo para ser útil aos outros mas como um tempo para si, para desfrutar, auto-realizar-se e autodesenvolver-se.

No projeto “Por um mundo mais justo!” os voluntários utilizam o tempo para ações individualistas que visam a auto-satisfação e desenvolvimento pessoal. Apesar de afirmarem que apreciam o Comércio Justo e imaginarem alternativas para promover

este movimento social mantém-se a dúvida se a sua aliança política, frágil como o barro, é suficiente para erguer ideias claudicantes e traduzi-las em ações organizadas. Porém, se nas motivações para a participar no SVE o altruísmo aparece apenas em última referência como a “cereja no topo do bolo”, durante a experiência de voluntariado a vontade de ajudar e ser útil é inesperadamente reclamada.

Quando os voluntários veem que as atividades de voluntariado como ligadas a um particular interesse pessoal, artístico ou político, não se conformam em fazer o que lhes é pedido. Pelo contrário, utilizam as competências e conhecimento que tem para dar aso ao espírito de iniciativa, propondo ideias e ações criativas. Por exemplo, a única voluntária que referiu um compromisso político pelo Comércio Justo como primeira motivação para participar no SVE, a par com a outra voluntária que trabalhou como lojista na loja do Porto, manifestaram um inconformismo com o simples papel de lojistas levando-as a ser proactivas e consumir uma série de iniciativas para promover o Comércio Justo. A acrescentar, a autonomia e independência deste serviço voluntário foi visto como uma oportunidade para ser autodidata, aprendendo a aprender.

No caso do projeto “Ao encontro da Comunidade” a deficiente proficiência linguística surge como barreira na relação comunicacional com os utentes e com os técnicos bem como fator limitador e desmotivador do envolvimento nas diferentes atividades de voluntariado e na participação cívica. Aliás, devido à dificuldade de comunicar oralmente em português, enquanto investigadora assumi frequentemente o papel de tradutora e salvadora da atividade de voluntariado. Face a este problema, sugiro que a aprendizagem da língua portuguesa seja mais cuidada e prolongada no tempo, para que a participação do voluntário seja mais eficiente e enriquecedora. Por outro lado, a necessidade afetiva dos utentes clama mais por expressões de amor, atenção e companhia e por isso os voluntários veem a sua participação nas instituições como um tempo relaxante para dar amor e alegria ao invés de um tempo para desenvolver atividades.

Para além de coroa de rosas deleitável, o serviço voluntário também é uma coroa de espinhos desconfortável. Alguns voluntários confessam que se sentem como meros substitutos de um profissional, pois os técnicos esperam deles outras funções que não as de simplesmente ajudar. Face a esta perspetiva, no que se refere ao papel dos coordenadores dos projetos de SVE, penso que para os próximos projetos poderia ser dada mais atenção à explicitação do verdadeiro papel do voluntário, quer aos técnicos das instituições quer à comunidade. Assim o voluntário sentir-se-á integrado, aceite e

útil nas instituições e na comunidade. Por outro lado, os coordenadores devem adaptar-se aos compromissos individualizados dos voluntários, tendo em atenção à capacidade de capitalizar as potencialidades e valores peculiares dos voluntários durante o serviço voluntário. Isto porque os voluntários confessam que há atividades em que não se sentem úteis e os próprios técnicos não os veem como uma ajuda significativa, descartando os seus talentos. Este fato leva os voluntários a arrefecer o compromisso e o sentido dado à atividade, dando outra finalidade à sua participação que não a de ajuda mas a de entretenimento.

Quanto aos compromissos cívicos com a comunidade são vários os tipos de relação que os voluntários estabelecem. Como os projetos de SVE não criam oportunidades para o voluntário participar ativamente no domínio público, as iniciativas cívicas são levadas a cabo pelos indivíduos que tem um maior compromisso com a comunidade ou com o movimento social do Comércio Justo e que tem mais competências linguísticas e sociais. Neste caso, apenas 3 voluntárias assumem um papel verdadeiramente ativo. O primeiro exemplo é o da Chiara. Devido às competências orais em língua portuguesa e ao empenho durante o serviço voluntário, a voluntária afirma que desenvolveu uma relação de interconhecimento, solidariedade, generosidade e reciprocidade com a população. A relação de entreajuda e amizade com a população traduz-se na participação cívica de iniciativa individual quer através de ações artísticas quer através de iniciativas para resolver necessidades da comunidade. Ao mesmo tempo que beneficia a comunidade, desenvolve competências que deseja. Assim, através destas ações a voluntária pode adquirir um conjunto de competências operacionais como a autonomia, a responsabilidade, a cooperação e a criatividade, que lhe permitem aprender a ser uma cidadã ativa. Por outro lado desenvolve um conjunto de competências essenciais ao longo da vida como o espírito de iniciativa e empreendedorismo e a competência de expressão cultural. Como obstáculos à participação cívica está a não correspondência entre o interesse pessoal do voluntário e o interesse da Casa da Juventude, que contribui para que a motivação para a participação cívica perca o fulgor.

No caso da Ewelina e da Lauma o desejo de “dar algo de volta à sociedade” é dificultado pela impossibilidade de superar obstáculos linguísticos, pois a linguagem é essencial no estabelecimento de relações sociais com a comunidade portuguesa. A verdade é que para a maioria dos voluntários a barreira linguística adquire o tamanho de uma montanha, e por efeito os frágeis laços sociais de solidariedade e de convivialidade

tremelicam, e as suas participações no domínio público assumem dois caminhos. Ora são precárias para quem deseja e ousa superar o obstáculo linguístico para ter um contributo mais ativo, ou são inexistentes para quem se conforma com o serviço voluntário nas instituições. Neste último caso, o conhecimento da realidade cultural da população é suficiente. A acrescentar a esta dificuldade incomensurável, a perceção de que a comunidade desconhece o papel do voluntário leva o voluntário a desresponsabilizar-se da participação cívica e a refugiar-se no que considera ser a sua comunidade: o grupo de voluntários do SVE. Não obstante, a participação nas questões públicas ser inexistente, constata-se uma consciencialização política e alteração de mentalidades quanto a valores como o comércio justo, a agricultura biológica e a sustentabilidade.

No que se refere ao papel do voluntário na Casa da Juventude, para além da importante tarefa de ajudar principalmente nos projetos e iniciativas internacionais, para o grupo de voluntários do projeto “Ao encontro da Comunidade” o maior desafio é o trabalho em equipa. A falta de comunhão, comunicação e de diálogo são as principais causas das dificuldades para trabalhar em grupo. Os voluntários têm diferentes motivações para se voluntariarem bem como diferentes ritmos e formas de trabalhar. Como tal, a frustração das expectativas quanto ao papel que se esperaria do voluntário leva alguns voluntários a enfraquecer a confiança interpessoal e consequentemente a colaboração com o grupo, preferindo-se participações mais individualistas, competitivas e centradas na autorrealização. Por outro lado, na perceção de uma voluntária falta desenvolver um processo não formal de construção do grupo por parte do coordenador do projeto. Concorro com este ponto pois para que o trabalho de grupo com pessoas de diferentes culturas que de repente se conhece seja próspero é fundamental que haja um trabalho relacional de cariz não-formal que estimule o conhecimento mútuo e o fortalecimento de laços de confiança e interajuda para depois aprenderem a trabalhar em grupo, cooperando.

Na perspetiva de Jacques Delors “a educação tem como objetivo essencial, o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social. Define-se como veículo de culturas e de valores, como construção dum espaço de socialização, e como cadinho de preparação dum projeto comum” (2005: 45). Pensando na educação como uma forma de aquisição das valências e características que nos permitem viver e intervir em sociedade, comunicar ideias e valores, o SVE, enquanto forma de aprendizagem não-formal e informal, afirma-se como uma oportunidade para o desenvolvimento do ser

humano na sua dimensão não só social e relacional, mas também intercultural (Conselho Nacional de Educação, 2001). Ao permitir a mobilidade, a socialização e trabalho em grupo num contexto multicultural o SVE é visto como uma forma de desenvolvimento de competências úteis a nível pessoal e profissional, bem como uma forma de aquisição de novos saberes e redescoberta de identidades.

Aprender a comunicar e a cooperar com pessoas de diferentes culturas assume-se como uma das grandes riquezas educacionais desta experiência. O diálogo intercultural ao dar ocasião para o confronto com a diversidade cultural contribuiu para que os voluntários possam compreender as diferenças culturais e a nacionalidade própria e alheia, levando ao despir de preconceitos e de representações socialmente costuradas. E esta é de facto uma grande mais-valia pois “a incapacidade de conviver com a diferença é fruto de sentimentos de discriminação, de preconceitos, de crenças distorcidas e de estereótipos, isto é, de imagens do outro que são fundamentalmente erróneas” (Silva, 2007: 98). Como tal, “num mundo em que as culturas não podem senão contactar, as diferenças tem que se tornar comunicáveis entre si, envolvendo um trabalho de tradução”, sendo necessário que haja uma desconstrução e desnaturalização de preconceitos, estereótipos, discriminações e do senso comum não questionado (Ricoeur *cit in* Nata, 2011: 45).

Por efeito, a aprendizagem intercultural permitida pela interação social cria um sentido de pertença comum, que galga fronteiras nacionais, e reconstrói as identidades culturais e nacionais. Ao criar laços europeus, os voluntários desenvolvem o sentido de cidadania europeia e de identidade cultural europeia fundada em valores como o respeito pela diversidade cultural e pelo património comum (Conselho da Europa, 2008). Por outro lado, a empatia e entendimento mútuo gerado pela compreensão intercultural permite desenvolver a capacidade de cooperação, solidariedade, criatividade e gestão de conflitos (Otten, 1993).

Para Stephen Stoer em tempos de globalização as diferenças sociais e culturais assumem um papel crucial, “no qual o principal eixo de diferenciação está relacionado com o fenómeno basicamente sociocultural da exclusão/inclusão social” (2008: 219). Considerando a importância para a contemporaneidade da relação com a diferença, o projeto educativo enquanto projeto ético deve abrir-se à alteridade, ao *Outro*. Sendo a educação uma tarefa essencialmente antropológica com pendor filosófico e utópico interessa aquilo que o ser humano pode ser, isto é, as possibilidades ideais que dão esperança e novo sentido à temporalidade. Tal como afirma Adalberto Dias de

Carvalho, a utopia é uma “superação do presente no fio do devir” (1994: 25). Por outras palavras, ela é pertinente pois afronta a atualidade (o nos tornamos ou estamos em vias de tornar), resistindo e desafiando o presente (o que deixámos de ser). Na perspetiva de Kant “chamamos educação à ação sobre o ser humano que o ajuda a ser o que deve ser” (Cabanas, 2002: 131). Ora “o devir humano, individual ou coletivo, pede a solidariedade entre seres que se sabem separados mas, por isso mesmo, eticamente vinculados” (Baptista, 1998: 60). O grande desafio para Jacques Delors é “aprender a viver em conjunto, conhecendo melhor os outros, a sua história, as suas tradições e a sua espiritualidade e, a partir daí, criar um espírito novo que leve à realização de projetos comuns” (*cit in* Backstrom & Pereira, 2012: 86).

Assim, a educação intercultural e a educação para a participação são imprescindíveis para incentivar uma convivência multicultural baseada numa ética fundada no respeito às diferenças. Para Carlinda Leite a educação intercultural “pressupõe um método de pensamento, uma postura ideológica e não apenas o conhecimento de algo que se faz.” Ela é “um meio de desenvolvimento da capacidade de construção de uma cidadania ativa, em que ocorrem processos de comunicação e de relação interpessoal que levam à descoberta da alteridade e onde a multiculturalidade é percebida como um ganho, e não como uma barreira” (2002: 569). Neste sentido, corroboro a proposta de Stephen Stoer de educação inter/multicultural crítica como movimento contra-hegemónico. Para o autor ela é “crítica porque armada por um conhecimento sociológico reflexivo e implicado, quer do processo de reprodução social e cultural quer da relação entre cidadania e subjetividade; contra-hegemónico porque face aos excessos de regulação se assume como parte integral do movimento para a solidariedade, a cidadania activa e a justiça social” (Stoer, 2001: 271). Em suma, o rumo a seguir é tornar o conceito de cidadania numa ideia virada para o futuro, sendo o direito à diferença um dos mais relevantes em sociedades plurais e multiculturais (Pais, 2005).

Em suma, ao tratar de uma problemática europeia contemporânea centrada no universo juvenil, este estudo traz uma nova cor e amplitude a um objeto cada vez mais desafiante e sedutor em tempos de individualização e crescente individualismo. No caso específico das Ciências da Educação, este estudo abre horizontes sobre a potencialidade da educação intercultural e do desenvolvimento de espaços de educação não formal que potenciem competências-chave ao longo da vida. Estas dizem respeito à importância de aprender a ser, aprender a relacionar-se, aprender a participar na comunidade e a cooperar em sociedades plurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, Almerindo Janela (1989). “Sociologia da educação não-escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?” in A.J. Esteves. *A sociologia na escola – Professores, educação e desenvolvimento*. Porto, Afrontamento. Pp. 81-96.

Afonso, Cláudia Marisa Dias Ferreira (2013). *Política sociais europeias para a juventude : O Programa Juventude em Ação em Portugal*. Dissertação de Mestrado.

Arnot, Madeleine (2009). Educating the gendered citizen, *Routledge* Pp. 225-251

Silva, Tomaz Tadeu da (org.); Hall, Stuart; Woodward Kathryn (2007). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7ª ed. Editora Vozes. Petrópolis.

Albarello, Luc *et al.* (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva pp. 85-116.

Amado, J.; Costa, A. P. e Crusoé, N. (2013). “A Técnica da Análise de Conteúdo”. In João Amado (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (pp. 301-351).

Amado, J. e Vieira, C. (2013). “A Apresentação dos dados: interpretação e teorização”. In João Amado (Coord.), *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra (pp. 377-417).

Andolina, Molly W.; Jenkins, Krista; Keeter, Scott & Zukin, Cliff (2002). Searching for the Meaning of Youth Civic Engagement: Notes From the Field, *Applied Developmental Science*, 6:4, pp. 189-195.

Araújo, Helena Costa (2007). Cidadania na sua polifonia : debates nos estudos de educação feministas. *Separata de: Educação, sociedade e culturas*. nº25 pp. 83-116.

Araújo, Helena Costa *et al.* (2002). Em busca da interculturalidade entre mulheres ciganas e padjas na educação. *Separata de: Ex aequo*, nº7, pp. 149-161.

Atkinson, Paul [et al.] (2001). *Handbook of ethnography*. London : Sage Publications

Augusto, Nuno Miguel (2008). A juventude e a(s) política(s): Desinstitucionalização e individualização. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 81, pp.155-177.

Baptista, Isabel (1998). *Ética e Educação. Estatuto ético da relação educativa*. Porto: Universidade Portucalense.

Bardin, Laurence. (2011). *Análise de Conteúdo*. 4ªed. Lisboa: Edições 70.

Blanché, Robert (1988). *A epistemologia*. Lisboa: Presença.

Bauman, Zygmunt (2003). *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Benzaquen, Júlia Figueredo (2007). *A socialização para a cooperação: uma análise de práticas de educação não-formal*. Recife : Edições Bagaço, NUPEP.

Bhabha, Homi K. (1998). *O local da cultura*. Editora UFMG. Belo Horizonte.

Bíblia Revista e Atualizada (2008). São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil.

Bowman, Nicholas A. (2011). Promoting Participation in a Diverse Democracy: A Meta-Analysis of College Diversity- Experiences and Civic Engagement. *Review of Educational Research*. Vol. 81, No. 1, pp. 29–68.

Bogdan, Robert; Biklen, Knopp (1994). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bourdieu, Pierre (2004). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa : Edições 70.

Bourdieu, Pierre et al. (2007). *A Miséria do mundo* 6ª ed. Petrópolis : Editora Vozes.

Cabanas, José María Quintana (2002). *Teoria da educação : concepção antinómica da educação*. Porto : Edições Asa.

Campenhoudt, Van Luc (2003). *Introdução à análise dos fenómenos sociais*. Lisboa: Gradiva.

Canário, Rui (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não Formal In Licínio C. Lima, José Augusto Pacheco, Manuela Esteves & Rui Canário. *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação* (pp 159-200) Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

Caria, Telmo H. (2002). *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*. Porto : Edições Afrontamento

Carneiro, Roberto (2003). *Fundamentos da educação e da aprendizagem : 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova de Gaia : Fundação Manuel Leão.

Carvalho, Adalberto Dias de (1994). *Utopia e Educação*. Porto: Porto Editora.

Carvalho, Adalberto Dias (1996). *Epistemologia das ciências da educação*. Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Edições Afrontamento.

Clary, E.G., Snyder, M., Ridge, R.D., Copeland, J., Stukas, A.A., Haugen, J., & Miene, P. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), (pp. 1516–1530).

Conselho Nacional da Educação (2001). *Educação e associativismo – Para além da Escola*. Conselho Nacional de Educação. Conselho Nacional de Juventude.

Carreiro, Maria João Refachinho Mourão & Carvalho, Zita de Sousa (2008). *Para uma cidadania activa : aprendizagem intercultural* . Coordenação Centro Nacional de Qualificação de Formadores. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Cochito, Maria Isabel Geraldês Santos (2004). *Cooperação e aprendizagem : educação intercultural*. Porto : ACIME.

Coelho, Márcia Cristina Loureiro (2008). *Voluntariado e participação cívica juvenil : formar para ser e ser para agir*. Porto : [Edição do Autor].

Coelho, Sandra Lima (2007). *(N)o Mundo (d)a (Revira)volta - formas alternativas de distribuição numa era de globalização: o Comércio Justo*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Comissão Europeia (1999). *A caminho de um espaço europeu de educação e cidadania activa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

- Comissão Europeia (2002). *Um novo impulso à juventude europeia. Livro Branco*.
- Comissão Europeia (2013). *Juventude em Ação. Guia do Programa 2013*.
- Council of Europe (2005). *Charting the landscape of European youth voluntary activities*. Budapeste.
- Conselho da Europa (2008). *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural “ Viver Juntos em Igual Dignidade*.
- Cortesão, Luísa, & Pacheco, Natércia (1991). O conceito de educação intercultural: Interculturismo e realidade portuguesa. *Inovação: Revista do Instituto de Inovação Educacional*, 4(2), pp.31-44.
- Cortesão, Luíza *et al.* (2002). Mergulhando no arco-íris sócio-cultural : contributo para o conhecimento dos trabalhos sobre educação e diversidade em Portugal. *Separata de: Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, vol.1, nº1 pp. 19-99.
- Cortesão, Luísa & Stoer, Stephen (1996). A interculturalidade e a educação escolar : dispositivos pedagógicos e a construção da ponte entre culturas. *Separata de: Inovação: revista do Instituto de Inovação Educacional*, nº9, pp. 35-51.
- Constantino, Jorge; Gouveia, Luís Borges (2009). *A minha aldeia é todo o mundo. Uma reflexão sobre a participação cívica*. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Costa, Maria Alexandra de Sá Dias da (2012). *As pessoas acima do lucro. Políticas de Educação, Desenvolvimento e Novos Movimentos Sociais*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. FPCEUP. Porto
- Clifford, James; Marcus, George E. (1986). *Writing culture : the poetics and politics of ethnography*. Berkeley : University of California Press.
- Clifford, James (2011). *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX* 4ªed. Editora UFRJ (pp.17-58).
- Delanty, G. (2000). *Citizenship in a global age. Society, Culture, Politics*. Buckingham: Open University Press.
- Delanty, Gerard (2003). Citizenship as a learning process: disciplinary citizenship versus cultural citizenship, *International Journal of Lifelong Education*, pp. 597-605.
- Delors, Jacques (2005). *Educação. Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. 9ªedição. Porto: ASA
- Dewey, John (2007). *Democracia e Educação*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Dolejšiová, Ditta & López, Miguel Ángel García (2009). EUROPEAN CITIZENSHIP – IN THE PROCESS OF CONSTRUCTION ...Challenges for citizenship, citizenship education and democratic practice in Europe. Council of Europe Publishing.
- Dubar, Claude (2006). *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Elias, Norbert (2004). *A sociedade dos indivíduos*. 2ª ed. Porto: Dom Quixote.

Emerson, Robert M.; Fretz, Rachel I; Shaw, Linda L. (1995). *Writing Ethnographic Fieldnotes*. Chicago: University of Chicago Press.

Estanqueiro, António (2007). *Saber lidar com as pessoas: princípios de comunicação interpessoal* 13ª ed. Barcarena: Presença.

European Communities (2007) *Key Competences for Lifelong Learning –European Reference Framework*.

Evans, Karen & Furlong, Andy (2001). Metaphors of youth transitions [documento electrónico] : niches, pathways, trajectories or navigations. Youth citizenship and social change in the european context .(pp. 17-41).

Feiring, Candice; Rosenthal, Saul; Lewis, Michael (1998). 477493Political Volunteering From Late Adolescence to Young Adulthood: Patterns and Predictors. *Journal of Social Issues*, Vol. 54, No. 3.

Fernandes, Evaristo Vicente (2000). *Sociopsicologia da comunicação humana*. Vagos : Edipanta.

Foucault, Michel (1991). *As palavras e as coisas : uma arqueologia das Ciências Humanas*. Lisboa : Edições 70.

Furlong, Andy; Woodman, Dan; Wyn; Johanna (2011). Changing times, changing perspectives: Reconciling 'transition' and 'cultural' perspectives on youth and young adulthood. *Journal of Sociology*.

Gohn, Maria da Glória (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, (pp. 27-38).

Hall, Tom; Williamson, Howard; Coffey, Amanda (2000). Young People, Citizenship and the Third Way: A Role for the Youth Service?, *Journal of Youth Studies*, 3:4, (pp. 461-472)

Hall, Stuart (2005). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A editor.

Hart, Stella (2009). The 'problem' with youth: young people, citizenship and the community, *Citizenship Studies*, 13:6, pp. 641-657.

Haski-Leventhal & McLeigh (2009). Firefighters Volunteering Beyond Their Duty: An Essential Asset in Rural Communities. *Journal of Rural and Community Development* 4, pp.80–92.

Hoikkala, Tommi (2009). The diversity of youth citizenships in the European Union. *Young* 17: 5

Hoskins, Bryony & Crick, Ruth Deakin (2010). Competences for Learning to Learn and Active Citizenship: different currencies or two sides of the same coin? *European Journal of Education*, Vol. 45, No. 1, Part II.

Hoskins, Bryony; Abs, Hermann; Han, Christine; Kerr, David; Veugelers, Wiel (2012). *Contextual Analysis Report Participatory Citizenship in the European Union Institute of Education. Report 1* European Commission, Europe for Citizens Programme.

Hustinx, Lesley & Lammertyn, Frans (2000). Solidarity and volunteering under a reflexive-modern sign: towards a new conceptual framework. *International Society for Third-Sector Research* July 5-8, Catholic University Leuven.

Hustinx, Lesley (2001). Individualisation and new styles of youth volunteering: an empirical exploration. *Voluntary Action* Volume 3 Number 2.

Hustinx, Lesley & Lammertyn, Frans (2003). Collective and Reflexive Styles of Volunteering: A Sociological Modernization Perspective. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations* Vol. 14, No. 2.

Hustinx, Lesley, Cnaan, Ram A., Handy, Femida (2010a). Navigating Theories of Volunteering: A Hybrid Map for a Complex Phenomenon. *Journal for the Theory of Social Behaviour* 40:4.

Hustinx, Lesley; Handy, Femida; Cnaan, Ram A; Brudney, Jeffrey L; Pessi, Anne Birgitta; Yamauchi, Naoto (2010b). Social and Cultural Origins of Motivations to Volunteer: A Comparison of University Students in Six Countries, *International Sociology* 25: 349.

Hustinx, Lesley (2010). I Quit, Therefore I Am?: Volunteer Turnover and the Politics of Self-Actualization. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 39.

Jennings, M.Kent & Stoker, Laura (2002). Generational Change, Life Cycle Processes, and Social Capital. Artigo apresentado no Workshop “Citizenship on Trial: Interdisciplinary Perspectives on the Political Socialization of Adolescents”. McGill University, Montreal.

Kennelly& Dillabough, Jo-Anne (2008). Young people mobilizing the language of citizenship: struggles for classification and new meaning in an uncertain world, *British Journal of Sociology of Education*, 29:5, pp. 493-508.

Kerlinger, Fred N. (1980). *Metodologia da pesquisa em ciências sociais : um tratamento conceitual*. São Paulo : Editora Pedagógica e Universitária.

Keyes, C.L.M. (1998). Social Well-Being. *Social Psychology Quarterly*, 61 (2), pp. 121-140.

Lafraya, Susana (2011). *Intercultural learning in non-formal education: theoretical frameworks and starting points*. Council of Europe Publishing.

Leite, Carlinda (2002). O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português. Textos universitários de Ciências Sociais e Humanas.Faculdade Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e para a Tecnologia.

Lopes, Joana; Benton, Thomas; Cleaver, Elizabeth (2009). Young people's intended civic and political participation: does education matter?, *Journal of Youth Studies*, 12:1, 1-20.

Leccardi, C. (2005). Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tempo Social. *Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, vol. 17, n. 2.

Lipovetsky, Gilles (1986). *A Era do Vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa. Relógio de Água.

Lipovetsky, Gilles (1994). *O crepúsculo do dever. A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Lyotard, Jean-François (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva

- Lyotard, Jean-François (1999). *A fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.
- Lukes, Steven (1971). The Meanings of “Individualism”. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 32, No. 1, pp. 45-66.
- Magalhães, João Batista (1996). *A ideia de progresso em Thomas Kuhn no contexto da Nova Filosofia da Ciência*. Porto: Contraponto.
- Marshall, T.H (1967). Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar pp. 57-114.
- Marta, Elena; Guglielmetti, Chiara; Pozzi, Maura (2006). Volunteerism During Young Adulthood: An Italian Investigation into Motivational Patterns. *Voluntas* 17 pp. 221–232.
- Marta, Elena; Pozzi, Maura; Marzana, Daniela (2010). Volunteers and Ex-Volunteers: Paths to Civic Engagement Through Volunteerism. *Psyche* Vol. 19, N° 2, 5-17.
- Menezes, Isabel (ed.) [et al.]. (2012). *Agência e participação cívica e política : jovens e imigrantes na construção da democracia*. Porto: Livpsic.
- Menezes, Isabel & Ferreira, Pedro (eds.) (2012). Educação para a cidadania participatória em sociedades em transição: uma visão europeia, ibérica e nacional das políticas e práticas da educação para a cidadania em contexto escolar. Porto: Centro de Investigação e Intervenção Educativas.
- McDonald, Kevin (1999). *Struggles for subjectivity : identity, action and youth experience*. Cambridge : Cambridge University Press.
- McLeod, Julie (2012). Vulnerability and the neo-liberal youth citizen: a view from Australia, *Comparative Education*, 48:1, pp.11-26.
- Morin, Edgar (1998). *Sociologia*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Nata, Gil (2011). *Diferença cultural e democracia : identidade, cidadania e tolerância na relação entre maioria e minorias*. Lisboa : Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Internacultural.
- Nenga, Sandi Kawecka (2012). Not the community, but a community: transforming youth into citizens through volunteer work, *Journal of Youth Studies*, 15:8, pp.1063-1077.
- Nunes, A. Sedas (1994). *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. 1ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Omoto, A. M. & Snyder, M. (1995). Sustained helping without obligation: Motivation, longevity of service, and perceived attitude change among AIDS volunteers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, pp. 671-686.
- Otten, Hendrick (1993). *Aprendizagem Intercultural: 10 teses. Juventude para a Europa*. Lisboa: Ed. Instituto da Juventude.
- Pantea, Maria-Carmen (2013). The changing nature of volunteering and the cross-border mobility: where does learning come from?, *Studies in Continuing Education*, 35:1, pp. 49-64.
- Pais, José Machado (2001). *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar.

- Pais, José Machado (1993a). *Culturas Juvenis*. Lisboa : Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (1993b). Nas rotas do quotidiano. *Crítica de Ciências Sociais*. Nº 37.
- Pais, José Machado (2005). Jovens e Cidadania. *Sociologia, Problemas e Práticas*. n.º 49, pp. 53-70.
- Pais, José Machado; Cairns, David; Pappámikail, Lia (2005). Jovens europeus. Retrato da diversidade. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2. pp. 109-140.
- Pais, José Machado (2012). A esperança em gerações de futuro sombrio. *Estudos Avançados* vol. 26 nº 75.
- Pateman, C. (1970). *Participation and Democratic Theory*, Cambridge: Cambridge University Press. Pp. 22-44
- Penner, L. A. (2002). Dispositional and organizational influences on sustained volunteerism: An interactionist perspective. *Journal of Social Issues*, 58, pp. 447-467.
- Peretz, Henri (2000). *Métodos em Sociologia*. Lisboa : Temas e debates.
- Perotti, Antonio (1997). *Apologia do intercultural*. Lisboa : Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural
- Pires, Ana Luisa Oliveira (2007). Reconhecimento e validação das aprendizagens experienciais. Uma problemática educativa. *Sisifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, pp. 5-20.
- Proença, Raul (1994). *Guia de Portugal IV Entre Douro e Minho I-Douro Litoral*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian 3ª edição.
- Putnam, Robert (2000). *Bowling Alone. The Collapse and Revival of American Community*. New York: Simon & Schuster.
- Raposo, Francisco Hipólito (1995). *Portugal passo a passo. Douro Litoral*. Amadora: Clube Internacional do Livro.
- Ross, Alistair (2008). *A European education : citizenship, identities and young people*. London : Trentham Books.
- Santos, Boaventura de Sousa (1995). *Um Discurso sobre as Ciências*. 7ª edição. Porto. Edições Afrontamento.
- Sacristán, Jimeno (2003). *Educar e conviver na cultura global*. Porto: Edições ASA.
- Schnell, Tatjana; Hoof, Matthias (2012). Meaningful commitment: finding meaning in volunteer work, *Journal of Beliefs & Values: Studies in Religion & Education*, 33:1.
- Smith, Justin Davis (2004). Civic Service in Western Europe Smith *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 2004 vol. 33 pp.64-78.
- Sherraden, Margaret Sherrard; McBride, Amanda Moore; Stringham, John; Sow, Simona Costanzo (2006). The Forms and Structure of International Voluntary Service. *Voluntas* 17 pp. 163-180.

Costa, António Firmino (1990). “A pesquisa de terreno em Sociologia” In Silva, Augusto Santos; Pinto, José Madureira(orgs.) (1990). *Metodologia das Ciências Sociais*. Biblioteca das Ciências do Homem. Edições Afrontamento.4ªed.

Silva, Sofia M.(2011). *Da Casa da Juventude aos Confins do Mundo : etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis*. Porto: Edições Afrontamento.

Silva, Sofia Marques da & Queirós, Cristina (2012). “University Students’ Investment In developing skills through participation in volunteering program: experiences from the University of Porto, Portugal. In Zozulakova, Viera & Kuzysin, Bohuslav. *Volunteering in 21 century*. Persov : University of Persov.

Silva, Sofia M. (2013). Young people and sensitive information: Managing protection and dignity. In Kitty te Riele, & Rachel Brooks (Eds.), *Negotiating ethical challenges in youth research* (pp. 96-108). London/New York: Routledge.

Stoer, Stephen (2001). “Desocultando o voo das andorinhas: Educação inter/multicultural crítica como movimento social” In Transnacionalização da educação. Da crise da educação à “educação” da crise. Stephen R. Stoer, Luiza Cortesao e José A. Correia (orgs.) Edições Afrontamento. Coleção A Sociedade Portuguesa perante os desafios da globalização, pp. 245-275.

Stoer, Stephen (2008). Novas formas de cidadania, a construção europeia e a reconfiguração da universidade. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.º 26, pp. 219-238.

Spradley, James P. (1979). *The ethnographic interview*. Belmont: Wadsworth pp. 461-474.

Ten Dam, Geert; Geijssels, Femke; Reumertman, Rene; Ledouxjed, Guuske (2011). Measuring Young People’s Citizenship Competences. *European Journal of Education*, Vol. 46, No. 3

Tereshchenko, Antonina (2010). Ukrainian youth and civic engagement: unconventional participation in local spaces, *Journal of Youth Studies*, 13:5, 597-613 .

Terren, Eduardo (2002). Post-modern Attitudes: a challenge to democratic Education. *European Journal of Education*, Vol. 37, No. 2.

Touraine, Alain (1998). *Iguais e diferentes : poderemos viver juntos?* Lisboa : Instituto Piaget

Unesco (2011). *O Correio da Unesco. Como os Jovens mudam o mundo*. Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura, nº3 Julho-Setembro.

Weber, Max (1997). *Conceitos sociológicos fundamentais*. Lisboa: Edições 70.

Weller, Susie (2006). Skateboarding Alone? Making Social Capital Discourse Relevant to Teenagers’ Lives, *Journal of Youth Studies*, 9:5, pp. 557-574.

Whyte, William Foote (1984). *Learning from the field : a guide from experience*. Newbury Park : Sage Publications.

Wilson, John (2012). Volunteerism Research: A Review Essay. *Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly* 41: 176.

Watzlawick, Paul; Helmick Beavin, Janet; Jackson, Don D. (1999). *Pragmática da comunicação humana : um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*.12ª ed. São Paulo : Editora Cultrix.

Youth in Action Programme (2011). *European good practice projects Focus on: European Voluntary Service European Union*.

Youniss, James & Yates, Miranda (1997). *Community service and social responsibility in youth*. Chicago : The University of Chicago Press.

Yanay, Galit Ventura; Yanay, Niza (2008). The decline of motivation? From commitment to dropping out of volunteering. *Nonprofit Management & Leadership*, vol. 19, n° 1 pp. 65-78.

APÊNDICE:

Excerto de uma nota de terreno⁶

Cheguei à CJ à tarde e perguntei ao Hugo na receção pelos jovens voluntários, pelo Daniel e pela Sofia. Alguns estão na aula de português, outros estão no gabinete. O Daniel ainda não tinha chegado e a Sofia está de férias e só chega dia 4.

Vou até ao gabinete do grupo de 6 voluntários do projeto “Ao encontro da comunidade”. Está lá a Chiara e o Jack. De imediato a Chiara pergunta-me se de onde sou e eu digo que sou do Porto. Com simpatia logo me diz que tenho que lhe dar a conhecer as zonas bonitas do Porto. A Chiara é italiana, mas fala comigo em espanhol e eu também me desenrasco. Porém, considerando a presença do Jack diz que é melhor falar em inglês para ele perceber.

O escritório tem uma mesa quase do comprimento da sala onde cada voluntário tem a sua cadeira e à frente o seu portátil. Cada voluntário senta-se à frente do seu pc. Reparo que o espaço da mesa está totalmente ocupado. Se eu quisesse sentar-me ali teria que afastar os pcs e pedir para me sentar ao lado deles.

Reparo que o Jack tem um livro em língua portuguesa ao seu lado. Conta-me que foi busca-lo à biblioteca para ler mas é muito difícil, confessando que num dia só leu 3 páginas. O livro é sobre futebol. Reconhece que talvez tenha que procurar um livro para crianças ainda mais básico.

De forma a legitimar a minha presença, digo à Chiara que estou a fazer uma investigação. O Jack brinca e num tom provocativo diz que como eu vou estar com eles, eles podem se sentir observados e não ser espontâneos. Ri-se, confessando que foi bom eu admitir que estou a fazer investigação, pois se usasse uma capa seria incómodo. Por questões éticas, remata.

Pergunto-lhes se tem ido às instituições. A Chiara diz-me que tem ido só conhecer o espaço e as pessoas. Vão fazendo atividades segundo as capacidades, dons talentos que tem. E também tendo em conta as necessidades das pessoas e os pedidos da instituição.

A Chiara informa-me que os voluntários vão às instituições dois a dois, mas variam as pessoas que vão. Os dias em que vão às instituições é que se mantém. Gentilmente faz questão de me esclarecer que são seis jovens que estão no projeto “Ao encontro da comunidade” e cinco os jovens que estão no projeto sobre o Comércio Justo. A Chiara pergunta-me onde é que eu vou ficar e eu digo que não sei. Talvez nos dois. O Jack está no pc a ver o calendário para estas duas semanas. O grupo criou um site privado com um calendário coletivo onde planeiam a semana, nomeadamente quem vai às instituições, a que dias bem como outros eventos. O Jack diz-me

⁶ Esta nota de terreno é do dia 1 de Outubro de 2013. Passadas as duas semanas de participação no campo de trabalho internacional, este é o primeiro dia em que dou mais um passo de aproximação ao grupo de 11 voluntários do SVE. Vou ter com eles aos seus espaços de trabalho, coloco-me a par das suas rotinas e começo a definir estratégias e modos de observar.

que por vezes tem que desmarcar as idas às instituições porque chegam familiares e amigas dos voluntários.

Entretanto ouço o Daniel passo apressado a chegar e vou falar com ele. Digo-lhe o que estou a pensar fazer. Pergunto-lhe de rajada qual é a conceção que a CJ tem sobre o voluntariado. Ele ri-se e diz que não vai responder assim. Diz-me para lhe enviar as perguntas que lhe quero fazer por email. Ele oferece-me um livro sobre o SVE. Trata-se de dados empíricos sobre o SVE em Portugal. Digo-lhe que vou começar a ir com os jovens às instituições e que estarei com os 2 grupos dos projetos. Ele garante-me que irá telefonar às instituições a dizer para contarem comigo. Entretanto chega o Lass, dinamarques, a Maarit, finlandesa e a Larissa, grega. Tinham acabado de desistir das aulas de língua portuguesa. Afirmam que é muito difícil e preferem aprender por si próprios. Por exemplo, vendo filmes com legendas em português.

Grelha de análise de conteúdo

De seguida apresento as onze categorias e as respetivas subcategorias, indicadores e alguns excertos vindos das notas de terreno e das entrevistas etnográficas.

1. O papel da investigadora

Indicadores: Inclui todos os aspetos relativos à entrada no terreno bem como aos dilemas da permanência no terreno

- Apanhar feijões foi uma experiencia parecida com o ato de investigar. Exigia procurar com cuidado e atenção, sem esquecer o mais pequeno detalhe, neste caso, o mais pequeno feijão. No meio de tanta informação e face a um objeto restrito às vezes o que estamos a fazer é “searching for a needle in a haystack” (NT 17 de Setembro)
- O Qiaochu Wu aproxima-se de mim e pergunta-me com uma curiosidade empática: O que fazes quando chegas a casa? Quando vais escrever a tese? Quantas páginas tens que escrever? (NT 18 de Setembro)
- Fomos para as vinhas, podar as folhas que estavam a tapar a luz do cacho de uvas. O trabalho era a pares e eu fiquei com uma voluntária do SVE da Letónia, Lauma. Parecia uma detetive disfarçada de voluntária. Eu é que queria fazer perguntas, mas ela perguntava-me o que eu estava exatamente a fazer na investigação, e pedia-me para eu expor os meus pontos de vista. (NT 19 de Setembro)
- À ida para o autocarro para irmos para outra quinta a Lauma aproxima-se de mim e pergunta-me porque não apareci nestes dias, e eu explico-lhe. De repente apresenta-me à Giulia, que está ao seu lado, e com um sorriso nos lábios diz-lhe que eu vou fazer a tese sobre elas. A Lauma pergunta-me como é que é exatamente o trabalho de investigação, e eu

digo que tenho que recolher empiria e pensá-la à luz da teoria. Pergunta-me se eu tenho que traduzir as conversas para português ou se vou escrever a tese em inglês. Digo que será em português, e elas começam a falar em como é difícil ajustar o inglês para a sua própria língua, ainda para mais em tom científico. (NT 26 de Setembro)

- Digo à Chiara que estou a fazer uma investigação. O Jack brinca e num tom provocativo diz que como eu vou estar com eles, eles podem se sentir observados e não ser espontâneos. Ri-se, confessando que foi bom eu admitir que estou a fazer investigação, pois se usasse uma capa seria incómodo. Por questões éticas, remata. (NT 1 de Outubro)
- Perguntam-me o que é que eu estou a fazer e eu digo que vou estar com eles, a “seguir-los” e que quero saber o que eles pensam sobre esta experiência de voluntariado. (NT 9 de Outubro)

Sinto-me desconfortável, não sei onde me situar. Estou ao lado da Réka, mas percebo que o melhor é sentar-me a ler e ir observando discretamente ao invés de ser uma melga incómoda. (NT 16 de Outubro)

- A maior parte das indicações que a Réka e a Maarit querem dizer eu traduzo, pois elas tem muita dificuldade no português, e raramente comunicam verbalmente com as crianças. Devido às dificuldades que tem em expressar-se sinto necessidade de falar com as crianças, dando indicações, propondo jogos, traduzindo o que elas me dizem. (NT 16 de Outubro)
- A Maarit diz-me: “É bom termos uma tradutora”, referindo-se a mim. (NT 23 de Outubro)
- O Renato vem ter comigo e pede-me para ir à sala de teatro para ajudar a Maarit a traduzir para português o que ela quer dizer. Quando chego a Maarit diz que eu sou a sua salvadora. A monitora que está justifica-se dizendo que não percebe muito inglês. (NT 27 de Novembro)
- Fui com a Maarit ao orfanato (...).A Maarit diz que como os maiores estão na escola o melhor é ir ter com os bebés. (...) Passado um pouco chega um rapaz que me reconhece. (...) Ele chama-me e diz que vai fazer os trabalhos de casa. Fico indecisa. Hei-de ir com ele ou continuo na sala a observá-las? Decido ir com ele e ajudo-o na sala de estudo (NT 28 de Outubro)

2. A condição académica e profissional dos voluntários

Indicadores: Inclui todos os dados que refletem traços de um percurso educativo e condição académica e bem como descrições sobre as diferentes situações profissionais dos voluntários.

- A Larissa tirou o curso de professora primária na Grécia. Depois esteve um ano na Grécia a trabalhar num bar e depois inscreveu-se neste projeto. (NT 3 de Outubro)

- O Javier é de Navarra (Espanha). Terminou o 9º ano e fez um curso profissional em eletromecânica, que lhe possibilitou trabalhar numa oficina de carros. Mas como ganhava pouco saiu e fez trabalho de compra e venda de materiais de sucata como ferro, cobre. A sua mãe é doméstica, já trabalhou numa fábrica de tubos, mas com a crise teve que sair e às faz limpezas também. O seu pai tem uma quinta e é aí que está. O Javier diz que trabalhou 4 meses a colher espargos na quinta do seu pai. É um alimento que vale muito, e por isso ele ganhava bastante dinheiro. Mas trabalhava muito, das 10 às 3h. (NT 7 de Outubro)
- A Chiara começa-me a contar o seu percurso educativo. Aos 17 anos começou a trabalhar como camareira ao mesmo tempo que estudava. Licenciou-se em história de arte, estudou mitologia grega e romana e a sua tese de mestrado foi sobre a figura da Trindade. Fascinava-a o facto de uma pessoa poder ser três pessoas ao mesmo tempo. Atualmente trabalha como guia turista e organiza exposições de arte, que era o que queria. (NT 10 de Outubro)
- A Jelena é professora de geografia e geógrafa em algumas empresas. Dava aulas de geografia mas foi dispensada pois já tinham uma professora e não precisavam dela. Ficou desempregada. Afirma que este triste facto motivou-a a decidir fazer EVS (NT 17 de Outubro)
- A Livia tem 27 anos. Tirou o curso de engenharia civil (bacharelato) e começou a tirar um curso sobre multimédia. (...) A Ewelina é licenciada em estudos de etnologia e antropologia das culturas. (NT 21 de Outubro)
- Carolina – E quais eras as tuas circunstâncias biográficas quando vieste? Estavas a trabalhar? Lasse – Quando me inscrevi tinha acabado o 12º ano, mesmo que eu pareça velho. Eu terminei o ensino secundário mais tarde porque quando fiz 18 anos comecei a trabalhar. E trabalhei até ter 24 anos em lojas e restaurantes fast food. Mas tive um problema na coluna e já não podia trabalhar da mesma forma que antes e o Estado forçou-me a voltar a estudar senão não me ajudariam financeiramente. Eu não tinha escolha e tive que voltar à escola. (Entrevista)

3. Motivações para participar no Serviço Voluntário Europeu

Indicadores: Inclui todos os dados que permitam compreender o que levou à integração no SVE (quais as razões que identificam e os seus objetivos). Devo dizer que alguns excertos abrangem várias subcategorias, e algumas dimensões de análise são transparentes à maioria das motivações

3.1 Fuga e alternativa ao desemprego e à precariedade com vista a aquisição de competências e procura de oportunidades de emprego

- Carolina – E o SVE. Porque é que te interessas-te? Jack - Após terminar a faculdade eu pensei. Ok se eu não conseguir emprego é bom pensar em voluntariado. Carolina –Já tinhas tido alguma experiência de voluntariado antes? Jack – sim, dos 15 anos aos 18 anos fui bombeiro, mais por diversão não era tanto a sério, e também fiz voluntariado numa instituição com pessoas com deficiências, que andavam em cadeira de rodas. Mas antes de vir eu era apenas voluntário em jogos de futebol, onde dizia às pessoas aonde se sentar. (NT 23 de Outubro)
- Carolina – E quais foram as tuas grandes motivações ao vir para aqui? Jack - A situação económica não é boa, ter um emprego é difícil. E como não queria ficar em casa a mandar e-mails à espera que me caísse alguma coisa do céu pensei nas hipóteses que tinha. Ou estou em casa sem fazer nada, ou seja, procurando por um emprego, ou vou fazer algo para ter experiências internacionais, tentar aprender uma nova língua, e também para trabalhar em equipa. Outras coisas que tu não aprendes na escola, na universidade (...). Eu sou de um país pequeno e é importante que fales várias línguas, porque há muitas empresas na Eslovénia que trabalham com brasileiros, e que querem pessoas que trabalhem com diferentes países e culturas (...). Todas estas possibilidades podem potenciar a probabilidade de ter emprego. Então como eu queria aprender achei esta oportunidade excelente. Para além de aprender podia ser útil para os outros. Há poucos programas assim. (Entrevista)
- Lauma - Na Letónia eu perdi o meu emprego, eu não estava oficialmente desempregada mas estava a fazer pequenos trabalhos, trabalhos temporários de tempos a tempos, nada permanente. E como eu não tinha nada para fazer, porque não? (...) Carolina –Pensas que este projeto pode ser útil para fugir à precariedade e para encontrarem um novo emprego? Lauma –Estamos aqui também à procura de oportunidades de trabalho, porque aqui podes correr o risco de fazeres o que quiseses, melhorar as tuas competências e não és responsável por nada. Podes tentar se não tiveres sucesso, é mau mas a vida continua. (Entrevista)
- Giulia - O trabalho é muito inseguro, na minha área não encontrei trabalho, porque a minha área é muito vaga. É muito teórica. E por isso é que estou aqui para fazer algo mais prático caso contrário penso que não estaria aqui. (Entrevista)
- Carolina – Como é que chegas-te ao SVE? Javier – Eu não procurei este projeto mas eu conhecia o SVE através da minha associação, a Cruz Vermelha, em Espanha onde eu sou voluntário, cuidando e fazendo companhia a crianças e pessoas idosas. Houve um rapaz que se interessou por este projeto mas como ele começou a trabalhar não podia vir. E a minha associação perguntou-me se eu queria fazer SVE, substituindo-o. Eu sou mecânico mas estava desempregado e como é difícil ficar lá por causa da crise decidi vir fazer esta experiência de um ano. (Entrevista)

3.2 Ida para o estrangeiro, Aprendizagem de línguas, socialização multi/intercultural/ e trabalhar em grupo

- Réka – Como no final da licenciatura em Ciências Sociais ainda não me sentia capaz de entrar logo no mercado de trabalho, por falta de experiência e competências vim. (...) Carolina – E quais são os maiores atrativos deste trabalho? Réka – Na verdade é o facto de conhecer outra língua, trabalhar em equipa com pessoas de diferentes culturas, etc... (NT 21 de Novembro)
- Maarit - Depois de licenciar-me comecei logo a trabalhar num restaurante de uma estação de combustível. Estive lá um ano e como não queria ficar presa no mesmo sítio, queria ir para o estrangeiro enquanto podia, porque daqui a dois anos posso ter família, ou a minha própria casa. Decidi que queria viajar mais e ir para o estrangeiro, porque em geral eu não viajei muito. Por isso decidi que queria fazer algo, e a primeira coisa que eu podia fazer era ser ama de crianças, e fui procurar na internet e por acaso fui ter ao site do SVE. (Entrevista)
- Larissa – Eu não queria ficar mais tempo a trabalhar no bar. Eu queria fazer algo para melhorar as minhas competências. No início eu estava à procura de voluntariado em escolas e assim poderia aprender enquanto professora, pois na Grécia eu só tive 3 meses práticos de trabalho enquanto professora na licenciatura e atualmente não há oportunidades de trabalho como professora. (...) Eu queria ir para o estrangeiro para estudar ou para fazer SVE pois esta é uma experiência que permite conhecer pessoas de diferentes culturas e poder trabalhar em conjunto com elas por um ano. (Entrevista)
- Carolina - E quais foram as tuas primeiras motivações para fazer esta experiência? Jelena – Não tinha trabalho e achava que não ia encontrar trabalho e então não tinha muitas possibilidades. Tinha 28 anos e por isso achava que era o último momento em que estou jovem e vou dar este ano para mim, para conhecer outras pessoas e desfrutar a vida. (...) Então é um ano como descanso da vida real. E era uma boa oportunidade para conhecer outro país, outra cultura e outra língua. Eu gosto muito de língua portuguesa e por isso queria ir para Portugal. Eu não queria ir para outro país. Só fui a Lisboa 5 dias e gostei muito. Mas se eu tivesse trabalho nunca faria isto (Entrevista)
- Carolina - E tu Vieste para o SVE pelo espírito do voluntariado e das diferentes culturas e também com uma segunda intenção, por exemplo para mais tarde encontrares emprego? Giulia – A motivação foi porque eu queria fazer uma experiência no estrangeiro por um ano. Só tinha ido ao estrangeiro por um mês de férias. Queria ver como é que eu posso trabalhar num lugar que não é o da minha origem, estar em relações com diferentes culturas e diferentes formas de ver e fazer, e melhorar competências, como aprender português e ter a experiência de organizar coisas. (Entrevista)

- Carolina – Então, como é que começou o teu interesse pelo voluntariado? Chiara –Estou sempre a procurar uma maneira para viajar para o estrangeiro sem pagar e conhecer culturas. E uma amiga disse-me que havia a possibilidade de viajar com tudo pago através de voluntariado. Eu nunca tinha tido uma experiencia de voluntariado. E tem que ser um país que me interesse. se eu não estou interessada na cultura russa não vou fazer um voluntariado na Rússia. E Portugal era o que mais queria pois tinha vindo muitas vezes a Portugal. E como sou guia turística queria principalmente melhorar os meus conhecimentos em inglês e aprender português, porque agora é importante a nível económico, por exemplo a economia brasileira. (Entrevista)
- Carolina – conta-me sobre a primeira vez que ouviste falar no SVE. Lasse – Bem, na Dinamarca ninguém sabe sobre oportunidades que temos em sermos voluntários. Eu acho que só existem duas organizações de envio na Dinamarca o que não é muito. Foi um acidente anormal encontrar o SVE...No meu caso vim porque tive espanhol na escola e estava muito zangado porque não sabia nada. Era tão difícil para mim. E eu queria aprender português ou espanhol porque a minha intenção quando eu vim era retornar à Dinamarca para estudar um bocadinho mais a língua. Então comecei a procurar oportunidades para ser um voluntário ou trabalhar em algum lado e encontrei o SVE. (Entrevista)

3.3 Motivações relacionadas com experiências antecedentes na área de voluntariado, associativismo ou intercâmbios

- Pergunto à Jelena se já tinha feito alguma experiencia de voluntariado na Sérvia e ela diz que apenas tinha feito dois eventos de voluntariado. Um de limpar a costa de um rio, e outro de limpar, arranjar e pintar durante um mês uma casa ecológica para ser habitada (NT 17 de Outubro)
- Carolina – Conta-me como começou o teu interesse pelo SVE... Larissa – O meu tio tem uma ONG e eu comecei a participar em intercâmbios de jovens e realmente gostei. Fiz 6 mas no máximo eram de duas semanas. Depois, numa apresentação desta organização, eles mostraram outro tipo de projetos existentes no programa Juventude em Ação e ao ouvir sobre o SVE e pensei “Oh um intercâmbio jovem por um ano! Eu quero fazer isto!” (Entrevista)
- Carolina – Como começou esta curiosidade e esta vontade de fazer SVE? Lauma – No ano passado eu fiz dois intercâmbios de uma semana a Sypros. Apesar de ter sido só uma semana, ficamos tão próximos como uma família. O que mais me atrai nestes projetos é socializarmos com pessoas de diferentes países e culturas. Na Letónia as pessoas são muito iguais e não se convive assim com pessoas de diferentes culturas. Então como queria ter aquela experiencia mas por um período de tempo mais longo nasceu a vontade de fazer SVE.

Eu estava envolvida numa organização na Letónia e eles perguntaram-me se eu queria ir para Portugal fazer SVE por um ano ... (Entrevista)

- Giulia – Depois de me licenciar em Ciências Políticas tive diferentes trabalhos precários em alguns meses... e estes trabalhos não estão relacionados com o que estudei. Advém de várias experiências de voluntariado que tive na Itália. Na igreja fiz voluntariado com crianças e jovens até aos 16 anos, e numa ONG onde faço trabalho de integração com mulheres imigrantes e desempregadas. (Entrevista)

3.4 Identificação pessoal com a filosofia do projeto

- Carolina - Como começou o teu interesse pelo SVE? Ewelina – Eu trabalhava, mas não estava satisfeita com o meu trabalho; não me estava a desenvolver. A organização polaca que contactei na minha cidade, de vez em quando enviava-me informações detalhadas sobre projetos, este projeto apareceu, agradou-me e decidi candidatar-me. Carolina - E Portugal estava nos teus planos ou não? Ewelina - Não, de todo. O lugar, em geral, não é o que mais me importa, mas sim o projeto. Não é do género: “Quero ir a Itália porque adoro a cozinha italiana”. Eu escolhi este projeto de Comércio Justo porque é algo que me interessa. Na Polónia já trabalhei numa loja de comércio justo e em ONG’s. Não sabia ao certo que tipo de comércio é que se fazia, que tópico sobre comércio justo é que se iria tratar... Para mim, o Comércio Justo é uma das coisas que podes fazer e deve fazer parte de uma mudança maior e mais profunda da economia a nível global. (Entrevista)

4. Descrição institucional dos contextos de voluntariado

Indicadores: inclui todos os dados referentes à descrição das instituições e dos espaços físicos onde os voluntários se deslocam para ajudar, bem como a descrição dos utentes

Santa Casa da Misericórdia

- O Ricardo aparece e com toda a cortesia sugere mostrar os cantos à casa a mim e ao Lasse. A Santa Casa funciona ali como um lar de 3ª idade. Tem várias salas de estar, e maior parte dos idosos fica na maior e principal. Vamos para a sala de estar maior, e o Ricardo conta-nos que este ano vão estar 4 estagiários de animação para além dos voluntários. (NT 9 de Outubro)
- Pergunto ao Ricardo como é trabalhar com esta população e ele diz que normalmente a participação dos idosos é reduzida. Ele trabalha com uma colega, mas estão em turnos diferentes. Ele está mais voltado para a música, o exercício físico, o teatro e outro tipo de jogos. Já a animadora está mais ligada a ateliês de expressão plástica. Ele faz sempre um diagnóstico para saber quais os gostos e interesses dos idosos mas depois quando tenta desenvolver atividades são raros os que participam. (NT 9 de Outubro)

Orfanato

- A Maarit disse-me que há três grupos no orfanato. O que vai até aos 5 anos, dos 5 aos 7 e dos 7 para cima. A Maarit diz-me que consegue notar problemas familiares que se revelam nos comportamentos. São muito agressivos alguns diz (NT 28 de Outubro).

Escola

- Entretanto a coordenadora da escola chega, reconhece-as pelo aspeto visual imagino, chama-as e leva-as para uma sala ampla, onde estão muitas crianças. É uma sala bastante ampla sem nenhum mobiliário. Apenas uma televisão na parede. Entre outros possíveis usos é o espaço onde as crianças estão enquanto esperam pelos pais. Vejo uma técnica que supervisiona a sala. O barulho é ensurdecador. Crianças correm, falam alto e jogam. (NT 16 de Outubro)
- Ouve-se muitos gritos. Para além das crianças estarem constantemente aos berros, os funcionários também berram com as crianças, dando-lhes ordens, reprimendas. (NT 18 de Novembro)

Cerci

- É uma instituição que existe à 32 anos. Começou com um centro pedagógico e depois devido às necessidades foram-se acrescentando mais ofertas. Tem um centro de atividades ocupacionais, um centro profissional, uma casa para habitação de alguns clientes. (...) Tem cerca de 80 clientes com doenças mentais e deficiências com diferentes gravidades, pessoas que não se adaptam à sociedade nem à escola. Estão utentes dos 21 aos 51, estando a média por volta dos 30. Os jovens com trissomia tem 30 mas parece que tem 15 anos. Eles são doentes que não podem tomar um comprimido para ficar bem, e tem que aprender a lidar com isso. São muito afetuosos. A diretora diz que adotaram a terminologia “clientes” pois prestam um serviço. Porém ela costuma trata-los por jovens ou meninos. A relação da Cerci com eles é muito próxima, eles passam lá a maior parte do tempo. Para alguns é a primeira família e para outros é a segunda. Alguns até nem querem ir embora de férias. A Cerci tenta que os seus clientes desenvolvam competências. Estimula as suas potencialidades/capacidades e treina as suas dificuldades. (NT 3 de Outubro)

5. Sentidos dados às atividades de voluntariado: nas instituições, na loja do Comércio Justo e na Casa da Juventude

Indicadores: Inclui todos os dados sobre as intenções, as perceções e os compromissos dos voluntários no serviço voluntário que desenvolvem, bem como a perceção das figuras que trabalham nas instituições como técnicos e neste caso uma diretora.

5.1 Nas instituições

- Chiara - Vamos fazer atividades segundo as capacidades, dons e talentos que temos. E também tendo em conta as necessidades dos utentes e os pedidos da instituição (NT 1 de Outubro)
- A Larissa diz que quer escolher o que é melhor para o futuro dela. O Jack diz que gostava de ficar com um determinado grupo, na qual já tem empatia. O Lasse diz que tanto faz. (NT 7 de Outubro)

5.1.1 Tempo para fazer companhia, ouvir e escutar

- Maarit - No orfanato não preparamos nenhuma atividade. Simplesmente estamos com eles. No Natal queremos fazer lá uma festa para que as crianças não sintam tanto a falta dos pais. (NT 28 de Outubro)
- Pergunto ao Jack se eles planeiam sempre as atividades e ele diz que não. Com os idosos o importante às vezes nem é ter uma série de atividades planeadas. É mais importante estar com eles, ouvi-los pois é isso que eles precisam. Muitos deles não tem ninguém a visitá-los. (NT 30 de Outubro)

5.1.2 Tempo para relaxar: divertir animar entreter

- Carolina – E como é que definirias este voluntariado? Chiara – Eu acho que este voluntariado não é ajudar, não é nada que se precisa. Então podemos definir este trabalho que estamos a fazer como animações de entretenimento. Mas não é lindo não se sentir funcional, útil. Porque tu dizes, hoje se vou à escola ou não vou é o mesmo. (Entrevista).
- Entramos na sala onde estão as crianças. Durante meia hora o Jack pegava cuidadosamente numa criança e atirava aos céus. Havia uma fila de crianças para saltar um pouco mais alto. (NT 18 de Novembro)
- Pergunto ao Jack qual é a importância dos voluntários irem à escola e ele diz-me que é somente para passar o tempo com eles fazendo jogos. Os miúdos gostam das brincadeiras que fazemos. O problema é que são muitas crianças e num piscar de olhos vão se embora... (NT 18 de Novembro)
- Jack – Quando eu cheguei aqui disseram-me que trabalhar nas instituições era a coisa mais importante, e assim estava no contrato. É bom ir lá, mas não é assim tão desafiante, não é como um trabalho, não tens nenhuma obrigação de fazer algo. Para mim é mais um relaxamento. É um relaxamento do trabalho exigente que temos aqui como aprender português ou estar nestes projetos onde colaboramos com outras pessoas. Ou seja, estás com as crianças, brincas para que o tempo seja mais prazeroso. Podes preparar um jogo mas não é algo que tenhas que fazer. Com os idosos tu estás com eles para tornar as horas mais agradáveis, falas com eles, jogas com eles e também é uma oportunidade para praticar a língua portuguesa. E com as pessoas deficientes, eles tem pessoas que trabalham com eles e por isso tu tentas dar o teu melhor e também se torna relaxante. (Entrevista)

5.1.3 Tempo de afetos

- Vou com a Chiara para o atelier têxtil, onde os utentes cozem num tear, fazem tapetes, carteiras e almofadas. Está um rapaz no tear e três rapazes numa mesa a fazer tapetes com uma agulha, de forma bastante lenta e despreocupada. A Chiara cumprimenta todos com beijinhos e abraços. A Chiara diz que ainda não chegou o Serafim, o seu namorado. Brinca com eles, é empática. Diz que quer os tapetes que eles estão a fazer para casa dela, e para amanhã. Riem-se. (NT 10 de Outubro)
- O Jack fala com os clientes, diz umas palavras em português. É muito carinhoso, tem um trato e sensibilidade digno de nota. (NT 18 de Dezembro)
- A Larissa diz-me que o trabalho nas instituições é-lhe útil pois a ajuda a relativizar os seus problemas, a compreender e a lidar com os problemas dos outros, e por isso ser-lhe-á útil a nível pessoal, para ser uma melhor pessoa, e a nível profissional (NT 3 de Outubro)
- Maarit - No orfanato consigo notar problemas familiares das crianças que se revelam nos comportamentos. São muito agressivos alguns. Por isso não preparamos nenhuma atividade. Simplesmente estamos com eles. No Natal queremos fazer lá uma festa para que as crianças não sintam tanto a falta dos pais. (NT 28 de Outubro)
- Dr. Carla (Cerci) – Este ano estou muito contente com os voluntários. Acho que são muito sensíveis. Não é fácil trabalhar com esta população. Eles tem muitas deficiências, babam-se etc. mas eles tem este lado humano (...). Às vezes nem é preciso estar a apresentar-lhes uma série de atividades. O que eles precisam pode ser simplesmente ser ouvidos. (NT 30 de Outubro)
- Carolina – Qual é que achas que é o teu papel no orfanato? Chiara – Eu tento dar amor, carinho e atenção às crianças. E tentar-lhes mostrar qual é a diferença do bem e do mal porque eles não sabem. Para eles mudarem de comportamento demora. (NT 3 de Dezembro)
- Larissa - No primeiro dia que eu fui à Cerci, deixei-a a chorar. Estava um pouco assustada de como iria ser trabalhar com pessoas com deficiências. Mas eles são muito carinhosos e eu gosto deste afeto. Vês que eles te respeitam, gostam de ti e há um intercâmbio de sentimentos e é muito bom. (Entrevista)
- Larissa – Em geral o voluntariado é sobre aprender a dar, às vezes sem esperar nada em troca. Dar é alegria. E não é preciso que seja material. Pode ser amor. Vou ao orfanato e até um abraço de uma criança é algo... (Entrevista)

5.1.4 Tempo para ajudar (Relação de ajuda)

- Carol – Já sabes o que queres fazer na Cerci? Jack – Sim, vou estar na sala da ecobiótica. Eles têm uma quinta onde plantam vegetais. Devido às suas limitações alguns clientes não podem cavar ou plantar, mas nós interagimos com eles, perguntamos-lhes como se chamam

os vegetais, reconhecem-nos, veem o processo de crescimento. Alguns só observem, outros semeiam, regam e cavam. Carol – E tu como é que te interessas por esta área? Os meus pais têm uma quinta e eu costumo ajudá-los. (NT 23 de Outubro)

- Vamos à quinta biológica. Os clientes começam a limpar as folhas deixadas pelo Outono. O Jack ajuda-a a identificar umas plantas, como a cidreira. (NT 23 de Outubro)
- Na sala de zumba estão 16 clientes do sexo feminino. Algumas utentes têm muita dificuldade em se mexer e outras não conseguem ver bem por isso a Maarit ajuda-as individualmente. Durante os exercícios de Zumba a Maarit tenta explicar-lhes de forma carinhosa os exercícios, elogiando-as e incentivando-as. (NT 30 de Outubro)

5.1.5 Tempo para a proatividade: agência individual

- O Jack e a técnica falam sobre ervas aromáticas, o Jack tira apontamentos sobre ervas aromáticas que pode arranjar. A técnica confessa-me que o Jack também a tem ajudado muito e ela diz que ele lhe dá ideias porque é interessado e também tem conhecimento sobre jardinagem e plantação. (NT 23 de Outubro).
- O Jack deu a ideia de plantarmos ervas aromáticas em vasos. E deu a ideia de irmos a um instituto de preservação de sementes que fica perto da CJ. Achei uma excelente ideia mas só posso levar aqueles que tem mais entendimento. Daqui se calhar só levo dois e depois levo de outros ateliês. Carolina – Então e como é que acha que o Jack se está a portar enquanto voluntário? Sara (técnica) – muito bem. Ele dá muitas ideias e tem muita sensibilidade e paciência com os clientes. (NT 27 de Novembro)
- Cada cliente está a trabalhar no seu sítio habitual. A cortar esponja, a fazer tapetes, no tear, e a desenhar. A Chiara vai até ao armário, escolher um tecido para fazer um estojo. Aprendeu com a mãe, que é costureira mas já não pratica à 5 anos. Sentamo-nos na mesa, mas não interferimos com os seus trabalhos até porque ela não sabe fazer o que eles fazem e vice versa. Pergunto-lhe se ela não tem nada proposto para eles, e ela diz que não mas podem trabalhar juntos na construção das roupas para o teatro de Verão que são ali feitas. Após terminar o estojo que começou a fazer à duas semanas diz à técnica Helena que gostava de fazer o gatinho que ela fez para a exposição mãos com arte. Decidem fazer um porta chaves. Diz-me que se conseguir fazer mais estojos a Cerci pode vendê-los. (NT 24 de Outubro)
- Na sala de costura a Chiara pergunta se é possível escrever um artigo sobre o concurso “mãos com arte” e sobre a cadeira para colocar no seu blog sobre arte. Também quer fazer uma entrevista à autora da cadeira, a Dr. Helena. (NT 17 de Outubro)

5.1.6 Os papéis difusos do voluntário

- Eu a Maarit e a Réka entramos na carrinha, e seguimos para a escola do 1º ciclo em Madalena. Era a primeira vez que iam. (...) A Réka e a Maarit ao verem tantas crianças vão

para um canto da sala e a coordenadora diz-lhes em português que elas podem ir lá para fora ou brincar ali. Esta orientação não lhes serviu de consolo porque elas não sabem o que fazer. Ficam simplesmente a olhar. Aproximam-se 3 raparigas portuguesas. Depois de lhes perguntarem a nacionalidade as crianças propõe-lhes um jogo, “de correr, toca e foge”. Elas aceitam e jogam com elas. Entretanto as crianças entram numa correria furiosa, o que provoca uma algazarra. E a funcionária, que estava à porta da sala, numa posição secundária, como se estivesse a ser substituída pelos voluntários, lança uma expressão de desagrado na direção das voluntárias. Elas comentam este facto. Estão desconfortáveis porque não trouxeram nada para fazer, não sabem o que fazer e sentem que não tem controlo da situação. (...) Às 18.30h a maior parte das crianças vai-se embora. Elas ficam sem saber o que fazer. Enquanto esperam pela boleia, sentam-se no chão, encostadas à parede da sala, visivelmente desanimadas. (NT 16 de Outubro)

- O Lasse diz que precisa de saber alguma informação sobre qual é o comportamento normal das crianças da “terra dos homens”. A Réka também expressa a sua preocupação pois não sabem até que ponto intervir. Estamos permitidos a fazer o que? A nível de disciplina – tenho ou não autoridade para agir? O que é que eles precisam de nós exatamente? (4 de Novembro)
- Eu, a Maarit e a Réka chegamos ao orfanato e vamos para a sala dos médios (crianças dos 5 aos 7 anos). As crianças estavam descalças a dançar na sala. A monitora tinha colocado música na TV para eles dançarem. Quando cheguei uma das crianças veio-me abraçar e ficou ao meu colo até adormecer. A Maarit e a Réka começaram a dançar com as crianças. De repente as crianças começam a desobedecer à monitora e a gritar, saltar, a baterem-se e a chorar... completamente descontroladas. as crianças pareciam indomáveis. A Maarit e a Réka ficaram pasmadas a observar sem saber o que fazer. A monitora começou a berrar. Mas eles não obedeciam. Ainda se riam. Os meninos fogem da sala, ela pede para não os deixarmos sair mas eles saem e elas não vão a correr atrás deles. A Réka chama-os à atenção, timidamente. (NT 2 de Dezembro)
- Lasse - Os técnicos das instituições não sabem quem nós somos. Eles não sabem qual é o nosso papel, o que nós fazemos e podemos fazer. Eles pensam que nós estamos educados neste campo de trabalho social. Porque eles têm expectativas que nós criemos uma coisa espantosa. E eu não estou educado de todo, e isto é algo que está a faltar. Não é suposto nós estarmos aqui para tomarmos o controlo sobre algo pois isso significa que eu estou a tirar o trabalho a alguém que pode ser português e pode ser pago por isso. Esta é a primeira regra do voluntariado, em que nós não podemos fazer nada que remova o emprego a alguém. Temos que ajudar e é isso. Eles não entendem isto. Eles manipulam. Por exemplo, na escola chegamos e de repente todos os técnicos vão-se embora. E nós somos dois voluntários que não sabemos nada sobre estas crianças, somos deixados com elas mas estamos a fazer o

trabalho de outra pessoa. Para mim isto é errado. (...) Para mim isto é que é o voluntariado: ajudar. Não é o meu trabalho criar. É ajudar. Eu não posso criar, porque eu não sei como; essas não são as minhas competências. Mas pede-me para fazer algo e eu irei fazer. (Entrevista)

- Carolina - Achas que fazes a diferença nas instituições locais? Lasse – honestamente? Não. Por exemplo, na Cerci eu ajudo-os, mas principalmente o que eles retiram de mim ao estar lá é que ao invés de usarem três técnicos, podem usar dois mais eu, e o outro técnico pode fazer outra coisa. Eu não faço nada para ajudar os clientes. Eu faço algo para ajudar a instituição. (Entrevista)
- Chiara - Na última semana fiquei mesmo chateada com os técnicos. Ia fazer aeróbica (Cerci), tinha preparado a aula e quando chego o técnico Javier diz que ia ser ele a dar a aula de aeróbica. Depois falei com eles e esclarecemos as coisas, mas quer dizer, parece que eles não precisam de nós, que não temos grande utilidade ali. Eles sem nós vivem na mesma. E claro que isso dá-me menos motivação para ir. Carolina – e já falas-te com alguém sobre isso? Chiara – não. Mas eles podiam aproveitar os talentos que cada um de nós tem mas acabam por não fazer isso... (NT 21 de Novembro)
- Esperamos 35min à porta da Casa da Juventude pela carrinha que nos levaria à escola. A Maarit e a Chiara confessam que o melhor era ela não aparecer, pois pensam que não são lá importantes. Maarit – eu quando vou gasto imensa energia só a tentar entendê-los e a ouvi-los aos gritos. (...). Eles têm família, que lhes paga para estar ali, tem uma escola com boas condições e o tempo de espera até à chegada dos pais é curto (45min aproximadamente). Percebo o porquê de estar com pessoas idosas, com deficiência, e com crianças abandonadas que precisam de companhia, mas ali não. A Chiara concordou (NT 28 de Novembro)

5.2 Na loja do comércio justo

- A Jelena diz-me que estão na loja, pensam em formas de promover o comércio justo, vão vender os produtos às feiras biológicas da cidade, ajudam quando há work camps. (...) Pergunto à Jelena se lhe custa passar ali as horas e ela diz que não. Diz-me que lê, ouve música, pensa... Trouxe um livro que se chama “a rapariga que inventou um sonho” de Haruki Murakami. (NT 17 de Outubro).
- Jelena - Este é um ano como descanso. Porque eu trabalhei muito na Sérvia e sei o que é trabalhar trabalhar e por isso ir à loja duas ou três horas, e ajudar num projeto para mim não é nada. Para mim tudo isto é desfrutar. (Entrevista)
- A Giulia diz-me o que tem que fazer atualmente e no futuro no SVE: organizar a loja do comércio justo no Porto, organizar um site/plataforma comum das 3 associações que

trabalham com o comércio justo porque elas tem dificuldade em comunicar-se. Também gerem o site oficial e o facebook do comércio justo. (NT 12 de Outubro)

- A Ewelina e a Lauma tem que criar uma plataforma de comunicação entre as organizações da equação que trabalham com Comércio Justo (cor de tangerina, associação do marão e a CJ), e pensar na melhor forma de comunicar com o público sobre o comércio justo. Para isto estão a pesquisar sobre como comunicar de forma efetiva em Portugal, pois as realidades dos seus países são completamente diferentes. (NT 21 de Outubro)
- Chego à loja do comércio justo e pergunto: então já tiveram muitos clientes? Jelena – Ainda não. Nenhum. O Javier sentou-se no passeio, a olhar para o chão, visivelmente aborrecido. Não disse uma palavra. Parecia abatido, desanimado e por isso comecei a falar com a Jelena. (...) O Javier vai para dentro e deita-se no chão, apoiando a cabeça num puf. Passado um bocado diz que vai embora. (NT 20 de Novembro)
- Cheguei à loja de Comércio Justo e o Javier estava atrás do balcão a estudar inglês. Mostrou-me no telemóvel o programa que tinha instalado e que tinha as frases em inglês, traduzidas em espanhol. Justifica-se: “Preciso melhorar o inglês”. (NT 25 de Outubro)
- Carolina – então e que é que fazes aqui na loja? Javier – quando estou sozinho é aborrecido, prefiro quando vem clientes mas são raros. Aprendo inglês... (NT 2 de Dezembro)
- Carolina - E aqui na loja tens tido mais pessoas? Javier – A situação comercial não é boa porque esta é uma rua em que não há muitas pessoas. Carolina – Como é que te sentes em relação a não conseguires vender produtos devido à falta de clientes? Javier – Frustrado. Mas o Daniel disse-me para eu me preparar porque não iria ter muitos clientes, porque as pessoas em Amarante não estão muito sensibilizadas para este movimento e preferem ir ao supermercado. As pessoas precisam de mudar a mentalidade e quando digo isto incluo-me a mim. Mas penso que nestes meses vamos fazer algo. Vamos tentar promover mais. Anunciar no facebook e na CJ temos mais oportunidade de mostrar os produtos porque vão mais pessoas. Mas temos que ter uma reunião e falar sobre isso. (Entrevista)
- Carolina – E qual é a tua maior motivação todos os dias? Javier – Difícil pergunta. A motivação é ajudar pessoas do sul do mundo que são aquelas com que nós trabalhamos do comércio justo, porque é uma forma de lutar contra a discriminação que há entre as pessoas do norte e as do sul do mundo. (Entrevista)
- Carolina - E como é que está a ser esta experiência de trabalhar na loja? Giulia – Na loja não temos muitos clientes. (...) Eu uso a loja como escritório, e faço outras coisas. Aprendo português, preparo a aula de italiano, preparo trabalho para a CJ, estudo... (Entrevista)
- Jelena – Eu gosto de estar na loja porque é um tempo para mim mesma. Porque eu não moro sozinha, partilho o meu quarto com a Giulia, e quando estou na loja estou sozinha, duas ou

três horas, com os meus pensamentos. Então gosto muito... e também se há encomendas gosto de por produtos nas prateleiras. (Entrevista)

5.2.1 Oportunidade para a proatividade

- Ewelina - Nós queremos fazer coisas diferentes e não ficar apenas na loja sentadas. Para este trabalho os voluntários precisam ser proactivos. (NT 5 de Novembro)
- Lauma – (...) Eu e a Ewelina estamos a preparar algumas apresentações sobre o comércio justo, e gostaríamos de apresentar para escolas, universidades, e queremos fazer parcerias com outras ONG. (Entrevista)
- Carolina – Como é que vês este projeto enquanto serviço voluntário? Lauma - Eles dizem-te: tu vais para a loja e é isso. Não temos assim muito para fazer. Estamos a trabalhar na plataforma de comunicação do comércio justo e na loja. Aqui no Porto não há ninguém a dizer-te: tu tens que fazer isto ou aquilo. O facto de termos muito tempo livre também é positivo, porque podemos ser proactivos e desenvolver projetos pessoais. Tudo depende de ti mesmo, da tua própria iniciativa e motivação, e se tu não estás suficientemente motivada pode ser mau E se tu estás interessada em fazer algo, podes propor ideias. Provavelmente eles podem dar-te alguma informação ou alguns contactos mas não podes contar com eles todo o tempo. Não há nenhum professor que te diga como deves fazer as coisas melhores. Deves descobrir por ti mesmo. (Entrevista)

5.3 Na casa da juventude (nos projetos da CJ e nos projetos pessoais)

5.3.1 Relação de ajuda

- Lasse –Quando há projetos aqui na CJ podemos fazer uma grande diferença na ajuda que damos. Em intercâmbios de jovens por exemplo, quando há 25 pessoas vindas de toda a Europa, nós podemos dar-lhes tanta informação e ajuda para tornar uma semana ou duas semanas mais fácil para eles. No geral eu acho que nós damos mais e somos mais importantes no que fazemos aqui na CJ do que nas instituições. (...) Carolina – e que tipo de tarefas é que vocês fazem na CJ? Lasse – nós ajudamos em tudo, na verdade. Tudo o que eles precisarem de fazer. E isso pode ser desde ajudar o Alfredo, por exemplo, a ir buscar algo ao Porto e por isso nós vamos. Se os voluntários não tivessem cá, ele não poderia fazê-lo ou precisaria de outra pessoa. Alguém que perderia tempo do teu trabalho real. Esta é que eu acho que é a importante ajuda que nós damos. E não fazer o trabalho de outra pessoa. Projetos como os intercâmbios de jovens, quando é hora das refeições nós temos algumas responsabilidades, que são importantes na ajuda da cozinha antes e depois das refeições. (Entrevista)
- Pergunto à Larissa o que fazem durante o dia para além de visitar instituições e ela diz-me que fazem várias coisas, naquilo que é preciso ajudar. Ajudar nos campos de trabalho

internacional, intercâmbios, tarefas em grupo, desenvolver atividades para a agenda cultural, podendo propor uma atividade a desenvolver, como dar aulas de italiano, dar aulas de zumba etc (NT 3 de Outubro)

- Dia 5 de Novembro começa um projeto sobre comércio justo, com 23 participantes, inclusive os voluntários do SVE anterior e os voluntários da associação do Comércio Justo estão a ajudar o Daniel a preparar. A Giulia, a Jelena, a Ewelina e a Lauma tem que traduzir informações sobre comércio justo para inglês, tem que fazer jogos sobre comércio justo, valores éticos do comércio justo, finanças éticas etc. Tem também que pensar na decoração da casa para esse projeto. O Javier como não é muito bom a falar inglês está responsável por procurar filmes sobre o Comércio Justo (NT 17 de Outubro)
- A Maarit confessa-me que gosta muito de estar na quinta. Maarit - Sinto-me em casa. Os meus pais tinham uma quinta com animais e vegetais. E gosto do João e da Amélia. Sei que eles tem muito trabalho, precisam de ajuda e seria boa ter pessoas com mais energia que os pudessem ajudar. Vou falar com a Sofia para saber se posso vir uma semana. Estou muito entusiasmada. (NT 1 de Novembro)
- Carolina – E o que é que fazes na quinta? Maarit – No geral, eu ajudo no que eles precisarem. Às vezes apanhamos frutas, alimentamos os animais, limpamos as folhas do chão, guardamos as ovelhas, e colhemos vegetais para a feira. (Entrevista)

6. A proficiência linguística como obstáculo na comunicação e relação humana

Indicadores: Dados relativos a situações e percepções sobre o papel e influência da proficiência linguística, neste caso a língua portuguesa, na comunicação e relação humana nas instituições locais, na loja do Comércio Justo e na comunidade

- Cheguei à Cerci às 9.30h. A Chiara e a Réka estariam lá. (...) Fomos para a sala de espera.(...) Entretanto a Chiara olha para algumas palavras ilustradas na parede e começa a fazer-me perguntas sobre como é que se diziam algumas palavras em português. Verbos. Ia dizendo os verbos em português e eu confirmava ou corrigia. Confessa-me que tem mesmo que falar português. Perguntei-lhe como é que ela tem estudado e ela diz que ouve fado: Ana Moura. (NT 17 de Outubro)
- A Ewelina explica-me que elas só começam a trabalhar nas lojas em Novembro e com ajuda de voluntários da Reviravolta, pois o português delas ainda é muito fraco. (NT 21 de Outubro)
- Jack – E o teu dia como foi? Maarit – Na dança foi bom, eles divertem-se a dançar, mas no teatro não percebi metade do que eles dizem, porque ele fala muito rápido. Jack – Pois é esse é o problema. No orfanato eu entendo porque eles falam devagar e de forma clara. (NT 23 de Outubro)

- A Larissa trouxe um dicionário de português-inglês inglês português. Durante a apresentação do seu país fala devagar e com frases curtas. A professora ajuda-a e completa aquilo que ela diz. (...) Notava-se o esforço da Larissa pois o português dela ainda está verde. Quando a professora começa a escrever palavras em português no quadro a Larissa senta-se com o dicionário na mão e as palavras que não conhecia ia procurar ao dicionário o significado. A professora fala para ela em português mas como há muita coisa que a Larissa não percebe pergunta-me. (NT 29 de Outubro)
- O Jack vem ter comigo dizendo que precisava da minha ajuda, para traduzir as instruções do jogo que ia começar a jogar com meninos/as. Ao ajudá-lo assumo o protagonismo e ele fica na sombra pois não consegue comunicar em português. Quando há palavras que não conhece pergunta-me os significados. Muitas coisas que ele não consegue dizer pede-me me a mim para dizer. À ida para casa ele confessa-me que como sabia que eu vinha não preparou as frases em português que teria que dizer para as instruções do jogo. (NT 18 de Novembro)
- Carolina – E qual é o espaço que achas que é mais desafiante para ti? Réka – A escola. Porque estamos com 40 crianças, não temos ninguém que nos ajude e temos que nos desenrascar e conseguir comunicar com eles. (NT 21 de Novembro)
- A Maarit pede-me para traduzir e dizer lhes aquilo que ela não consegue comunicar. Muitas vezes tenho que a ajudar. Fala devagar, em poucas palavras. Pede-me para lhes perguntar quem é quer participar na dança de Natal. Diz-me para eu dividir o grupo em dois. Assim faço. Escolhe uma música e fica a pensar no que vai fazer na coreografia. Pergunta-me se eu tenho ideais. Não sei. Ela vai-me dando instruções sobre a coreografia e eu traduzo às meninas (7) e também lhe faço sugestões. (NT 27 de Novembro)
- Maarit - Penso que vou ter que utilizar outra estratégia quando tivermos na atividade de teatro. Como eu não falo muito bem português pensei em fazer exercícios de mímica. Em cartões escrevo uma frase ou palavra e eles tem que imitar. Quanto à aula de zumba o melhor é eu escrever as frases em inglês que preciso de passar para português e depois pedia-te para as passares para português. (NT 27 de Novembro)
- Fui até à Santa Casa. O Jack estava numa mesa com 3 idosos a jogar à sueca. E o Lasse estava noutra mesa com 3 idosos a jogar uma espécie de dominó com imagens de animais. (...)Lasse – Eu escolhi este jogo porque é fácil. Não tenho que falar muito. Só tenho que saber o nome dos animais. O Lasse tem muitas dificuldades em falar português (NT 5 de Dezembro)
- Chiara - Este é o problema maior. O da comunicação, pois não se consegue falar. E tenho a sorte de entender o que os portugueses dizem e de puder comunicar bem, por isso acho que as aulas de português são importantes. Porque se sabes a língua as atividades correm melhor. (NT 18 de Dezembro)

- Carolina – E a barreira da língua é a maior barreira no relacionamento com os utentes nas instituições? Jack – sim, ou seja, por um lado, é uma boa forma para praticar português, mas por outro lado, o português que as pessoas mais velhas e as crianças falam não é português perfeitamente correto. E nós também não falamos português corretamente. Tentamos falar e eles não entendem. (Entrevista)
- Maarit – A língua é uma barreira muito grande. É muito difícil quando não entendes nada e não podes responder. Mas agora está a ser muito melhor e por isso desfruto muito mais as instituições. No início era do tipo “oh, eu tenho que ir lá agora, como é que eu vou lidar com este dia outra vez, como é que eu ponho este português na minha cabeça. Era esta frustração. (Entrevista)
- Lasse – A língua é definitivamente a grande barreira nas instituições. Somos deixados totalmente sozinhos. Não temos ajuda inglesa de algum tipo e isso é realmente muito bom. Eu não consigo comunicar quase nada com os técnicos com quem trabalho. Podemos dizer 10 palavras num dia, mas longas conversas em linguagem corporal. Mas claro que muitas coisas se perdem. (...) Eu não consigo comunicar quase nada com os técnicos com quem trabalho. Podemos dizer 10 palavras num dia, mas longas conversas em linguagem corporal. Mas claro que muitas coisas se perdem. (...) O problema de sermos um grupo tao grande é que nós falamos inglês entre nós. (...) Tu aprendes muito mais rápido quando tu és forçada a falar. Aqui nós dizemos assim (voz de desânimo): oh talvez vamos ter uma hora e meia de português hoje, porque tenho pouco tempo... eu não sei. E nós só falamos inglês aqui. E isso é um grande problema aqui definitivamente. (Entrevista)
- Larissa – No início foi muito difícil comunicar. A língua era o problema e não as pessoas. As pessoas eram muito fixas, a tentar explicar-me e muito mais. Mas eu estava a ter dificuldades em comunicar com os clientes na cerci ou com as crianças. (...) Quando as pessoas falam rápido entre eles é difícil, porque eles cortam as palavras, e a pronuncia é muito difícil também. (Entrevista)
- Carolina – e como foi a tua integração aqui no Porto? Lauma – (...) Aqui no Porto as pessoas portuguesas são muito prestáveis e queridas mas no primeiro mês foi difícil pois eu não sabia nada em português. Nós eramos como aliens nesta cidade. (risos) mas passo a passo, construímos laços e já temos amigos que são voluntários estrangeiros SVE. Também temos amigos portugueses mas não são tão íntimos. (Entrevista)
- Ewelina – A única pessoa que conheci que não fala inglês e que só fala português e de quem me tornei colega foi um brasileiro. Com o meu “pobre” português, falamos lentamente, ela é muito paciente e repete, tenta dizer umas 5 vezes uma coisa simples até que eu consiga entender. (Entrevista)

7. Percepções sobre a aprendizagem da língua portuguesa

Indicadores: todos os dados referentes a aspetos ligados à aprendizagem da língua, nomeadamente soluções para colmatar as dificuldades de aprendizagem

- Em relação às aulas de português o Lasse teve muitas dificuldades e deixou de ir às aulas, porque chegou a uma altura que a professora aumentou o grau de dificuldade e eles ainda não estavam preparados, pois ainda tinham dificuldades no nível anterior. Por isso ele, a Maarit e a Larissa desistiram. Porém ele está a estudar por ele mesmo. Como ele aprende melhor pelo ouvido, fez download de um programa áudio na internet, em que ouve aulas em português. Tem vários módulos. Também lê livros. Diz que agora tem muita dificuldade mas a cada dia vai estando melhor. (NT 9 de Outubro)
- Lass - O problema de sermos um grupo tao grande é que nós falamos inglês entre nós. (...). Tu aprendes muito mais rápido quando tu és forçada a falar. Aqui nós dizemos assim (voz de desânimo): oh talvez vamos ter uma hora e meia de português hoje, porque tenho pouco tempo... eu não sei. E nós só falamos inglês aqui. E isso é um grande problema aqui definitivamente. (Entrevista)
- Ewelina – O grande problema é a língua. As aulas de português não foram dadas de forma eficiente. Nas aulas deram-nos apenas gramática. Então o que acontece é que não conseguimos ter uma mínima conversa, pois não conseguimos reconhecer nos discursos as mínimas palavras que decorámos. Se estivéssemos melhor na língua conseguiríamos falar. (NT 5 de Novembro)
- Lauma – Fomos a um evento que se chama “Language Exchange meeting” na Casa da Hora, que basicamente é um encontro de jovens de diferentes países, incluindo os voluntários SVE que estão na Casa da Horta, em que se fala português. É muito bom porque pratico português, conheço pessoas de diferentes países, e trocamos experiências. (NT 26 de Novembro)
- Larissa - Seria bom termos uma regra de falarmos em português. Se eu for forçada a falar eu falo e melhora. (NT 18 de Dezembro)
- Maarit – Para mim eu sinto que eu aprendo muito melhor sozinha e falando com pessoas portuguesas que trabalham aqui ou com os outros voluntários. (...) e agora começamos a dar aulas em inglês para os trabalhadores da CJ, e ao mesmo tempo aprendo português . Por isso é muito bom. (Entrevista)

8. Compromissos dos voluntários com os valores da Casa da Juventude

- Jack – Eu concordo com a filosofia ecológica da CJ. Mesmo antes de vir para aqui eu concordava. Não usar químicos na produção agricola ou na comida porque em casa nós

temos jardim e não usamos pesticidas. E mesmo a reciclagem, em casa eu reciclo. então Estas coisas são importantes. E penso que estes valores tem que começar muito cedo desde que somos crianças. Primeiro em casa, depois na escola e na sociedade. Por isso na CJ é responsabilidade dos voluntários promover esses valores às crianças locais, no orfanato, na escola (Entrevista)

- Carolina – E tu já tinhas ouvido falar sobre comércio justo? Javier – não. Mas já tinha ouvido falar em agricultura biológica. E gosto muito e penso que o que estou a aprender me vai ser útil, apesar de na minha terra ser difícil não usar nenhum fertilizante pois é muita terra. (NT 25 de Outubro)
- Carolina – E de um ponto de vista politico, a tua visão mudou no que se refere ao comércio justo? Lauma – Honestamente, as pessoas não estão educadas neste campo. Mas eu gostava de espalhar esta informação porque por exemplo no meu país as pessoas não conhecem. E eu acho que se tu lhes contares e explicares as coisas elas irão comprar. (Entrevista)

9. Relação dos voluntários com a comunidade

Indicadores: todos os dados relativos à vivência social e participação cívica dos voluntários, bem como à perceção que os voluntários têm da comunidade.

- Entretanto a Chiara chamou-me à parte para falar comigo. Baixa o tom de voz, antecipando o secretismo da revelação, e confessa-me que está a criar um blog com o Jack para estrangeiros e para amarantinos sobre a cidade de Amarante. Aonde comer, o que visitar, aonde alugar casas, onde alugar bicicletas, um chat de compra e venda online, um espaço com entrevistas a pessoas da cidade Isto porque quando chegou a Amarante não encontrou muita informação sobre a cidade, sobre aonde se alugar casa etc.. Refere que para além de ser uma forma de ajudar a comunidade também é uma forma de desenvolver algumas competências informáticas. (NT 7 de Outubro)
- A Chiara tinha um bloco na mão e ia partilhando com o grupo aquilo que queria abordar. Afirma que quer dar um concerto na Santa Casa com alguns elementos da Orquestra do Norte e quer escrever um artigo sobre uma exposição de arte em que alguns alunos da Cerci participaram. Quer também encontrar um prédio ou casa abandonado, porque já se apercebeu que há muitos abandonados ou vazios, e quer pintar as paredes com tintas ecológicas, naturais. Assim seriam 3 dias de workshop, no primeiro aprendiam, no segundo pintavam e no terceiro faziam um concerto de música. O Jack e a Réka não se entusiasmam muito mas dizem que é boa ideia. Parecem distantes entre eles. Ela diz que é uma oportunidade não só de pintar o prédio, restaurando-o, mas também é uma oportunidade de poder usar um grande espaço para expressarem a sua arte, sem terem que estar preocupados com a polícia. (NT 18 de Novembro)

- A Ewelina diz que quer participar na cidade, envolver-se noutros voluntariados e ativismo social e político. Afirmo que não quer ser simplesmente uma hóspede ou parasita, mas quer dar algo de volta à sociedade. (NT 21 de Outubro)
- Carolina – E como é que te sentes ligado à comunidade de Amarante? Lasse - É aqui que eu vivo, é aqui que trabalho, mas eu não sou uma parte da comunidade porque ... claro que nós temos os nossos amigos portugueses, e passamos tempo juntos e saímos mas nunca algo mais profundo do que isto. Não é mais profundo que cerveja, ou um filme ou coisas do género. E na comunidade devido ao facto de eu não falar muito bem português, é muito difícil para mim compreender as pessoas, especialmente porque eles falam muito rápido. (...) Se eu falar com alguém de Amarante, pessoas com quem falamos, e disser que sou voluntário na CJ eles põe uma máscara, ou uma parede. Ok ele nem sequer é português. No geral, as pessoas não nos levam a sério. Elas não sabem o que nós fazemos e porque é que estamos aqui. Em muitos sítios nós dizemos que trabalhamos na CJ e eles pensam que nós recebemos por trabalhar lá. Porque eu tenho uma sensação de que especialmente as pessoas da nossa idade pensam que nós fazemos trabalhos que era suposto eles fazerem. Que nós somos pagos em vez deles. (...) Eu não sinto que pertenço à comunidade. Somos 9 voluntários aqui na CJ e se nós queremos ser uma parte da comunidade, não podemos ser tantos. Porque nós somos a nossa própria comunidade, nós somos os nossos amigos, nós somos muito próximos uns aos outros, mas isto significa que não somos assim tão próximos com mais ninguém. Por isso eu acho que nós seríamos mais aceites na comunidade se as pessoas soubessem quem nós realmente somos. (Entrevista)
- A Réka deu a ideia de escrever no facebook uma pequena apresentação/descrição de cada um dos voluntários do SVE: de onde são, o que gostam e o que estão cá fazer. Eles acharam boa ideia. (...) O Jack sugeriu colocar se sabem português porque assim quando eles os virem já vão falar. Diz que eles até sabem quem nós somos mas não sabem o que é que estamos aqui a fazer (NT 18 de Novembro)
- Larissa - O mais importante é ver como é que as pessoas vivem aqui e isso é o mais importante para mim. Tenho amigos portugueses e vejo como é que eles vivem, trabalham tudo.. Carol – e conheces-te-os aqui na CJ? Larissa - Sim, a maioria sim. através dos intercâmbios...
- Chiara – A minha relação com a comunidade é maravilhosa. Ainda hoje tenho uma amizade maravilhosa com todos. E com os idosos também tenho uma relação de simpatia. Dão-me prendas, comida, convidam-me para jantar, dão me livros. Se preciso de uma coisa, como informação de um monumento da cidade, todos me dão informação que preciso. E isto também acontece porque depois que comecei o trabalho com as instituições, eu empenho-me muito para trabalhar então conheço muitas pessoas, porque gosto muito de socializar, e falo

um pouco português. Então é muito simples para mim socializar. Gosto de organizar eventos para eles. Se posso faço exposições concertos, e por isso eles conhecem-me. (Entrevista)

- Chiara - O meu trabalho aqui está a mudar um pouco... Tenho menos entusiasmo porque eu sou a única interessada na comunidade e não tenho apoio da organização da CJ porque eles estão com os projetos deles e então não se veem muito interessados no que eu quero fazer. Então o que querem de mim é uma ajuda para os projetos deles. Nada mais. (Entrevista)
- Jack - Se o objetivo é contribuir para a sociedade é importante ajudar tanto quanto é possível. Mas às vezes torna-se difícil quando tu tens as tuas próprias ideias que gostarias de implementar que não são exatamente as mesmas que a organização gostaria de fazer. Por exemplo eu posso ter uma ideia que é boa para a sociedade mas se a organização não concorda ou paras, ou continuas por ti mesmo, o que é mais difícil. (Entrevista)

10. A relação entre os voluntários em cada um dos projetos de SVE

Indicadores: Inclui todos os dados sobre as percepção dada às relações entre os voluntários e ao seu trabalho em equipa

10.1 Dificuldades em trabalhar em grupo –falta de comunicação e cooperação

- Reparo que o ambiente no gabinete não é o mais amistoso. Frio diria. Cada um está sentado em frente ao pc, com os auscultadores nos ouvidos. Não falam entre si. Não se nota uma cumplicidade calorosa, nem um fio de conversa ininterrupto, vão falando aos solavancos, comunicando entre longos silêncios. (NT 7 de Outubro)
- Larissa –Eu gostava que comunicássemos entre nós as nossas ideias. Nós somos um projeto de grupo mas trabalhamos mais individualmente

Chiara – Eu posso propor projetos em grupo, mas se não vejo entusiasmo avanço para a frente com o projeto individual. Podemos por um papel, com os projetos ou ideias que cada um.

Larissa - Está a faltar sermos equipa. Nós não gastamos tempo para estarmos juntos. Temos que falar mais, não é só por na parede.

Sofia – Vocês são privilegiados, só tem que ser mais equipa, discutirem, divertirem-se uns com os outros. Quando venho cá vejo o clima em baixo. Não vejo as pessoas entusiasmadas e com energia. Tentem encontrar motivação.

Lasse – O problema está nas pessoas porem primeiro os interesses individuais do que os do grupo. Muitas vezes não gosto de estar aqui no gabinete porque não gosto da tensão que se sente. Parece que se quer fazer as coisas sozinhas, quer-se vitórias pessoais. Mas acho que a vitória deve ser coletiva.

Jack – Se eu estou sempre a ouvir “ah eu não quero fazer, ah eu estou cansado... mas depois dizem sim vamos à festa..” Eu estou aqui não para a festa mas para aprender a língua e trabalhar em grupo.

Réka -Temos que aprender a ser equipa.

Sofia – Ok. Há pessoas mais motivadas que outras. Há pessoas que tem mais iniciativas e outras que querem mais ouvir e por em prática. Tentem abrir o coração dos dois lados e respeitarem-se mutuamente. Isto é um grupo, não interessa de onde vem a ideia. Temos que cooperar. (NT 18 de Dezembro)

- Carolina – E como é que vocês se dão? Chiara - Na verdade não estamos muito tempo juntos. As refeições tomamos na CJ, estamos nas instituições e só vimos à noite. (...) Eu gosto de estar em todos os sítios menos na CJ. O clima no gabinete não é bom, é estranho. Não falamos. As pessoas pensam que no grupo do SVE temos obrigatoriamente ser logo muito amigas e uma família mas não é assim. Precisamos de tempo para nos conhecermos. (NT 30 de Outubro)
- Carol - Há dificuldades no relacionamento entre o grupo? Chiara – Sim sim. A primeira coisa é uma prisão pensar que eu tenho que ser amiga da pessoa com quem trabalho, senão a pessoa se ofende. Para mim isto é uma loucura. Na vida privada e no trabalho somos muito diferentes. Quando tu estás no gabinete não se passa nada. Mas quando tu trabalhas em conjunto é muito complicado. Porque eu vejo que não há muita vontade de fazer, a mesma que eu tenho. Então quando eu quero fazer coisas bem feitas, as pessoas dizem: não, mas isso não importa, podemos deixar assim. E isto desmotiva-me. (Entrevista)
- Réka - Temos motivações diferentes, trabalhamos de modos diferentes ou em quantidades diferentes para o objetivo e esta será talvez a maior dificuldade: diferentes ideias de voluntariado. (Entrevista)
- Carolina – Qual é o teu maior desafio? Jack – O primeiro desafio foi aceitar que os voluntários são todos diferentes, tem diferentes motivações e precisas de respeitar isso. O grande desafio é a comunicação e aprenderes a partilhar com os outros as tuas ideias, e não guardar para ti mesmo. No geral é trabalhar com pessoas porque nós somos muito diferentes entre nós, e aceitar diferentes abordagens ao trabalho. Por exemplo, eu prefiro que as pessoas trabalhem como eu, mas agora percebo que é melhor as pessoas fazerem da sua maneira sem estarem muito nervosos com isso. (...) No início eu queria fazer tudo à minha maneira, porque no início eu acho que não confiava muito nos outros. E foi do tipo, eu não quero deixá-los fazer porque eles não vou fazer como eu quero. Mas mais tarde eu disse: eu estou aqui para trabalhar em equipa, por isso, nós não temos nada a perder. O importante é que colaboremos e que toda a gente participe. (Entrevista)
- Carolina – Então como foi a tua manhã? Chiara – Estive a cozer as t-shirts, mas como sempre fiquei sozinha com o Jack. Carolina - então e os outros? Chiara – Ficaram no facebook. A Réka veio ver o que estávamos a fazer, mas ficou espedada a olhar para mim. Nem me perguntou como se fazia. Disse que ia á casa de banho e depois não apareceu. Quando fui ter com ela ao gabinete estava no facebook. Sabes é difícil trabalhar com voluntários assim. (NT 30 de Outubro)

- Carolina – E sobre o grupo, os 5 voluntários, achas que vocês agem coletivamente ou individualmente no trabalho voluntário? Maarit – Individualmente. É muito complicado porque nós vamos em duplas para as instituições, e cada pessoa tem os seus projetos individuais e muitas coisas para fazer. No meu caso é cozinhar, a Larissa dá aulas de zumba, a Chiara dá aulas de italiano. Penso que nos esquecemos que é suposto sermos um grupo que trabalha em conjunto. (Entrevista)
- Lasse - Eu não gosto da forma como nós trabalhamos neste grupo. Até Janeiro ninguém trabalhou em conjunto. Todos trabalharam para si mesmos. Eu não quero dizer que eu fiz a coisa certa, eu tentei trabalhar com, mas em algum momento eu parei também porque não podes estar a forçar e a forçar as pessoas a fazer uma coisa que elas claramente não querem fazer. Eu disse-lhes isto um par de vezes. Parecia que era competição entre eles para ver de qual deles é que era o melhor trabalhador. Parecia que era para cultivar a glória, do tipo, Oh eu estive tão bem. Eu fiz isto, isto, isto e isto. Para mim é mais importante dizer: Nós fizemos isto, isto, isto e isto... para mim é um “nós”. Sempre foi. É muito mais divertido trabalhar com as pessoas do que trabalhar contra as pessoas. Claro que podemos trabalhar contra alguém, mas essa pessoa convém que seja do exterior. (...) Por isso este grupo tira-me muita energia e esforço para tentar fazer com que sejamos um grupo porque eles ainda são muito individualistas na forma como trabalham. (Entrevista)
- Larissa - Nós aprendemos a não sermos competitivos entre nós, a lidar uns com os outros, aprendemos que sozinhos no trabalho não conseguimos fazer nada. Sempre precisas de ajuda. E muitas pessoas a trabalhar juntas tem um resultado muito melhor. Em geral, melhoramos o nosso trabalho enquanto equipa, principalmente depois do Natal. Agora temos uma reunião todas as semanas apenas com os voluntários com brainstorming, onde partilhamos as nossas ideias, e os outros dizem o que pensam sobre isso. Começámos a partilhar, a comunicar mais entre nós, o que é importante porque na verdade trabalhamos no mesmo escritório mas não temos um tempo comum para falarmos. Porque fazemos diferentes coisas em tempos diferentes e é uma confusão. (Entrevista)
- Chiara - Trabalhar em grupo é um grande desafio, é muito complicado e muito difícil. Seis pessoas, de diferentes países, que se encontram aqui pela primeira vez, de diferentes idades, de diferentes escolas, culturas e conhecimentos e se deixam a si mesmos, a organizar-se sozinhos para mim está completamente errado. No começo não tivemos um coordenador que nos ajudasse a trabalhar em grupo. Agora já é tarde para reparar a situação. Porque eu já trabalhei, e vejo que muitos deles são pessoas que estavam em casa, acabaram os estudos e agora estão aqui. Como é que podes saber como trabalhar em grupo? Não nascemos preparados. Precisamos de uma guia. E o Daniel e a Sofia eram os “guias” mas de facto não eram. A Sofia chega segunda-feira e diz-nos: “Ah como foi a semana? Foi bem, mal? Para o futuro temos este projeto. Arranjem estas coisas. Xau” (...). Carolina – e o que achas que

pode ser feito em relação a isso para o futuro? Chiara – nos primeiros meses pode ser feito um trabalho com os voluntários, de conhecimento, de confiança, ajudando, direcionando. Construção da equipa no começo, não agora. Também dizer as regras do trabalho de grupo porque as pessoas não sabem. SVE é educação não formal. Onde está esta educação não formal? Eu não vejo. (Entrevista)

10.2 Facilidades em trabalhar em grupo: aprender a ser grupo apesar das diferenças

- Lauma - O grupo SVE tem pessoas de 11 países diferentes. Gosto muito do nosso grupo do comércio justo. Somos muito diferentes, mas aprendemos a lidar uns com os outros. (NT 26 de Novembro)
- Lauma - Gosto muito do meu grupo. Nós somos completamente diferentes, viemos de diferentes culturas e backgrounds e por isso tu não podes avaliar as pessoas por ti mesmo (Entrevista).
- Carolina – E enquanto experiencia de relação com pessoas de diferentes culturas e países, qual é a maior riqueza que retiras desta situação? Giulia – É o confronto e a capacidade de dialogar com os outros. Porque quando cheguei aqui pensei: ah não sei como vou fazer com os outros porque estou acostumada a estar com italianos e com gente que conheço mais ou menos. Aqui não sabia o que ia encontrar. Mas o relacionamento no nosso grupo de equação foi imediato. Desde os primeiros dias tentámos dar-nos, falar e mostrar quem somos, quais são as nossas dificuldades, para sermos claros e transparentes uns com os outros. Porque sabemos que vamos trabalhar todos juntos por um ano, por isso é melhor conhecermo-nos imediatamente e depois trabalhar tranquilos. (Entrevista)
- Ewelina – É bom partilhar a experiência com outros voluntários, por sermos tão simpáticos uns com os outros. Somos todos diferentes, mas estamos na mesma posição e isso torna-nos mais disponíveis para ultrapassar os obstáculos e sermos bons uns com os outros. (...) Dá-me muita esperança por ser possível que pessoas de políticas diferentes, países diferentes se tentem dar bem e serem bons com os outros. É algo incrível, muito bom e aprendes a confiar. Confias nos voluntários dos projetos, não tens outra hipótese. (Entrevista)

11. O Serviço Voluntário Europeu enquanto forma de educação não formal

Indicadores: todos os dados que incluem perceções sobre as aprendizagens desenvolvidas e mudanças experienciadas, a nível pessoal, identitário, social e intercultural.

- Maarit - Em geral o voluntariado é sobre ter novas experiências, e aprender sem estudar. Aprendizagem informal...Se eu tivesse na Finlândia eu não aprenderia português, não teria

aprendido tanto sobre comida vegetariana ou quintas orgânicas, eu não teria conhecido estas pessoas fantásticas. (Entrevista)

- Carolina – E quais é que achas que são os benefícios desta experiência numa dimensão educacional? Lauma – No geral tu aprendes a partir da experiência porque aqui não há nenhum professor que te possa ensinar o que fazer, por isso aqui tudo depende mais ou menos de ti. Da experiência aprendes porque estás sempre a conhecer diferentes pessoas e também tentas aprender a partir das experiências deles. Claro que eu aprendo coisas novas como por exemplo o comércio justo. Na letónia não temos Comércio Justo. Por isso no meu caso é um campo completamente novo. E claro a questão da língua. E aqui eu tenho tempo para decidir o que quero fazer ... e agora estou a aprender matérias ligadas a informática. (Entrevista)

11.1 Aprender independentemente do projeto do SVE

- Carolina- Quanto a este trabalho voluntário, como o defines? Ewelina - O SVE, como é agora, tem uma estrutura pobre porque o voluntariado supostamente dá-te a oportunidade de te sentires bem contigo mesma porque fazes algo de bom. Isto resulta ao cozinhares para pessoas, ou plantares novas árvores na floresta porque sentes que fazes um bom trabalho que influencia o mundo, mesmo que não seja para o teu desenvolvimento. Vês o resultado imediato. O que eu faço na loja não me dá isso e também não está desenvolvido. É por isso que eu acho que este projeto, por esse prisma, está mal feito. Para mim, não é mau porque eu posso perfeitamente tomar conta de mim, organizar o meu trabalho e oferecer-me à organização para determinados campos profissionais onde tenho mais experiência para os poder ajudar. Mas se eu tivesse menos experiência ou fosse tímida, eu poderia também não dar nada ao projeto e provavelmente ninguém iria atrás de mim nem me daria atenção. Ao que eu vejo, eles não nos veem como pessoas com potencial para os ajudar, só veem um corpo que pode ser colocado numa loja quando esta estiver aberta. Não estão interessados na nossa experiência, nas nossas aptidões e desperdiçam um enorme potencial – não os culpo, porque a organização é pequena, não têm meios nem tempo e provavelmente também não terão experiência em lidar com voluntários. (...) Porém, para outros voluntários o tipo de abordagem de “Fica aí sentado das 10h às 18h, faz o que quiseres” não lhes agrada. E ao serem colocados para “baixo” devido à falta de atenção que lhes dão, como não são tão independentes desistem dos projetos. Por muito que queiramos fugir ao desemprego, não queremos perder tempo e ficar sem fazer nada. (...) Vejo como esta experiência de aprendizagem é forte a nível pessoal, intercultural e emocional, mesmo que a organização não faça praticamente nada. Só estares noutra país, por tua conta e aprenderes como lidares contigo mesma, como te dares bem com os teus colegas e outros voluntários tudo isto é muito importante para a tua experiência de aprendizagem. A aprendizagem nem é promovida

pelo projeto do SVE, faço-a por mim mesma. Pode ser feito através apenas da imigração normal, mas para mim é um ambiente seguro porque não vou acabar sem casa, sem um teto ou sem nada para comer. É como uma versão segura ou assistida da verdadeira imigração. Por isso eu não me sinto “pobre” porque eu faço as minhas coisas porque sou bastante independente no meu trabalho: aprendo o que quero aprender – à exceção da língua, que não estou a conseguir aprender, mas agora estamos a ter aulas e talvez consiga. (entrevista)

Ewelina - A autonomia e independência é uma qualidade deste voluntariado. Faço trabalho que está ligado ao voluntariado, estou a tentar espalhar a palavra sobre comércio justo, sobre o projeto da organização que eles desconhecem e não me preocupo em lhes contar porque não devem estar assim tão interessados. Também quero contactar com outras ONGs e com a imprensa local. Estou feliz com o processo de aprendizagem que atravesso, aprendo a organizar-me, mas é difícil porque quase não tenho apoio. (...) É difícil aprenderes só por ti quando ainda não tens as ferramentas necessárias e por vezes defronto-me com os meus problemas “internos” mas tudo é bastante valioso. Porém, para outros voluntários o tipo de abordagem de “Fica aí sentado das 10h às 18h, faz o que quiseres” não lhes agrada. E ao serem colocados para “baixo” devido à falta de atenção que lhes dão, como não são tão independentes desistem dos projetos. Por muito que queiramos fugir ao desemprego, não queremos perder tempo e ficar sem fazer nada. (...) Quando somos convidados a participar nesta experiência deveria ser referido. “Temos muito gosto em ter voluntários connosco, mas ficas avisado de que não temos pessoas para tomarem muito conta de ti e tens de ser bastante independente. Queres fazer isso? Achas que consegues fazê-lo? Ou queres aprender a fazê-lo?” Era bom que eles informassem desde o princípio da procura de voluntários: “Ei, autodidatas!...”. Porque depois disso, as pessoas têm outra forma de encarar as situações e sabem ao que vão. Para mim não foi mau porque estou muito feliz com esta parte, ao estar a enfrentar desafios que queria enfrentar e aprender o que queria aprender: organizar-me, ser auto criativa e ter iniciativa. (...) É difícil aprenderes só por ti quando ainda não tens as ferramentas necessárias e por vezes defronto-me com os meus problemas “internos” mas tudo é bastante valioso. (Entrevista)

11.2 Aprendizagem pessoal, relacional e intercultural

- Larissa - Num SVE a comunicação com pessoas de outros países e culturas, abre-se a mente para outras realidades e desconstrói-se preconceitos e falsas representações (NT 3 de Outubro)
- A Lauma afirma que esta experiência é muito enriquecedora pois sai-se para lá dos livros, abre-se a mente para novos conhecimentos, conhece-se novos países e culturas (...). Diz que o grupo de SVE da casa da juventude são de 10 países diferentes, os voluntários são

completamente diferentes na maneira de pensar e fazer mas isso é que enriquece o diálogo e a colaboração. (NT 19 de Setembro)

- Carolina – Quais são os grandes benefícios deste projeto EVS? Lauma – É desafiante aprender a comunicar com pessoas de diferentes culturas, e com diferentes personalidades. (...) A minha mente está mais aberta Penso que vou tornar-me mais flexível e compreensível. E por outro lado mais autoconfiante. Pois aprendo a desenvolver as minhas competências sociais e linguísticas saindo fora da minha zona de conforto. (Entrevista)
 - Carolina – E para ti o que é que é mais interessante neste projeto? Jack – É aprender português tanto quanto puder, mas é uma língua difícil, é exigente falar e entender o que as pessoas estão a dizer. E claro trabalhar em grupo com pessoas de países tão diferentes, tanto quanto possível. E claro conhecer pessoas de outros países durante estes intercâmbios de jovens, porque tu sempre aprendes algo novo (...) Eu aprecio que a União e a Comissão Europeia suportem projetos como estes, porque eu acho que é importante pois pessoas de diferentes países conhecem-se, quebram estereótipos, aprendem a colaborar entre elas. (Entrevista)
 - Carolina – E para ti quais é que tem sido as maiores consequências deste trabalho... o que é que tens aprendido mais... o que é que tens mudado... Giulia –aumentei a paciência (risos) não, estou a brincar. Ganhei competências de explicar-me noutra língua, e também no italiano. Também na comunicação com os outros. Eu sou sempre um pouco tímida (Entrevista)
- Carolina – E fala-me da tua relação com os jovens que vem dos intercâmbios e campos de trabalho internacional. Maarit – É sempre muito bom conhecer pessoas de outros países, aprender sobre as suas culturas... Em geral, interessam-me muito as diferenças culturais. Podes aprender tanto durante um ano onde há sempre pessoas a vir e a ir. Todos têm a sua própria opinião e maneira de fazer as coisas e por isso tu podes aprender muito como é que as coisas são em cada país... (Entrevista)
- Carolina – E para ti quais são os maiores benefícios educacionais desta experiência? Lasse – é difícil porque é esta educação não formal. Educação que não está no papel. Mas no geral o mais importante para mim é o quanto eu aprendi sobre compreensão cultural, a alargar o entendimento especialmente em relação a outras culturas, e aprendi muito sobre diferentes pessoas e o quão diferente eu posso ser de um dia para o outro. Algumas coisas mudaram mais do que aquilo que eu estava à espera. Especialmente na forma como eu comunico com os outros. Porque na Dinamarca nós julgamos muito rápido. Eu vejo uma pessoa e julgo-a em 10 segundos. Eu digo. Eles são isto isto e isto. Eu gosto ou não gosto. Fim da história. E o mais importante que eu aprendi aqui é não ser tão julgador ou crítico e tentar ser mais aberto a outras coisas e outras pessoas. Definitivamente tira-nos muita energia aceitar todas estas culturas. É difícil e exige muito trabalho mas é uma boa experiência. Não é tanto as

peessoas, mas as culturas. E isto é ainda algo em que eu posso ficar frustrado porque há coisas que eu ouço que para mim são completamente insanas, mas para eles é a coisa mais natural no mundo. E eu acho que quando voltarmos para onde quer que formos esta experiência nos fará muito mais tolerantes a aceitar muitas diferenças culturais e tipos de pessoas, que não faríamos antes. Eu acho que eu irei de certeza. Eu serei mais aberto a outras pessoas. Isto foi o que esta experiência me ensinou. Eu aprendi muito sobre mim mesmo, e sobre a minha cultura. (Entrevista)

11.3 Impacto da experiência de SVE sobre a vivência da cidadania ativa enquanto identidade e enquanto prática

- Jelena – Quando moras só num país, como eu morei só 29 anos na Sérvia, não percebes muito das outras culturas. Tu podes ler, tentar entender, mas não entendes tanto. Mas quando estás nesta situação com 9 nacionalidades, e vives num país que é completamente diferente do teu, tu passas a compreender como és, como são os sérvios, os portugueses e as outras nacionalidades. Então isso é muito importante e eu gosto. Porque autoconheceste melhor. Eu encontrei algumas características dos sérvios que nunca tinha visto em toda a minha vida, então quando chegam os meus amigos e outros sérvios eu vejo que todos temos alguma coisa que é da Sérvia. (...) Tive muitos choques culturais aqui então... mas aceito as diferenças. Acho que conhecer pessoas muito diferentes é muito boa experiência. (Entrevista)
- Carolina – E tu vês-te como cidadã europeia? Larissa - Sim, e também como grega. E não acredito nestas fronteiras entre os países, para mim conta mais o caráter da pessoa, não a identidade... e acho que estes projetos como o Programa Juventude em Ação e o Erasmus são uma boa oportunidade para quebrar as fronteiras e sentirmo-nos todos mais próximos, pois somos todos de um mundo, não interessa o país. (Entrevista)
- Réka –Nunca me senti como uma Húngara típica. Estar aqui ajuda-me a perceber o que é ser Húngara; a perceber o estereótipo de “ser Húngara”, a minha cultura. Se me perguntassem há uns tempos atrás, eu diria que sou uma cidadã do mundo, sou tão europeia, o mundo é meu. Agora sinto que tenho estes “ossos e raízes” do meu país. Esta experiência intercultural enriqueceu-me muito, e está a mudar aquilo que eu penso acerca da minha nacionalidade. Ajuda-me a ver o mundo com olhos diferentes, mas não posso despir assim tão facilmente o meu “casaco Húngaro”. (Entrevista)
- Carolina – Tu sentes-te como um cidadão europeu? Lasse – Sim, eu sou mais europeu do que dinamarquês. Ou diria, sou mais internacional do que sou dinamarquês. Mas tu não podes por um dinamarquês numa caixa e dizer que eles são assim. Porque nós somos muito diferentes. Porque nós somos uma sociedade pequena com cinco milhões e meio de pessoas e já não temos tradições. (...) Nós somos muito internacionais e as notícias e a *media* é muito mais sobre o que acontece em todo o mundo do que sobre o que acontece na

Dinamarca. (...) É por isso que eu não acho que nos consideremos dinamarqueses. Somos muito orgulhosos da nossa bandeira e da rainha, é algo que é muito sagrado para nós, para a nossa cultura. São os nossos símbolos. Mas é só isto. Não se trata de comportarmo-nos de uma certa forma, ou sermos de uma certa forma, somos todos diferentes. E é na verdade isso que torna o país interessante. Eu sou um cidadão do mundo, sou um cidadão da europa. Sim sou um cidadão da Dinamarca mas eu não pertença mais à Dinamarca. (Entrevista)

- Carolina - Achas que esta experiência é uma forma de desenvolver a tua cidadania? Ewelina - Para mim, sim. Acho que não há nada no SVE que seja mais forte do que isso. O facto de ires para um lado qualquer e experimentares outra cultura torna-te mais sensível aos ambientes multiculturais e mais aberta a entender as características culturais de pessoas diferentes. Eu tenho uma identidade europeia muito forte; uma identidade global. No contexto das pessoas que sabem do comércio justo e dos direitos humanos esta expressão não é assim tão estranha ter uma identidade humana mais abrangente. (Entrevista)
- Ewelina – No que respeita a cidadania, podemos ser muito tolerantes e sensíveis e ainda assim não ser um cidadão ativo e não ter a responsabilidade de viver a própria vida e conjugar a comunidade ou seja, gerir a tua vida e integrar ao mesmo tempo a comunidade. Se esta é a minha vizinhança e algo correr mal, vou evidenciar-me e fazer algo por resolver a questão; talvez fale com outros vizinhos e vamos resolver o problema. Nada neste projeto SVE nos leva a esse ponto. Não te desenvolve as capacidades de ser um cidadão ativo. Como indivíduo independente, sim. És mais sensível, mais aberta à multiculturalidade. Cidadão ativo? Não. Se eu desenvolvo as capacidades de ser mais ativa é graças ao trabalho que eu desenvolvo. Tento influenciar as pessoas daqui a serem ativas. Ninguém me diz para o fazer. Estou a praticar esta “cena” ativa. Estou a tentar encontrar o meu caminho para vir a ser uma cidadã ativa no meu dia-a-dia e não ser só uma ocupação porque és cidadã o tempo todo, independentemente do que faças. (Entrevista)
- Ewelina - Eu era uma ativista, na verdade, por vários anos e para mim é algo natural, que não nasceu por causa do SVE. Eu era membro de um partido que desafiava os sistemas económico e social. E no meu país participava em várias ações políticas e cívicas, ajudava a organizar ações cívicas que protestavam contra a comercialização da educação. (...) Para mim, o que faço aqui não é uma melhoria, é algo pior. Em termos de participação cívica e cidadania ativa é um passo atrás. (Entrevista)

11.4 Impacto da experiência de SVE sobre as perceções políticas, os hábitos e estilos de vida do voluntário

- Maarit - Durante este ano aprendi tanta coisa, que eu agora aprecio, no que se refere à agricultura biológica e ao comércio justo. Agora eu penso no que compro, de onde é que vem. Nestes tempos tenho pensado naquilo que tenho feito e quero mudar. Voltar às raízes, a

plantar e cultivar o solo que tenho. Talvez quando voltar à Finlândia mude os meus hábitos e até me especialize em cozinha vegetariana para abrir um restaurante meu. (Entrevista)

- Jelena – Antes de chegar aqui não conhecia o Comércio Justo. Mas comecei a trabalhar com estas coisas, escutei o Daniel, vi como ele fala e agora posso dizer que também apoio esta política e gosto de comprar comércio justo. (Entrevista)
- Javier – A verdade é que o mundo é diferente de onde eu vivia e do que eu pensava. Mudei a forma de pensar. Eu não sabia nada de produtos orgânicos e comércio justo. Não só posso comprar de uma forma igualitária e mais justa, mas também pela forma de trabalhar a terra, e não comer tóxicos nos produtos. Eu tinha um amigo que só come produtos biológicos mas eu não sabia qual era a importância que tinha. Talvez daqui 20 anos tenha mais importância. (Entrevista)

11.5 Importância da aprendizagem das línguas a nível profissional e relacional

- Carolina – E quais é que estão a ser os maiores benefícios para ti? Chiara – Idiomas. Só. Carolina – E quando saíres daqui pensas que esta experiência vai ser-te útil? Chiara - utilíssima, porque agora não é linda a nível de trabalho e não é estimulante a nível artístico mas eu agora falo inglês e isso já me ajuda muitíssimo 60% para o meu futuro. A nível de emprego, currículo, relacionamento com outras pessoas... (Entrevista)
- Carolina – E para ti quais são os melhores benefícios que posso tirar desta experiência para a tua vida futura ... Jack – aprender português é importante porque muitas empresas na Eslovénia vão colaborar com países como Brasil, Moçambique, Portugal. (Entrevista)